

UNIVERSIDADE PAULISTA

AGNES DE SOUSA ARRUDA

O PESO E A MÍDIA

uma autoetnografia da *gordofobia* sob o olhar da complexidade

Tese apresentada ao Programa de Pós-Graduação
em Comunicação da Universidade Paulista - UNIP,
para obtenção do título de doutora em
Comunicação.

Orientação Prof. Dr. Jorge Miklos

SÃO PAULO

2019

AGNES DE SOUSA ARRUDA

O PESO E A MÍDIA

uma autoetnografia da *gordofobia* sob o olhar da complexidade

Tese apresentada ao Programa de Pós-Graduação
em Comunicação da Universidade Paulista - UNIP,
para obtenção do título de doutora em
Comunicação.

Orientação Prof. Dr. Jorge Miklos

Aprovado em: ____/____/____

BANCA EXAMINADORA

____/____/____

Prof.^a Dr.^a Teresa Cunha

Centro de Estudos Sociais – Universidade de Coimbra (CES-UC)

____/____/____

Prof.^a Dr.^a Maria de Fátima Costa

Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro (UFRRJ)

____/____/____

Prof.^a Dr.^a Malena Segura Contrera

Universidade Paulista (UNIP)

____/____/____

Prof. Dr. Mauricio Ribeiro da Silva

Universidade Paulista (UNIP)

____/____/____

Prof. Dr. Jorge Miklos (orientador)

Universidade Paulista (UNIP)

DEDICATÓRIA

À minha mãe, que dividiu comigo as dores e os incômodos de ser mulher.

À minha irmã, que busca a beleza e a perfeição em tudo que faz.

À minha sobrinha, que me mostra todos os dias que existe um equilíbrio possível.

AGRADECIMENTOS

À CAPES pela oportunidade concedida de concluir meus estudos com recursos federais em épocas de investimentos tão escassos em ciência, educação e na arte do pensar.

À Ariane, ao Gustavo e à Sol, pelas aulas de inglês, e a todos que de alguma forma contribuíram para que eu pudesse, hoje, agradecer.

À minha família, mãe, pai, irmã e irmão, que me deram suporte incondicional, mesmo em momentos tão difíceis.

Ao professor Mauricio, pela generosidade de lá atrás ter me mostrado o caminho e me despertado o olhar para a complexidade das coisas.

À professora Malena, por me acompanhar no processo de resgate das Deusas.

Ao professor Jorge, por ter me aceitado e caminhado ao meu lado nos meus momentos de descoberta, de crise e de entusiasmo.

À professora Teresa pela acolhida generosa, por segurar a minha mão, por enxugar as minhas lágrimas e por mostrar que outros caminhos são possíveis... *Desde el sur*.

À Fafate pelas pizzas (e vinhos!).

E pela força, gentileza, generosidade, carinho... AMOR.

À Lucimara... POR TUDO.

À Ana, à Bárbara, ao Ewerton, à Denise, à Graice, ao José e ao Renato por toda luta, vinho e afeto.

À Luísa e à Vannessa, por ensinarem que a parceria pode vir de onde a gente menos espera.

Ao Tadeu, amigo especial e principal interlocutor deste trabalho.

À Valéria, à Lethicia, à Maria Joana e a todas as mulheres que cruzaram e cruzarão o meu caminho ao longo da vida.

Andamos juntas, lutamos sempre; até que todas sejamos livres.

Gordura não é feiura, é formosura!

(Vó Isolette)

RESUMO

Esta tese aborda a íntima relação entre os media e a *gordofobia*, preconceito contra as pessoas gordas. Em uma investigação que identificou inicialmente que essa relação se dá mais nas entrelinhas que de forma óbvia, tanto que a palavra *gordofobia* apenas recentemente passou a ser indexada nos dicionários formais da língua portuguesa (mas não em todos), e que embora pujante no contexto social o preconceito em questão ainda não é devidamente visto como objeto de pesquisa na área da Comunicação, foi necessário buscar por uma metodologia que compreendesse a complexidade desse fenômeno a partir da questão de como se dá a relação desse estigma com os media. A hipótese inicial trabalhada foi a de que a *gordofobia* é um preconceito criado, mantido e incentivado a partir do bios midiático e, como tal, ao mesmo tempo que gera, é gerado pelo apagamento do corpo da pessoa gorda na concretude da carne e na virtualidade da mídia eletrônica hegemônica. Assim, foi por meio da autoetnografia, utilizando a técnica da narrativa biográfica, cruzada com exemplos oriundos dos media (uma novela mexicana e um seriado americano de grande sucesso no Brasil, uma produção de Hollywood e uma notícia de um portal brasileiro sobre celebridades), esses apresentados a partir das ferramentas da análise de conteúdo, que se buscou a comprovação dessa relação. Usa-se para esse cruzamento os princípios do método da complexidade propostos por Edgar Morin, sendo eles o dialógico, o recursivo e o hologramático. O embasamento teórico se dá a partir dos conceitos de mediosfera, comunicação, mimese e vínculo de Malena Contrera e bios midiático de Muniz Sodré, trabalhando também com a teoria da mídia de Harry Pross, escalada da abstração de Vilém Flusser, corpo vivo e corpo morto de Dietmar Kamper e era da iconofagia de Norval Baitello Jr. Por fim, cabe ressaltar que se trata de uma tese de perspectiva feminina e feminista, estando as questões acerca de lugar de fala e representatividade propostas por Djamila Ribeiro também consideradas. Com a investigação, entendeu-se enfim as minúcias pelas quais age e retroage a *gordofobia*, e como esse preconceito, sentido na carne do convívio social, está diretamente relacionado com as representações que os media fazem das pessoas gordas e vice-versa, sendo impossível dissociar um do outro.

Palavras-chave: Mídia e imaginário. Complexidade. Corpo. *Gordofobia*. Autoetnografia.

ABSTRACT

This thesis deals with the intimate relation between the media and fatphobia, prejudice against fat people. In an investigation that initially identified that this connexion occurs more between the lines than in an obvious way, so much that the word fatphobia has only recently been indexed in the formal dictionaries of the Portuguese language (but not all), and although powerful in the social context the prejudice in question is still not properly seen as an object of research in the area of communication, it was necessary to search for a methodology that understood the complexity of this phenomenon from the question of how the relation of this stigma with the media occurs. The initial hypothesis was that fatphobia is a prejudice created, maintained and encouraged from the media and, as such, at the same time that it generates, is generated by deleting the fat person's body in the concreteness of the flesh and the virtuality of the hegemonic electronic media. Thus, it was through autoethnography, using the technique of biographical narrative, cross-referenced with examples from the media (a Mexican soap opera and a highly successful american TV show in Brazil, a Hollywood production and a brazilian celebrity portal news), those presented from the tools of content analysis, which sought to prove this connexion. The principles of the complexity method proposed by Edgar Morin are used for this cross, to know: the dialogic, the recursive and the hologramatic principles. The theoretical basis is substantiated on the concepts of mediaphere, communication, mimesis and bond of Malena Contrera and media bios of Muniz Sodré, also working with the media theory of Harry Pross, climbing abstraction of Vilém Flusser, living body and dead body of Dietmar Kamper and the iconophagy era of Norval Baitello Jr. Finally, it should be emphasized that this is a thesis of feminine and feminist perspective, and the questions about the place of speech and representativeness proposed by Djamila Ribeiro are also considered. With this research, the minutiae by which fatphobia acts and retroactively is understood and how this prejudice, felt in the flesh of social life, is directly related to the representations that the media makes of fat people and vice versa, and it is impossible to dissociate one from the other.

Palavras-chave: Media and imaginary. Complexity. Body. Fatphobia. Autoethnography.

LISTA DE IMAGENS

Imagem 1 – Montagem Monica Geller	15
Imagem 2 – Montagem Kelly Osbourne	17
Imagem 3 – Amy Gorda, de A Escolha Perfeita	47
Imagem 4 – Martin Lawrence em Vovó... Zona	47
Imagem 5 – Vera Holtz em Saramandaia	47
Imagem 6 – Dorota, de <i>Gossip Girl</i>	48
Imagem 7 – Gwyneth Paltrow em O Amor é Cego	48
Imagem 8 – Debby Ryan em <i>Insatiable</i>	49
Imagem 9 – Meme retirado a partir de cena do filme Se Beber Não Case	50
Imagem 10 – Quadrinho pessoa magra vs. pessoa gorda	51
Imagem 11 – Frame abertura Carrossel	73
Imagem 12 – <i>Frame</i> em <i>superclose</i> do rosto de Laura	75
Imagem 13 – <i>Frame</i> de Laura comendo	78
Imagem 14 – <i>Frame</i> de Laura triste e comendo	78
Imagem 15 – O sonho de Laura	79
Imagem 16 – <i>Frame</i> de Laura triste... E em <i>superclose</i>	79
Imagem 17 – Drew Barrymore em Nunca Fui Beijada	82
Imagem 18 – <i>Frame</i> de Nunca Fui Beijada 1	82
Imagem 19 – <i>Frame</i> de Nunca Fui Beijada 2	82
Imagem 20 – Monica gorda é sempre retratada como bobalhona e atrapalhada ...	85
Imagem 21 – Chandler rejeita Monica por ser gorda	85
Imagem 22 – Chandler associa a magreza repentina de Monica à beleza	86
Imagem 23 – Monica reflete como seria sua vida se ainda fosse gorda	86
Imagens 24 – Projeção da vida de Monica ainda gorda 1	87
Imagem 25 – Projeção da vida de Monica ainda gorda 2	87
Imagem 26 – Projeção da vida de Monica ainda gorda 3	87
Imagem 27 – <i>Frame</i> Monica gorda dançando e comendo 1	88
Imagem 28 – <i>Frame</i> Monica gorda dançando e comendo 2	88
Imagem 29 – Print recuperado da postagem original do site KTV	90
Imagem 30 – Três perspectivas da Vênus de Willendorf	96
Imagem 31 – Mariana Xavier vive Jenifer	101

Imagem 32 – Eu tenho o corpo de uma deusa!	102
Imagens 33 – Você já pensou em fazer dieta?	103
Imagem 34 – Tinha que ser uma gorda!	103

SUMÁRIO

1 INTRODUÇÃO	12
1.1 Porquê – e como – da autoetnografia da <i>gordofobia</i>	20
1.2 O peso, os media e o pensamento complexo	24
1.3 O nome dela é Jenifer: por onde passa a ressignificação?	26
2 O QUE É <i>GORDOFOBIA</i>?	28
2.1 Pessoa gorda ou pessoa obesa: uma questão etimológica	28
2.2 Navalha na carne: preconceito à flor da pele	33
3 O ETHOS MIDIÁTICO; A IMAGEM DE UM CORPO	37
3.1 Comunicação, mimese e vínculo	37
3.2 Noosfera e mediosfera: a imagem de um corpo	41
4 AUTOETNOGRAFIA DA <i>GORDOFOBIA</i>	52
4.1 Sobre as escolhas metodológicas	52
4.1.2 Uma questão de gênero	53
4.1.3 O corpo perigoso	55
4.2 <i>Gordofobia</i> na pele: a história de uma vida	58
4.2.1 Da infância	59
4.2.2 (Pré)adolescência	61
4.2.3 Vida (jovem) adulta	64
4.2.4 Tempos contemporâneos	67
5 O PESO E A MÍDIA	71
5.1 Laura: a ‘gulosa e romântica’ de Carrossel	73
5.2 Josy Nojenta: a jornalista ‘CDF’ de Nunca Fui Beijada	80
5.3 A Monica gorda de <i>Friends</i>	82
5.4 Guta Stresser: deprimida, porém ‘gata’	88
5.5 Um olhar complexo para a <i>gordofobia</i>	90

6 CONSIDERAÇÕES FINAIS: CAMINHOS PARA A RESSIGNIFICAÇÃO 95

REFERÊNCIAS 104

APÊNDICES 112

1 INTRODUÇÃO

Esta tese parte da inquietação a respeito das raízes histórico-culturais da *gordofobia*, percebendo a existência de uma profunda relação desse preconceito, que implica no desaparecimento do corpo da pessoa gorda, com aquilo que Sodré (2002) denominou o bios midiático. Não obstante, assume-se ainda que o corpo feminino é mais afetado que o corpo masculino nesse processo, e que isso interfere inclusive nas relações de vínculo e mimese, essenciais para os processos de comunicação inerentes ao ser humano como ser social. Nesse contexto, tem-se então a ideia de que a *gordofobia* está inserida em um plano ideológico que tenta desqualificar tudo aquilo que é concreto em benefício do virtual, inclusive o corpo. Esse plano teve início no final do século XIX e apogeu na primeira metade do século XX, e está relacionado com o advento dos meios eletrônicos de comunicação, principalmente dos meios que transmitem imagens à distância. É o que Flusser (2008) chamou de Escalada de Abstração. Para o autor, a evolução dos meios de informação está diretamente relacionada à subtração de sentido da comunicação humana, ou seja, quanto mais complicados e tecnológicos forem os meios, menos complexa¹ e vinculadora será a comunicação. Ao dar preferência a uma imagem técnica², mediatizada do corpo, ele acaba, como todas as outras coisas/objetos, passando simbolicamente por esse processo de abstração.

Na conjunção dos meios hegemônicos, esse processo de abstração está enraizado nos mais diferentes níveis sociais, principalmente no Brasil. Se artistas de cinema e televisão vivem da sua imagem para o público e, por isso, acabam se automutilando com cirurgias plásticas e procedimentos estéticos invasivos em busca da juventude eterna, esse

¹ Complexo, neste trabalho, relaciona-se ao pensamento de Edgar Morin (2005) ao desenvolver a Teoria da Complexidade. Para o autor, a relação dos saberes é fundamental para a compreensão do ser humano no seu contexto. Nesse sentido, uma comunicação humana complexa relaciona todos os fatores que interferem no processo de comunicação desse ser que o próprio Morin (1979) chama de *homo-sapiens-demens*, “[...] um ser de uma afetividade imensa e instável, que sorri, ri, chora, um ser ansioso e angustiado, um ser gozador, embriagado, extático, violento, furioso, amante, um ser invadido pelo imaginário, um ser que conhece a morte e não pode acreditar nela, um ser que segrega o mito e a magia, um ser possuído pelos espíritos e pelos deuses, um ser que se alimenta de ilusões e de quimeras, um ser objetivo cujas relações com o mundo objetivo são sempre incertas, um ser submetido ao erro, ao devaneio, um ser híbrido que produz a desordem”. (MORIN, 1979, p. 116). Ao reduzir a comunicação humana a um mero esquema de transmissão de informação, os estudos da área acabam por ignorar essa complexidade e a compreensão do problema se torna, no mínimo, superficial.

² Imagem técnica é um termo apresentado pelo próprio Flusser (2008) ao se referir às imagens criadas, única e simplesmente, a partir de algoritmos. Segundo o autor, o que antes se dava pela imaginação do ser humano em seus produtos culturais, hoje acontece única e simplesmente pelo cálculo e pela computação, considerando os aparelhos digitais de produção de imagem. Ao se transformar em um funcionário da câmera fotográfica, o ser humano produz as imagens que a máquina quer que ele produza, não o contrário.

público, em um movimento de retroação, espelha-se nesses artistas e almeja para si suas imagens (LAUS, 2017), movimentando assim bilhões de reais por ano no mercado de beleza e estética³. São tratamentos capilares, faciais, para as unhas, massagens e injeções para as gorduras localizadas, perfumes, maquiagens, cremes, entre uma infinidade de outras opções, que são oferecidas. Os preços também são tão variados, para que todo a gente possa ter acesso, gerando uma nação de pessoas que, influenciadas pelos modelos de corpos midiáticos, e interessadas em midiaticizarem a si próprias, fazem de tudo para transformarem seus corpos em imagem, em um processo que Kamper (1998) chamou de mortificação do corpo. Mais do que uma alteração no corpo, ou na imagem desse corpo, entende-se a princípio que a relação dos media com a *gordofobia* interfere de maneira muito mais profunda nos sentidos da comunicação humana. Busca-se assim um desvelamento dessa relação como parte inicial de uma contribuição acadêmica para a área de pesquisa em questão.

De volta a Kamper (1998), o autor explica que mortificar o corpo, processo que acontece também com consequência das intervenções estéticas supramencionadas, é uma forma de disciplinamento ideológico. Fica fácil perceber do que se fala ao considerar, por exemplo, as penitências físicas impostas pela Igreja Católica na Idade Média. Aproveitando-se da representação visual de um Jesus crucificado, enraizada no imaginário social, a instituição manteve seus fiéis sob seu controle ao transformar o corpo em expurgo para o pecado. Além disso, Kamper fala sobre a mortificação do corpo a partir de sua transformação em imagem técnica, o que particularmente interessa para este trabalho. Trata-se de um processo que o autor relaciona aos termos “máquinas de imagem” (meios eletrônicos) e “máquinas de olhar” (o corpo que assiste aquilo que os meios eletrônicos emitem), que em uma sociedade mediática como a brasileira contemporânea, torna quase que obrigatória a transformação também de pessoas em imagem (KAMPER, 2000a).

A coerção – de transformar em imagem tudo o que existe, por força do olhar – está algemada a uma estranha voluntariedade que borra e apaga inapelavelmente as velhas fronteiras, frentes de batalha e limites. Esta coerção “coerção voluntária” desdobra-se e revela-se atualmente em imponentes efeitos especiais, e com uma eficácia irrefutável. E, para aqueles que, voluntária ou involuntariamente, colocam a visibilidade como condição da própria pertencência social, ela não deixa a menor chance de escapar. Abra-se aí um círculo vicioso: para participar no processo da visibilidade em ascensão,

³ MARZANO, Francelle. **Mesmo com a crise, setor de beleza e estética deve movimentar R\$ 9 bi em 2015.** Estado de Minas – Economia. Disponível em <http://www.em.com.br/app/noticia/economia/2015/07/26/internas_economia,672277/mesmo-com-a-crise-setor-de-beleza-e-estetica-deve-movimentar-r-9-bi.shtml>. Acesso em 18 abr. 2017.

as pessoas suportam a perda da própria vida em sua corporalidade pluridimensional. Elas condenam a si mesmas a existir e a viver apenas na superfície da imagem. E isto acontece com uma crueldade absolutamente internalizada. (KAMPER, 2000a, p. 8).

Apesar de, como visto, todo o sofrimento físico necessário para essa transformação do corpo em imagem, as pessoas acabam se submetendo a esse processo de maneira até mesmo involuntária, considerando as reflexões de Baitello (2005) a respeito da Era da Iconofagia. Nesse contexto, a repetição de imagens midiáticas gera um eco tão profundo no imaginário social a ponto de essas representações serem as únicas referências imagéticas da sociedade contemporânea. No entanto, está claro, que são as mulheres as que mais sofrem com essa crueldade assistida, e a *gordofobia* está inserida nesse processo. Dessa forma, pode-se dizer que a *gordofobia*, tal como se compreende como fenômeno para este trabalho, tem sua origem e aprofundamento no próprio bios midiático, a partir do momento em que, com os meios eletrônicos, especialmente com os meios que transmitem imagens, a transposição do concreto para o virtual se tornou uma questão de ordem. O corpo, que já vinha sofrendo ataques sistemáticos desde a Idade Média, passou a ser o principal alvo desse processo, com a obsessão por transformá-lo em imagem. A lógica da não-coisa (Flusser, 2008) expandiu-se também para o não-corpo; no entanto, apagar um corpo de peso se demonstrou não ser tão simples assim, gerando então o processo de *gordofobia*.

Esse processo de apagamento do corpo gordo a partir da mediatização (SODRÉ, 2002) se dá das mais diversas formas, das mais sutis às mais agressivas. Os modelos que os media apresentam para essas pessoas cumprem alguns propósitos. Entre outras representações identificadas de forma preliminar, e que serão detalhadas nos próximos capítulos, tem-se modelos em que as pessoas gordas apresentadas e representadas servem ou de alívio cômico à história, quando suas características físicas são utilizadas como ponto de humor, ou de estepe para o personagem principal seja como conselheiro, melhor amigo ou aliado. Outra representação comum é a da pessoa gorda como sendo feio, repulsivo, com poucos hábitos de higiene, ou então uma abobalhada patética. Entretanto, é difícil uma pessoa gorda aparecer como personagem principal ou modelo a ser seguido. Não raro é possível ver que, para ser bem-sucedido, o personagem percebido gordo precisa passar por uma transformação estética que inclui, obviamente, o processo de emagrecimento. Isso é possível ver, apenas para citar um caso como exemplo, com o que acontece a Monica Geller, do seriado de sucesso internacional, *Friends*.

Gorda durante toda a infância e adolescência, Mônica foi por todo esse período hostilizada por seus pais e amigos e, mesmo após o emagrecimento, processo provocado inclusive por uma rejeição amorosa que a personagem sofreu por conta de sua aparência, sua antiga forma física sempre era lembrada como motivo de chacota entre os colegas. O mais marcante de tudo, no entanto, é que quando gorda, Mônica era retratada como boba, infantil, imatura, atrapalhada e desastrada, características que foram extremamente reduzidas após o processo de emagrecimento. Na fase magra, Mônica era a competente chef de um restaurante renomado, organizada, racional e sensata, que vivia dando apoio e abrigo aos outros cinco amigos, sempre em situações menos resolvidas que as dela.

Imagem 1 – Monica Geller é uma das seis integrantes do grupo *Friends*, que só foi aceita por seus colegas após passar por uma transformação que incluiu o emagrecimento



Fonte: Magoga, 2016.

O exemplo da personagem Monica Geller reflete a ideia de que o modelo positivo de corpo, no contexto dos media, é o corpo magro; enquanto o corpo gordo é punido, o magro é compensado. Esse exemplo se repete em uma série de outros casos que serão detalhados no decorrer dos capítulos. No entanto, como reflexão, fica o fato de que, com o bios midiático, a sociedade reproduz esses padrões fora dos limites já quase invisíveis dos meios eletrônicos/virtuais, mas na concretude de carne; e é fácil perceber como: a pessoa gorda não passa na catraca do ônibus, não cabe na poltrona do cinema e não encontra, com a facilidade de simplesmente ir ao shopping, uma básica calça jeans para comprar. Ela é insultada por sua forma física publicamente e, constantemente, é alvo de piadas. Com o pretexto de “só fazer uma brincadeira”, a sociedade mediatizada leva quem sofre com a *gordofobia* a se suprimir e anular, já que essa pessoa, mesmo que queira, de maneira geral, não veste roupas chamativas, com estampas ou com cores, tem

dificuldades para sair de casa e sérios problemas em se relacionar consigo mesma e com os outros.

Assim, na mesma lógica de que se a palavra não existe no dicionário, a coisa em si também não existe – e esta é uma questão de extrema importância, uma vez que a palavra *gordofobia* apenas recentemente foi indexada nos dicionários formais da língua portuguesa (mas não em todos) – se a pessoa gorda não se mostra, não sai de casa, não convive socialmente, ela também não deve ser representada pelos media, a não ser que ela se modifique. Esse é o caso de Kelly Osbourne, filha do cantor Ozzy Osbourne, que durante toda sua juventude como gorda tentou se firmar no meio artístico, como cantora ou atriz, sem sucesso. As críticas a ela, no entanto, na maior parte das vezes, não estavam relacionadas ao seu talento, mas sim ao seu corpo, o que levou Kelly a investir na perda de peso. No entanto, quase que como um milagre, depois de seu emagrecimento, ela passou a ser vista como *it girl*⁴, uma referência a ser seguida, e montagens com seu “antes e depois” apareciam em todos os veículos especializados em estética, boa forma e celebridades. A mudança no tratamento direcionado à artista foi tão brutal que ela, inclusive, acabou se tornando apresentadora de programa de moda na televisão, bem como comentarista de estilo.

⁴ Em tradução livre, *it girl* significa “garota ícone”. O termo apareceu com força na metade dos anos 2000 para designar meninas criadoras de tendência, com seu estilo e vestuário únicos. A maioria delas migrou para a internet criando os blogs de moda e iniciando o processo de influência digital. (GSHOW, 2013).

Imagem 2 – Kelly Osbourne deixou de ser a filha problemática e risível de Ozzy Osbourne quando passou por um intenso processo de emagrecimento, o que rendeu a ela o título de ícone de moda



Fonte: Vírgula, 2013.

Entretanto, esses dois casos internacionais, apenas citados como exemplos, não fazem referência aos corpos de mulheres de forma aleatoriamente. Isso porque uma vez que em um modelo colonial, heteronormativo e patriarcal de sociedade - como é a brasileira - a vigilância ideológica em relação ao comportamento da mulher, inclusive ao controle sobre seu corpo como forma até de punição, torna-se naturalizada. Serve ainda a esse sistema o monoteísmo cristão, com sua divindade masculina etérea/imaterial, que tira da terra, da natureza, tudo aquilo que é sagrado e, conforme já mencionado, transforma o corpo concreto no local de pecado. Sendo a mulher a analogia da mãe terra, aquela que gera, que provê, essa se tornou a bruxa, a vilã, a responsável pela queda do paraíso, por todos os males do mundo⁵. No que diz respeito à *gordofobia*, cabe dizer que, como forma de purificação do corpo, uma das penitências mais utilizadas durante a Idade Média foi justamente o jejum autoimposto, gerando inclusive uma legião de “santas

⁵ Essa afirmação, que será devidamente apresentada na tese, durante o transcorrer do desenvolvimento da hipótese, é vista em uma série de autores. Eisler (1989) e Sicuteri (1985) apresentam, no entanto, esse processo intrinsecamente relacionado ao imaginário e suas consequências sociais, sendo especialmente relevantes à tese.

jejuadoras” glorificadas por sua obstinação e disciplina no propósito ascético de privação corporal da comida e do que ela gera em consequência (CORDÁS; WEINBERG, 2006).

Esse processo, cruel por si só, é ainda mais doloroso considerando que o corpo feminino, centro das discussões sobre beleza, magreza e afins, bem como desta tese, é aquele que tem mais dificuldade em se tornar a imagem técnica hoje tão almejada. Isso porque é a mulher que dá testemunhos corporais contínuos e intensos de sua existência. A mulher menstrua, engravida, amamenta... Seus hormônios e a sua neurologia, sua condição biológica como um todo, torna esse processo de apagamento do corpo muito mais doloroso, e daí vem o sofrimento; afinal, em uma sociedade na qual, por motivos diferentes, mas que ainda hoje jejum e autoflagelo (cirurgias plásticas e demais procedimentos estéticos) são considerados metáfora de santidade e purificação, se você não se submete a esses procedimentos e não mortifica seu corpo, você é considerado impuro.

Num contexto contemporâneo, distúrbios alimentares, dependência química, transtornos psicológicos e depressão podem ser diretamente relacionados às consequências da *gordofobia* e que, em decorrência disso, podem levar ao suicídio. No contexto comunicacional, o apagamento do corpo gera consequências dramáticas não apenas para quem sofre com a *gordofobia*, mas para a sociedade como um todo. Isso porque, se entendermos comunicação no seu sentido antropológico, e não apenas relacionado aos media, como de costume na área, o corpo é fundamental no processo de mimese e, conseqüentemente, na construção, fortalecimento e manutenção de vínculos sociais, além de extremamente necessário para a sobrevivência da espécie. É com o corpo, meio primário, que damos testemunhos de nossa existência, mesmo quando não temos mais nenhum aparato para nos ajudar a comunicar (PROSS, 1972, apud BAITELLO, 1998). Pela mimese, desenvolvemos nossa habilidade de nos identificarmos com o grupo e, portanto, fazer parte dele, o que se torna particularmente importante, considerando-se o caráter gregário do ser humano (WULF, 2013).

Sem o corpo, o ser bio-psico-sócio-cultural do qual fala Morin (1979) não tem condições de se realizar, em outras palavras, pode-se afirmar que: não existe alma sem o corpo. Dessa forma, ao se desconectar do corpo de maneira tão intensa, desprivilegiando o concreto em benefício do virtual, o ser humano se desconecta também de suas raízes e de sua razão de ser, individualmente e em conjunto. Por esses motivos, o objetivo central deste trabalho é desvelar o tema *gordofobia* sob a ótica da comunicação e da complexidade. Pois, conforme exposto, entende-se que o comportamento preconceituoso

que estigmatiza a pessoa gorda é, em grande medida, construído a partir do ethos midiático, mas paulatinamente ignorado pela academia. Dessa forma, já que a *gordofobia* é um comportamento imputado diretamente ao corpo, nossa primeira ferramenta comunicativa, determina-se a relação entre o tema e a área de pesquisa, a comunicação.

Por sua vez, os objetivos periféricos desta tese estão relacionados ao resgate histórico do papel do corpo no processo comunicacional, apresentar como o estigma da pessoa gorda é uma construção social contemporânea (mediatizada), mostrar como a imagem construída do corpo gordo é – e não é – representada nos media, investigar esse processo de apagamento do corpo diretamente relacionado ao corpo feminino, falar sobre as consequências sociais e psicológicas de tal comportamento e identificar possíveis formas de reencontro com o corpo para que ele, e não sua imagem, recupere o lugar de protagonista no processo comunicacional complexo. Para cumprir esses objetivos, esta tese foi estruturada em quatro capítulos; o primeiro deles, *O que é gordofobia*, procura conceituar o termo que dá nome ao trabalho, dado o fato de o termo ainda não ter sido estudado com tanta profundidade.

Considerando, a princípio, que *gordofobia* seria então a fobia relacionada às pessoas gordas, procurou-se entender como se determina que uma pessoa é gorda, passando inclusive pelos critérios aplicados pela Organização Mundial da Saúde – OMS para o diagnóstico da obesidade, isso porque uma das principais críticas às pessoas gordas seria que elas estariam, na verdade, doentes. No entanto, ao identificar com a investigação que a *gordofobia* se trata de um preconceito, e não de uma fobia como se pensou inicialmente, recorreu-se a Durkheim (1999) e Velho (1985) para se compreender os conceitos de anomia, patologia social, desvio e divergência, imputados no contexto contemporâneo às pessoas gordas. Nesse contexto a tese levanta a hipótese do entrelaçamento do midiático com a *gordofobia*. É necessária também uma discussão etimológica para entender o uso do termo *gordofobia* ao invés de outros como *lipofobia*, que também aparecem relacionados a esse preconceito, mas em menor grau; na verdade, trata-se de um eufemismo, entre tantos outros, com vistas a minimizar o impacto da palavra original e, conseqüentemente, os efeitos por ela causados. Sobre os efeitos, inclusive, é já nesse primeiro capítulo que é identificado e demonstrado como eles são mais sentidos a partir dos corpos femininos, assunto que é retomado em toda a tese.

O segundo capítulo é teórico e traz as reflexões de Contrera (2010) acerca da mídia. A autora nos ajuda a entender como os meios hegemônicos de comunicação, por anos, transformaram os mais primitivos, arcaicos, ancestrais repertórios de nosso

imaginário, em meras imagens para consumo (BAITELLO, 2005). Tendo esses meios como centrais no processo da comunicação contemporânea, faz-se um resgate dos conceitos e das características da comunicação em mídia primária, ou seja, com o corpo (PROSS, 1972 apud. BAITELLO, 1998) essencial para a sobrevivência da espécie humana, a partir dos processos de mimese, hoje transportados para o simulacro dos media (SODRÉ, 2002), com exemplos de casos de *gordofobia*, a princípio, em produções de Hollywood, em telenovelas brasileiras e até mesmo em produções seriadas da Netflix.

1.1 Porquê – e como – da autoetnografia da *gordofobia*

O terceiro capítulo desta tese, nevrálgico, traz a autoetnografia da *gordofobia*. Isso porque foi aos 7 anos de idade que, pela primeira vez, tive noção de que era tratada de maneira diferente por conta da minha forma física. Foi uma piada feita pelos meus colegas de classe que me “deu a dica”. Apesar de todos terem a mesma idade que eu, eles já sabiam que *ser gordo não era legal*, e certamente reproduziam aquilo que seus referenciais adultos já diziam em casa ou em outros espaços de convívio social. De lá para cá foram quase 30 anos lidando com situações como essa; respirando fundo para não chorar (nem sempre funciona) e desenvolvendo uma série de mecanismos de defesa para – tentar – sair ilesa do processo. Já passei por um tudo: das piadinhas ditas inocentes a ser ignorada em lojas porque as pessoas não sabem se relacionar com a minha forma física, até ser literalmente xingada na rua por ser considerada gorda. Fiz terapia, regime e ginástica, e mesmo quando tive um corpo mais magro, não era assim que me via refletida no espelho. O fato é que, às vezes mais, às vezes menos, desde os 7 anos até o processo de escrita desta tese, não houve um dia sequer na minha vida em que eu estivesse plenamente feliz e satisfeita com meu corpo e, em consequência, comigo mesma.

As implicações foram inúmeras, e os relacionamentos sócio comunicacionais foram os mais prejudicados. Por muito tempo, vivi em uma concha e minha armadura social me deu uma cara amarrada que fez com que as pessoas tivessem medo de se aproximar. Sem me relacionar com meu corpo, não tenho também condições de me relacionar com o outro. Como resultado de todos esses elementos, o outro passa a não querer se relacionar com aquele a quem ele associa características como desleixo, preguiça, fracasso (porque não consegue levar um regime adiante ou ter força de vontade suficiente para fazer exercício físico, por exemplo). Dessa forma, a comunicação intrapessoal e interpessoal vai ficando em segundo, terceiro, último plano, e a criação,

manutenção e fortalecimento dos vínculos vão se deteriorando cada vez mais. Multiplique-se isso pela população que sofre de sobrepeso e obesidade e pronto, tem-se aí um problema digno de ser estudado.

Dessa maneira, minha experiência pessoal aponta para a existência óbvia da *gordofobia*, sendo possível traçar a relação desse preconceito com aquilo que é representado e projetado pelos media. Entretanto, todo o percurso acadêmico-científico utilizado para a reflexão inicial desta problemática levou à conclusão de que nos contextos social e mediático essa afirmação não ressoa com tamanha obviedade. Essa conclusão se deu a partir da observação de dois fenômenos que estão diretamente relacionados entre si: o primeiro é a falta de discussão acadêmica sobre o tema, constatada a partir da busca sistemática pelo verbete *gordofobia* em bancos de dados científicos, nos momentos iniciais desta pesquisa (apêndice A); já o segundo é a falta de representatividade da pessoa gorda no contexto social e mediático, ou seja, a carência na discussão feita a partir do lugar de fala de quem sofre com esse preconceito.

A filósofa Djamila Ribeiro explica que apesar de o lugar de onde viemos não necessariamente nos dê uma consciência reflexiva e discursiva sobre ele, “[...] o lugar que ocupamos socialmente nos faz ter experiências distintas e outras perspectivas” (RIBEIRO, 2017, p. 69). Assim, uma vez no uso de seu lugar de fala, a pessoa tem condições de levar ao debate questões que, potencialmente, podem ser minimizadas, distorcidas, invertidas, deturpadas aos olhos de quem não vivencia determinadas experiências. Nesse sentido, a busca por metodologias que permitissem a expressividade do lugar de fala como facilitador das discussões levantadas a partir desta investigação se tornou determinante para a sua construção e, embora não usual nos trabalhos acadêmicos, a autorreflexividade, aqui, foi fundamental nesse processo.

Para tanto, e considera-se a afirmação de Santos (2010, p. 141) de que “[...] está em curso um processo de indiferenciação entre as ciências naturais e as ciências sociais”, que de forma não reducionista busca uma pluralidade nas práticas científicas adotadas a partir de uma “relação e interação de materiais, instrumentos, maneiras de fazer, competências, de modo a criar algo que não existia antes, com propriedades novas e que não pode ser reduzido à soma dos elementos heterogêneos mobilizados para a sua criação” (SANTOS, 2010, p. 149). Desse modo, consideram-se as perspectivas interculturais, a partir da existência de saberes plurais, alternativos à ciência moderna, ou que com ela se articulam, em configurações de conhecimentos que são conduzidos especialmente nas áreas mais periféricas do sistema. Ainda para Santos (2010, p. 154),

“O multiculturalismo emancipatório parte do reconhecimento da presença de uma pluralidade de conhecimentos e de concepções distintas sobre a dignidade humana e sobre o mundo”. Nesse sentido, considerando a diversidade epistêmica do mundo, o autor aponta que:

- a. Não há conhecimento puro, nem completo
- b. Há, na verdade, constelações de conhecimento

Bem como:

- c. Não há epistemologias neutras
- d. A reflexão deve incidir não nos conhecimentos em abstrato, mas nas práticas de conhecimento e seus impactos em outras práticas sociais

Dessa forma, busca-se um meio alternativo de produção de conhecimento, integrando questões técnicas, teóricas e metodológicas a fim de construir um novo olhar sobre o objeto de pesquisa para que possa, de fato, servir a quem mais precisa dessas informações, ainda no processo de contraposição do discurso dos meios hegemônicos. Assim, e em busca de uma metodologia que não apenas fizesse uso da autorreflexividade no contexto acadêmico, como também colocasse em discussão a representatividade da pessoa gorda e de suas temáticas nesse contexto, optou-se por trabalhar, em um primeiro momento, com a autoetnografia, a partir da técnica das narrativas autobiográficas.

A compreensão de autoetnografia que baliza este trabalho dá conta de que se trata de “[...] an approach to research and writing that seeks to describe and systematically analyze (graphy) personal experience (auto) in order to understand cultural experience (ethno) [...]” (ELLIS; ADAMS; BOCHNER, 2011, p. 1)⁶. Para os autores, essa metodologia propõe uma abordagem que desafia as formas convencionais de se fazer ciência, uma vez que, para ela, deve-se fazer um processo de restrospectiva, seleção e escrita de epifanias que vieram ou foram possíveis não apenas da observação de um fenômeno, mas sendo parte integrante de uma determinada cultura ou possuindo uma identidade cultural em particular, fonte de estudo. Assim, no que diz respeito à prática em campo, os autores afirmam que

Autoethnographers [...] must use personal experience to illustrate facets of cultural experience, and, in so doing, make characteristics of a culture familiar for insiders and outsiders. To accomplish this might require comparing and contrasting personal experience against existing research (RONAI, 1995, 1996), interviewing cultural members (FOSTER, 2006; MARVASTI, 2006;

⁶ Tradução livre: [...] uma aproximação para pesquisa e escrita que procura descrever e sistematicamente analisar (grafia) experiências pessoais (auto) para entender experiências culturais (etno) [...].

TILLMANN-HEALY, 2001), and/or examining relevant cultural artifacts (BOYLORN, 2008; DENZIN, 2006). (ELLIS; ADAMS; BOCHNER, 2011, p. 3)⁷

Ou seja, a autoetnografia não se basta apenas com a apresentação das vivências pessoais acerca de determinado tema. Na investigação científica, ela integra um leque maior, que envolve o contexto social, contexto cultural, contexto acadêmico e, inclusive, político no qual essas vivências estão inseridas, traçando uma comparação, até mesmo, confrontação, quando for o caso. Assim, ao falar sobre essas questões, deve-se, de acordo com Ellis; Adams; Bochner (2011, p. 4):

- a. Identificar os padrões vivenciados
- b. Descrever narrativamente esses padrões
- c. Encontrar e apresentar um ponto de relevância social para as vivências pessoais

Trata-se de uma pesquisa voltada para as narrativas pessoais, que devem trazer a perspectiva da(o) própria(o) autor(a) como o fenômeno estudado, em uma escrita que não deixe de evocar sua pesquisa acadêmica e experiências de vida. Para os autores, essa técnica autoetnográfica “[...] propose to understand a self or some aspect of a life as it intersects with a cultural context, connect to other participants as co-researchers, and invite readers to enter the author's world and to use what they learn there to reflect on, understand, and cope with their own lives (ELLIS, 2004, p.46)” (ELLIS; ADAMS; BOCHNER, 2011, p. 5)⁸. Nesse sentido, faz-se necessário levar em consideração também determinadas questões éticas. Isso porque, de uma forma muito provável, pode haver o envolvimento de pessoas próximas, relacionadas à história do pesquisador, nas narrativas apresentadas. Nesses casos, os laços podem interferir nas percepções e análises, sendo comum, inclusive, os envolvidos terem acesso à pesquisa antes de sua divulgação para, eventualmente, sugerirem alterações, proteção da identidade ou, até mesmo, permitir ou não que o material seja divulgado. Em todos os casos, o pesquisador deve estar ciente e

⁷ Tradução livre: Autoetnografia [...] deve usar experiências pessoais para ilustrar facetas de experiências culturais, e, ao fazê-lo, tornar características de uma cultura familiar para pessoas de dentro e de fora. Para isso, pode ser necessário comparar e contrastar a experiência pessoal com a pesquisa existente.

⁸ Tradução livre: [...] propõe compreender uma identidade ou alguns aspectos de uma vida e como ela se cruza com um contexto cultural, conectada a outros participantes como co-pesquisadores, bem como convidar os leitores a entrar no mundo do autor e usar o que eles aprendem para refletir, entender e lidar com suas próprias vidas.

consciente do que se pode ocorrer e contemplar tal questão em seu processo e escrita, e esse é o exercício aplicado no terceiro capítulo.

1.2 O peso, os media e o pensamento complexo

Trata-se do quarto e último capítulo da tese, cujo viés científico se realiza a partir do Método Complexo, proposto por Morin (2005). Isso porque se pretende, com esta tese, realizar um aprofundamento prático-teórico no que se nomeia como *gordofobia*, considerando suas raízes, seu desenvolvimento histórico-social e suas aparições cotidianas, bem como entender a participação dos media nesse contexto e a influência implicada no cotidiano nas pessoas. Além disso, como a *gordofobia* é algo que afeta o corpo, dissociá-lo da mente para esta análise, como sugere o método cartesiano, torna-se impraticável. Assim, para esta pesquisa, é preciso compreender o ser humano em seu caráter bio-psico-sócio-cultural (MORIN, 1979), e somente com a complexidade isso se faz possível.

Sobre esse método, o autor diz:

Junte a causa e o efeito, e o efeito voltar-se-á sobre a causa, por retroação, e o produto será também o produtor. Você vai distinguir estas noções e juntá-las ao mesmo tempo. Você vai juntar o Uno e o Múltiplo, você vai uni-los, mas o Uno não se dissolverá no Múltiplo e o Múltiplo fará ainda assim parte do Uno. O princípio da complexidade, de todo modo, se fundará sobre a predominância da conjunção complexa. Mas, ainda aí, creio profundamente que se trata de uma tarefa cultural, histórica, profunda e múltipla. (MORIN, 2005, p. 77).

Nesse sentido, o que se propõe para esta investigação é uma autoetnografia da *gordofobia*, possível à medida que serão tensionados casos da minha própria vivência desse preconceito com manifestações dos meios hegemônicos que se associem não só ao preconceito contra as pessoas gordas em si, mas com as situações de *gordofobia* por mim vivenciadas. Esse cruzamento é feito no quarto capítulo, a partir do paradigma da complexidade, ou seja, esgotando de forma comparativa, analítica e crítica os três princípios propostos por Morin (2007) na relação do corpo, mídia primária, com os meios hegemônicos (mídia secundária e mídia terciária), conforme seguem:

- Princípio Dialógico, que pressupõe a existência de uma complementaridade e de um antagonismo indissociável às coisas.
- Princípio Recursivo, que rompe com a estrutura linear de causa e efeito ao propor que “produtos e efeitos são ao mesmo tempo causa e produtores do que os produz” (MORIN, 2007, p. 75).

- Princípio Hologramático, que aponta para o fato de que, nos fenômenos, parte está no todo e o todo na parte, podendo um servir para a compreensão do outro e vice-versa.

Nesse sentido, cabe dizer então que, embora não diretamente relacionadas entre si, tendo ocorrido em espaços temporais diferentes, com personagens diferentes, em espaços distintos e em circunstâncias, à primeira vista, independentes entre si, pontua-se que essas histórias são vivenciadas em cidades do interior e do litoral norte de São Paulo, entre as décadas de 1990 e 2010, em um contexto social e econômico de privilégios de uma classe média com intensa exposição aos media, sendo possível então aqui traçar um paralelo entre as vivências tidas na mídia primária, ou seja, na concretude do meu próprio corpo, com as representações possibilitadas dessas vivências a partir da mídia secundária e da mídia terciária em um contexto hegemônico, ou seja, de comunicação massiva.

O principal critério para que seja feita a análise da correlação complexa proposta é o da temporalidade, ou seja, para qualquer que seja a vivência pessoal apresentada, a manifestação mediática correlacionada deve ter sido lançada, exibida ou, de alguma forma, repercutida ao menos em um intervalo de cinco anos do fato vivenciado, sendo ambos contemporâneos entre si e, assim, demarcando o espírito do tempo naquelas relações sociais vividas no corpo e representadas nos media. A escolha desses produtos mediáticos, no entanto, dá-se de forma tão subjetiva quanto a seleção dos fatos pessoais vivenciados – e que fragmentos desses fatos – serão revelados na autoetnografia. São manifestações pessoalmente identificadas como pertinentes justamente a partir das experiências de vida privilegiadas na metodologia de pesquisa proposta, mas que serão devidamente postas em conferência e análise com os três princípios da complexidade supramencionados, a lembrar, dialógico, recursivo e hologramático.

No campo da análise buscar-se-á, então, a identificação de padrões que possam indicar a correlação do comportamento na concretude da carne e na virtualidade dos media, não necessariamente idênticos entre si. Dessa forma, não se pretende a comparação e delimitação exatas desses padrões, de maneira a serem postos em quadros e encaixados em determinados modelos, uma vez que os exemplos trazidos, tanto nas histórias pessoais, quanto nos casos mediáticos podem ser mais subjetivos que objetivos em si mesmos e entre um e outro. Por outro lado, no entanto, o trabalho será feito de forma que a reflexão acerca do que se propõe com esta seja iniciada e facilitada.

1.3 O nome dela é Jenifer: por onde passa a resignificação?

Com esta tese buscou-se não somente comprovar a existência da *gordofobia* como também demonstrar sua profunda relação com o *ethos* midiático a partir das narrativas autobiográficas utilizadas no método da autoetnografia. Essas histórias foram cruzadas com exemplos diversos apresentados pelos media, interpolados aos critérios de observação, análise e crítica do método da complexidade. E embora tenha se comprovado essa relação de opressão, durante o desenvolvimento do trabalho percebeu-se, no entanto, a crescente movimentação social de contestação aos padrões de beleza impostos pelos media. É nesse meandro que se realizam as considerações finais.

O chamado movimento *body positive*, que promove a aceitação corporal e a construção de uma imagem positiva para o próprio corpo, apesar das padronizações estéticas impostas a ele (GURGEL, 2017), está em ascensão, principalmente no contexto das redes sociais na internet. Embora fale sobre a aceitação corporal em seus mais diferentes aspectos, não só relacionados ao peso, tem produzido efeito positivo também no combate à *gordofobia*, uma vez que tem incentivado principalmente jovens mulheres do mundo todo a se autoafirmarem com relação à sua aparência, não importa qual seja. No Brasil inclusive, esse movimento já saiu da internet e está no concreto das ruas, com a festa Toda Grondona⁹, por exemplo, onde os corpos grandes são bem-vindos e exaltados. A dupla Rap Plus Size também faz algo parecido, com suas letras de combate à *gordofobia*.

De extrema importância, esses movimentos que podem sim ser considerados *antigordofóbicos* estão, no entanto, fora do *mainstream* dos media, e só têm contato com eles aquelas pessoas que, independente da classe social, gênero ou formação, tiveram o privilégio do acesso à informação no contexto alternativo. E muito embora o ativismo seja uma forma de se chamar a atenção para a pauta em questão, entende-se que o processo de desconstrução dos padrões corporais impostos deve permear também os media, uma vez que os recursos e estratégias por eles utilizados têm os requintes da comunicação massiva há anos estudada e aprimorada para conquistar a assertividade. Nesse sentido, e com vistas aos caminhos de resgate do papel do corpo nos processos de comunicação vinculadora a partir da sua reapropriação e resignificação de conceitos deturpados pelos media, buscou-se no *hit* do verão brasileiro de 2019, a música *Jenifer*,

⁹ A festa tem uma página no Facebook que pode ser acessada pelo seguinte endereço: <https://www.facebook.com/todagrondona/>.

interpretada por Gabriel Diniz, e seu clipe estrelado pela atriz Mariana Xavier, um vislumbre para esse processo.

Com todo este caminho percorrido é esperado que este trabalho seja, então, um ponto de partida para futuros pesquisadores que identificam a relevância do corpo no processo comunicacional vinculador, pois muito mais que uma análise sobre a *gordofobia* nos media pretendeu-se aqui trazer à tona algo que, para muita gente é real, mas é velado na discussão social. A palavra *negrice*, por exemplo, claramente expõe um preconceito contra pessoas de pele preta, mas o mesmo não acontece com *gordice*, *coisa de gordo* ou coisa parecida. Fora isso, ainda há os eufemismos utilizados para tratar a situação: *fofa*, *forte*, *fortinha*, *cheinha*... palavras usadas no lugar de *gorda*, que no contexto social contemporâneo é considerada quase um palavrão!

As piadinhas sobre pessoas gordas continuam existindo na mesma proporção em que não existem roupas de moda para o gordo comprar, poltronas adequadas para ele se sentar, modelos como ele para se espelhar. Tudo isso com o pretexto de que “é para o seu bem”, ou “a saúde em primeiro lugar”, sem considerar, por exemplo, que uma pessoa gorda pode ser plenamente saudável, sim. Presumir automaticamente que essa pessoa é preguiçosa, incapaz e desleixada também é uma regra na sociedade contemporânea, mesmo que muita gente magra nunca tenha pisado em uma academia de ginástica. Apesar do exposto, pouco se fala sobre o assunto, principalmente nos meios acadêmicos. Se, como visto, a *gordofobia* pode até matar, espera-se, com esta tese, desvelar esse preconceito e, como sua construção está diretamente relacionada aos media, auxiliar na construção de um discurso que desconstrua o imaginário mediático dominante.

2 O QUE É GORDOFOBIA?

2.1 Pessoa gorda ou pessoa obesa: uma questão etimológica

O Ministério da Saúde aponta que, no País, 53,8% da população está acima do peso e que 18,9% das pessoas estão obesas. São mais de 100 milhões de pessoas nessas condições, um aumento de aproximadamente 30% nos últimos 10 anos (VIGITEL, 2017). O estudo ainda revela que o aumento de peso foi maior entre as mulheres que os homens, que as pessoas entre 35 e 62 anos são as mais pesadas e que, quanto menor o grau de instrução, maiores são os índices de sobrepeso e obesidade. Já dados apresentados em levantamento feito pela Organização Mundial da Saúde – OMS, afirmam que 360 milhões de pessoas latino-americanas e caribenhas apresentam quadro de sobrepeso. Isso representa 58% da população desses países (ONU; PAHO, 2017).

De acordo com a Sociedade Brasileira de Endocrinologia - SBEM, a obesidade se caracteriza pelo acúmulo excessivo de gordura no corpo, e é calculada pelo índice de massa corporal - IMC, fórmula que tira uma média dividindo o peso da pessoa por sua altura elevada ao quadrado¹⁰. De acordo com a OMS, uma pessoa com peso considerado normal é aquela que tem o resultado dessa equação entre 18,5 e 24,9. Obesa é a pessoa que tem seu IMC maior que 30. Se o resultado estiver entre os 25 e os 29,9 é considerado sobrepeso e, se for maior que 40, é obesidade grave¹¹ (SBEM, 2017).

Apesar de essa fórmula ser reconhecida e adotada inclusive pelos órgãos internacionais de saúde, ela tem sido questionada, até mesmo, pela própria comunidade médica, visto que seu resultado não diferencia, a partir do peso, o quanto se tem de gordura, de músculo, de ossos ou órgãos no corpo, apresentando quadros equivocados quando se trata da diversidade física dos seres humanos (SILVA, 2016). Nessa perspectiva, a própria OMS oferece em seu site uma série de fórmulas, mapas, recomendações e tabelas para relativizar o cálculo do IMC (OMS, 2017). No entanto, considerando a variedade dos casos, o cálculo do IMC ainda continua sendo o sistema padrão global para apontar a obesidade em seus mais diferentes graus.

Essa padronização gera deturpações em um sistema que, inclusive, reconhece que a obesidade em si não é uma doença, mas na verdade um “fator de risco para uma série

¹⁰ Fórmula: PESO / ALTURA² = IMC

¹¹ A obesidade grave também é comumente conhecida como obesidade mórbida.

de doenças” (SBEM, 2017). Isso significa que a pessoa obesa “tem mais propensão a desenvolver problemas como hipertensão, doenças cardiovasculares, diabetes tipo 2” (SBEM, 2017), mas não as desenvolverá necessariamente; ela pode ter uma vida longa e feliz sem nenhum desses agravantes, assim como uma pessoa magra pode sofrer um ataque cardíaco fulminante sem precedentes.

Outra questão está relacionada ao fato de que as formas físicas e as consequentes representações visuais das pessoas obesas – considerando o cálculo do IMC – também podem variar... E muito. Um fisiculturista, por exemplo, cheio de músculos pelo corpo, tem um IMC alto, acima dos 40, o que, pela fórmula internacional, o enquadraria medicamente como obeso, mas socialmente ele não é visto assim. Ao se referir a alguém com essas características, são usados adjetivos como forte ou musculoso, inclusive se diz que essa pessoa está em forma, mas nunca é utilizado “gorda” para essa pessoa. No dicionário, gordo(a) é substantivo sinônimo de obeso(a), mas também, adjetivo para “excesso de tecido adiposo, corpulento, obeso, rolho” (AURELIO, 2019).

Quando se pensa em uma pessoa gorda, dificilmente surge à mente um fisiculturista (exemplo supramencionado)¹², uma pessoa musculosa ou em forma, mas sim alguém que acumula gordura pelo corpo, que apresenta certo grau de flacidez e que, certamente, deveria se submeter a algum tipo de procedimento para perder peso, seja uma simples dieta ou algo mais invasivo, como a cirurgia bariátrica¹³. Dessa maneira, percebe-se que embora a palavra gordo possa ser considerada sinônimo de obeso, tal aplicação não ocorre no léxico popular. Falar que uma pessoa é gorda significa algo diferente do fato de seu IMC estar acima dos números considerados normais pela OMS; significa, de fato, que ela não é aceita pela forma física que apresenta. Há, nesse momento, a materialização do processo que recentemente foi denominado de *gordofobia*.

Apenas recentemente a palavra foi incorporada nos dicionários formais da língua portuguesa, mas não em todos. Em consulta realizada em 28 de abril de 2019, apenas o Aurélio apresentava o verbete. Nem Houaiss, nem Michaelis voltaram resultado para o

¹² Uma pesquisa pelos verbetes *gordo* e *gorda*, no Google Imagens, revela essa realidade (apêndices B e C). A ferramenta apresenta resultados com base em algoritmos a partir daquilo que é mais buscado e acessado pelos usuários.

¹³ “Existem três tipos básicos de cirurgias bariátricas: restritivas, mistas e disabsortivas. As cirurgias que apenas diminuem o tamanho do estômago são chamadas do tipo restritivo (Banda Gástrica Ajustável, Gastroplastia Vertical com Bandagem ou Cirurgia de Mason e a Gastroplastia Vertical em “Sleeve”). A perda de peso se faz pela redução da ingestão de alimentos. Existem também as cirurgias mistas, nas quais há a redução do tamanho do estômago e um desvio do trânsito intestinal. Há, além da redução da ingestão, a diminuição da absorção dos alimentos. As cirurgias mistas podem ser predominantemente restritivas (derivação Gástrica com e sem anel) e predominantemente disabsortivas (derivações bileopancreáticas).” (SBEM, 2017b).

termo. Assim, entende-se que *gordofobia* se trata de um neologismo que faz alusão àquilo que, em psiquiatria, é definido como “um medo persistente e irracional de um objeto, atividade ou situação específica que resulta em um desejo incoercível de evitar o objeto, atividade ou situação temida” (HOLLANDER; SIMEON, 2004, p. 46). No entanto, as subdivisões catalogadas das fobias não abrangem o que significa esse termo que começa a ser amplamente utilizado no léxico popular. Fobia, no vocabulário médico, enquadra-se dentro dos transtornos de ansiedade, e pode aparecer de forma generalizada ou específica, subdividida em tipo animal, tipo ambiente natural, tipo sangue-injeção-ferimentos, tipo situacional ou outro tipo, quando o medo é causado por estímulos como “medo de se asfixiar, vomitar ou contrair uma doença; fobia de ‘espaço’ [...] e, em crianças, medo de sons altos ou personagens em trajes de fantasia” (HOLLANDER; SIMEON, 2004, p. 51). Dessa forma, *stricto sensu*, *gordofobia* não seria uma subdivisão dessa patologia, mas apenas um termo que se apropria do dicionário médico para denominar outra coisa, no caso, o preconceito e a consequente discriminação da pessoa socialmente considerada *gorda* (não obesa – de acordo com as classificações de IMC)¹⁴.

Ainda no dicionário, o verbete *preconceito* ganha, além de suas amplamente conhecidas definições como “conceito ou opinião formados antes de ter os conhecimentos necessários sobre um determinado assunto” (MICHAELLIS, 2017), outra definição, essa sociológica, para “atitude emocionalmente condicionada, baseada em crença, opinião ou generalização, determinando simpatia ou antipatia para com indivíduos ou grupos” (idem). Nesse sentido, conceitua-se *gordofobia* não como uma fobia em si, mas como um *comportamento social*, fundamentado no preconceito contra alguém que subjetivamente foi denominado como *gordo*.

Socialmente, a pessoa gorda é considerada uma desviante; ou seja, ela tem uma *anomia* (DURKHEIM, 1999), o que significa que de alguma forma ela se desvia do comportamento considerado normal pela sociedade.

A anomia é um vocábulo com dupla significação: violação da lei, ou ilegalidade, e ausência de lei preestabelecida. Na sociologia, é um fenômeno que indica carência de normas, de leis reguladoras, e que se estabelece durante determinadas circunstâncias históricas dentro de um dado grupo social (Velloso, 1994). A anomia pode ser entendida como o resultado da ruptura entre os objetivos individuais culturalmente estabelecidos e os meios socialmente instituídos para alcançar essas metas, produzindo com

¹⁴ Outro termo com a mesma designação é *lipofobia*, que aparece, também informalmente, com significados mais generalizados sugerindo o medo ou aversão à gordura de uma maneira geral. No entanto, após intensas pesquisas em busca de uma determinação mais técnica do termo, entendeu-se tratar de um eufemismo, que tenta atenuar o que *gordofobia* significa no léxico popular, não sendo relevante para a pesquisa o seu aprofundamento.

consequência, a decadência e a desorganização institucional dentro de um sistema social. (MEIRELES, 2004).

Dessa maneira, pela definição, e considerando-se que, de fato, existe um padrão para a imagem corporal na sociedade contemporânea, principalmente em relação ao corpo feminino¹⁵, é natural que essa mesma sociedade relacione a forma gorda à anomia. Apesar do conceito original de anomia ser de Durkheim, um sociólogo, este trabalho se apropria da visão de Velho (1985) sobre o tema, que considera *desvio e divergência* em uma perspectiva antropológica, contrapondo em partes o conceito de Durkheim. Visto que para Durkheim, a anomia se dá a partir de “uma oposição entre o sistema social e o indivíduo” (VELHO, 1985, p. 15). No entanto, para Velho, essa definição gera interpretações equivocadas, uma vez que não se pode distinguir o indivíduo da sociedade na qual ele está inserido, nem mesmo considerar a sociedade sem seus indivíduos. Dessa maneira, para Velho (1985, p. 19) “Não se trata de negar a especificidade de fenômenos psicológicos, sociais, biológicos ou culturais, mas sim reafirmar a importância de não perder de vista seu inter-relacionamento complexo e permanente”.

O autor continua:

[...] a cultura, em vez de ser adicionada a um animal acabado ou virtualmente acabado, foi fundamental para a própria produção desse animal. [...] O aperfeiçoamento das ferramentas, a adoção da caça organizada e hábitos de coleta, os inícios de uma verdadeira organização familiar e, mais importante, embora seja muito difícil reconstruir em detalhes, a crescente dependência de sistemas de símbolos significantes (linguagem, arte, mito, ritual) para a orientação, comunicação e autocontrole, tudo isso criou um novo ambiente para o homem, ao qual era, então, obrigado a adaptar-se. [...] Submetendo-se a programas simbolicamente mediatizados para produzir artefatos, organizar a vida social ou expressar emoções, o homem determinou, mesmo sem querer, as fases mais elevadas de seu destino biológico. Literalmente, embora inadvertidamente, *criou-se*. (VELHO, 1985, p. 20-21)

Nesse sentido, ele afirma que “Os conceitos de ‘inadaptado’ ou ‘desviante’ estão amarrados a uma visão estática e pouco complexa da vida sociocultural” (VELHO, 1985, p. 21) e que por isso, na verdade,

[...] não existem desviantes em si mesmos, mas sim uma relação entre atores (indivíduos, grupos) que acusam outros atores de estarem consciente ou inconscientemente quebrando, com seu comportamento, limites e valores de determinada situação sociocultural. [...] Quero dizer que os *grupos sociais criam o desvio ao estabelecer as regras cuja infração constitui desvio* e ao aplica-las a pessoas particulares, marcando-as como *outsiders*. Sob tal ponto

¹⁵ Kamper (1994) fala sobre o processo de transformação do corpo em imagem, processo esse que obedece a uma doutrina midiática, conforme trabalhos apresentados até mesmo nesta casa, por Zovin (2016), por exemplo, que tratou sobre as estratégias midiáticas utilizadas para a *bonequização* (terminologia da autora) do corpo da mulher. Ambos os assuntos serão tratados com mais profundidade em capítulo específico da tese.

de vista, o desvio *não* é uma qualidade do ato que a pessoa faz, mas sim a consequência da aplicação por outrem de regras e sanções ao transgressor’.” (VELHO, 1985, p. 23-24).

Em outras palavras, com o exposto, pode-se dizer que *o grupo cria o gordo*. Fica claro, então, que a questão da *gordofobia* não está de fato no corpo da pessoa considerada gorda, mas sim nas pessoas que se incomodam com a imagem desse corpo a partir de um *bios midiático*, que incentiva esse preconceito e discriminação. Afinal, a insatisfação corporal é uma realidade não somente para quem sofre de sobrepeso e obesidade, mas também para aqueles que, apesar de não integrarem esse quadro, temem por sua imagem corporal. De acordo com levantamento feito por Laus (2012), a insatisfação com o corpo atinge 77% da população brasileira, entre crianças, jovens, adultos e idosos (sendo que, conforme apresentado, 17% dessa mesma população é considerada obesa).

E embora a insatisfação corporal pareça ser um indicador subjetivo com base em uma percepção individual sobre os fenômenos, as pessoas que não estão contentes com seus corpos acabam desenvolvendo doenças – crônicas, inclusive – para ficarem de acordo com aquilo que acreditam ser o padrão ideal de beleza para o corpo. Essas doenças, muito concretas, são conhecidas por transtornos alimentares. Trata-se de “transtornos psiquiátricos que afetam, na sua maioria, adolescentes e adultos jovens do sexo feminino, podem levar a grandes prejuízos biológicos e psicológicos e ao aumento de morbidade e mortalidade” (CORDÁS; SALZANO, 2011, p. 5).

Os três principais transtornos do gênero são a Anorexia Nervosa, na qual a pessoa perde muito peso por conta de uma dieta extremamente restritiva em busca sempre de uma magreza quase inalcançável; a Bulimia Nervosa, estado no qual a pessoa sente uma fome intensa, come compulsivamente e depois auto induz seu vômito para que aquele alimento não seja processado pelo organismo e, por fim, o Transtorno da Compulsão Alimentar Periódica, no qual se come intensamente, ocasionando a obesidade, mas sem uma consequente reação restritiva ou purgatória (CORDÁS; SALZANO, 2001). Há ainda os Transtornos Alimentares Não Especificados que, de acordo com os autores, consistem em uma variação combinada dos três diagnósticos apresentados, bem como o Transtorno Dismórfico Corporal, no qual a pessoa não reconhece a sua forma física refletida no espelho, fazendo uma imagem completamente diferente de si e, com isso, submetendo-se a procedimentos radicais para alterar seu corpo (MORIYAMA, 2003). Mais recentemente diagnosticado, está a Ortorexia Nervosa, que é “o comportamento obsessivo patológico caracterizado pela fixação por saúde alimentar” (MARTINS et al, 2011).

De acordo com o Ambulatório de Bulimia e Transtornos Alimentares do Instituto de Psiquiatria do Hospital das Clínicas da Faculdade de Medicina da Universidade de São Paulo – AMBULIM, a estimativa é de que a Anorexia Nervosa acometerá até 4% das mulheres de todo o mundo; a Bulimia 4,2% e a Compulsão Alimentar 2,5%. “Cumprer salientar que a Anorexia Nervosa é uma doença grave, com risco de mortalidade em torno de 5 a 15% dos casos” (AMBULIM, 2017). No Brasil, especificamente no estado de São Paulo, balanço da Secretaria Estadual de Saúde aponta que, a cada dois dias, uma pessoa é internada com Anorexia ou Bulimia nos hospitais do SUS (UOL, 2013).

2.2 Navalha na carne: preconceito à flor da pele

O ponto de partida para a construção desta tese é o de que a *gordofobia* é um preconceito criado, mantido e incentivado pelos meios de comunicação hegemônicos. Uma ideia que inicialmente parecia óbvia aos olhos de quem sempre sofreu com esse preconceito, no entanto, socialmente não está tão consolidada assim, a começar pela própria percepção de que de fato existe um comportamento que não só exclui, mas também hostiliza as pessoas gordas. A ideia do corpo inadequado, reforçado no contexto social por constantes estímulos dos media, no entanto, traz consequências na concretude da carne de formas extremas, sendo impossível, assim, fechar os olhos para a realidade que a *gordofobia* nos mostra.

Já que, de acordo com a Organização Mundial da Saúde - OMS, o suicídio é a segunda maior causa de mortalidade entre os jovens, perdendo apenas para acidentes de trânsito e estando à frente do vírus HIV/AIDS (PERASSO, 2015). Entre os jovens, as causas mais comuns do suicídio estão diretamente relacionadas às questões de aceitação por um grupo social, pois “o suicídio também é visto como uma questão social” (VOMERO, 2002). Cabe ressaltar que, de acordo com a Associação Brasileira para o Estudo da Obesidade e da Síndrome Metabólica - ABESO, mais de 60% dos jovens entre 13 e 15 anos se submetem a algum tipo de dieta para perder, ganhar ou manter o peso (O DIA, 2012), estando entre os que mais se demonstram insatisfeitos com a imagem de seus corpos (LAUS, 2012). Apesar de não existir um indicador que aponte a *gordofobia* como fator direto para o suicídio desses jovens, com as pesquisas, pode-se concluir que o *bullying* tem uma relação intrínseca com esses atos.

Além dos jovens, outro grupo que sofre com a *gordofobia* é o das mulheres. No estudo supracitado de Laus, mais de 60% das mulheres manifestou o desejo por uma

silhueta menor, sendo que entre os homens insatisfeitos com seus corpos esse desejo foi recorrente para apenas 35% deles. A autora pesquisou a influência dos media em relação à insatisfação corporal das pessoas e, ao serem expostas a imagens que essas mesmas pessoas consideraram como padrões ideais de beleza, os índices de satisfação com o corpo diminuíram drasticamente, especialmente, entre as mulheres. Além disso, em seus estudos, ao pedir para os homens identificarem corpos que consideraram ideais, entre pessoas famosas e com exposição nos meios de comunicação, as figuras identificadas foram as que apresentavam corpos bem mais próximos da realidade desses homens, enquanto que as mulheres identificaram corpos efetivamente menores que os seus (LAUS, 2012, p. 81).

Entre as mulheres jovens e adultas, além do desenvolvimento dos já apresentados transtornos alimentares, outro problema decorrente da *gordofobia* é o da dependência química. Há a já diagnosticada Anorexia Alcoólica “um distúrbio alimentar caracterizado pela ingestão de bebidas alcoólicas no lugar de alimentos para evitar a ingestão de calorias e emagrecer” (ZANIN, 2017), e casos extremos como o de mulheres que procuram drogas como a cocaína e o crack, ignorando seus efeitos neurológicos devastadores, para perder peso (apêndices D, E e F). Outro fator que também chama a atenção, mas que tem pouca repercussão nos media, já que se trata de drogas lícitas, são as pessoas que sofrem de sérios transtornos causados pelos remédios para emagrecer. Visto que entre os principais medicamentos receitados para esse fim estão a sibutramina, o orlistat, a fluoexetina, a setralina e a bupropiona. Esses medicamentos atuam como inibidores de apetite, saciadores e inibidores da absorção de gorduras. Seus efeitos colaterais se relacionam, respectivamente, com taquicardia, insônia, ansiedade e depressão; insônia, taquicardia, tontura, enjoo, depressão ou diarreia e distúrbios gastrointestinais indesejados como a diarreia e a anemia. (FRAZÃO, 2017). Apesar dos efeitos colaterais, esses medicamentos são facilmente acessados, seja com receita médica, seja no mercado paralelo, fazendo com que casos como o de Carolina Moura, de 23 anos, que saltou do 11º andar de um prédio, em 2015, após sofrer de alucinações causadas pela sibutramina (MESTRE, 2016), também se tornem comuns. Apesar de o uso desses medicamentos ter começado a ser questionado pela comunidade médica (NACCARATO; DE OLIVEIRA, 2014), o lobby da indústria se fez mais forte e as suas vendas, infelizmente, ainda não foram interrompidas.

Mesmo sendo possível considerar os fatos e dados apresentados como chocantes – e alarmantes – há um silêncio sistemático ao se falar sobre *gordofobia*. Além de a

palavra não existir em grande parte dos dicionários, não houve sequer um resultado com o verbete no Banco de Teses & Dissertações da CAPES quando se iniciou o processo de pesquisa e produção desta tese (apêndice G). A impressão que fica é a de que, se o termo não existe oficialmente, o elemento em si sobre o qual ele está ligado, também deixa de existir.

Já para lipofobia, no entanto, há três resultados no banco da Capes (apêndice H); uma tese de doutorado em 2006, uma dissertação de mestrado em 2009 e outra dissertação em 2014. De alguma forma, as três relacionam a questão do preconceito com pessoas socialmente consideradas gordas com as pressões midiáticas em relação a um corpo considerado ideal. No entanto, ao optarem pelo eufemismo, esses trabalhos se perdem nos seus propósitos de contribuição social para a discussão sobre o tema (o que é, na verdade, um dos objetivos deste trabalho), uma vez que o termo lipofobia não faz parte do léxico popular.

Nesse sentido, é válido considerar que, se no contexto acadêmico brasileiro a *gordofobia* ainda não se tornou tema relevante de estudo, não se pode ignorar que, nas redes sociais, sejam nas plataformas virtuais midiáticas ou na concretude cotidiana, existe uma série de grupos e indivíduos que se debruçam sobre o assunto. Nos resultados gerais do Google, o termo retorna 200 mil possibilidades de resultado¹⁶ (Apêndice I). Estimulados pelo movimento do *body positive*, mulheres e homens gordos se mostram nos ambientes da *world wild web* e fora dele para influenciar jovens a se aceitarem e a se amarem como são, em um processo, ainda que micro, de desconstrução e mudança de conceitos relacionados aos padrões de beleza dos media¹⁷.

Como investigadora, no entanto, pondero que a problemática de vincular o *body positive* com o combate à *gordofobia* é que o movimento não está relacionado exclusivamente às questões do peso ou da forma corporal. As discussões sobre a aceitação corporal atravessam também uma série de outras características físicas consideradas fora do padrão, como cor da pele, volume e textura do cabelo, deficiências físicas, entre outras, não aprofundando a discussão sobre nenhuma das temáticas de forma específica. Nesse sentido, observa-se, que as discussões anti *gordofóbicas*, ainda que permeadas por muitas

¹⁶ Contra as cerca de 15 mil para *lipofobia* (apêndice J).

¹⁷ As estratégias de resignificação do preconceito, tema desta tese, serão abordadas de forma mais detalhadas em capítulo posterior, mas nesse contexto, como forma de ilustrar o que se diz, destaca-se a jornalista Alexandra Gurgel, do canal no YouTube Alexandrismos. Motivada a superar os complexos desenvolvidos contra seu próprio corpo, começou a publicar vídeos sobre suas questões diárias em relação ao preconceito e tem cerca de 400 mil inscritos. Ela também é autora do livro *Pare de Se Odiar*, que aborda o movimento *Body Positive*.

dúvidas e incertezas, ganham espaço entre os grupos feministas, uma vez que, como já levantado, o corpo da mulher está cada vez mais exposto às violências de padronização e controle. Nesse sentido, levanta-se relevante ponto acerca do lugar de fala de quem experimenta a *gordofobia* em seu cotidiano como ponto de partida para poder compreender, discutir e combater esse preconceito.

3 O ETHOS MIDIÁTICO; A IMAGEM DE UM CORPO

Nesta tese trabalhamos com a hipótese de que as raízes histórico-culturais da *gordofobia* estão diretamente relacionadas ao bios midiático, conceito de Sodré (2002) que disserta sobre como os valores da sociedade contemporânea são cooptados pela indústria cultural e pela comunicação de massa/massiva. Dessa forma, a *gordofobia* encontra-se enraizada socialmente a partir do comportamento criado, incentivado e reforçado pelos media. Esse preconceito interfere diretamente nos processos de comunicação social vinculadora. Por isso, neste capítulo busca-se entender essa relação do corpo com a comunicação humana, prejudicada pela *gordofobia*, temática desta tese, que por sua vez está relacionada aos meios hegemônicos. Para demonstrar como se dá esse processo, as narrativas autobiográficas do capítulo anterior são justapostas a exemplos mediáticos a partir dos três princípios do método da complexidade proposto por Morin (2005), em uma análise crítica das vivências selecionadas para esta autoetnografia da *gordofobia*.

3.1 Comunicação, vínculo e mimese

O protagonismo dos meios eletrônicos de comunicação no contexto social contemporâneo   tão grande que eles sozinhos são considerados sinônimo de m dia, principalmente os meios que estimulam o sentido da visão. Quando se pensa em meio de comunicação logo vem   cabeça a televisão, o computador e, até mesmo, os *smartphones*, deixando-se o r dio e os variados meios impressos em segundo plano. Por meio impresso, aqui, entende-se não somente os veículos tradicionais como jornal, revista e livro, mas toda e qualquer superfície na qual se imprime, por qualquer método, alguma coisa. Pode ser um grafite no muro de uma movimentada avenida da Capital, uma camiseta com uma foto estampada, uma autêntica literatura em cordel impressa em xilografia entre outros. Fala-se aqui, t b m, das intervenções corporais, como brincos e *piercings*, cortes de cabelo e tatuagens. Sim, o corpo t b m   uma média na qual se imprimem coisas. No entanto, assim como os outros meios que não privilegiam o sentido da visão na hora de comunicar, o corpo tem sido ignorado em uma série de aspectos quando se refere especificamente   comunicação.

Tal perspectiva é apontada por Romano (1998). Para ele, todo esse protagonismo visual em detrimento dos outros sentidos gera um desequilíbrio ecológico comunicacional, levando o ser humano a ignorar os sentidos que, naturalmente, fariam parte dele de forma instintiva. Esse comportamento faz com que a sociedade contemporânea clame, mesmo sem se dar conta disso, por uma Ecologia da Comunicação, cujo objetivo estaria relacionado a um futuro sustentável com o objetivo de bem-viver em grupo.

O protagonismo dos meios eletrônicos como sinônimo de comunicação se transfere também para a academia, onde a maior parte da pesquisa relativa à área “se restringe a igualar o vínculo a *conexões tecnoinstrumentais*” (CONTRERA, 2014, p. 141). A autora, alinhada ao pensamento de PROSS (1972 apud BAITELLO, 1998), considera a relevância do corpo, sem a necessidade de nenhum outro aparato ou acessório, nos processos de comunicação. Pelo choro, pelo riso, pelas expressões faciais, pelos odores e pelos gestos, o corpo comunica por si só. É ele, inclusive, o único recurso que um recém-nascido tem para se vincular com sua mãe ou com quem quer que seja responsável por ele, indefeso, sem qualquer outra estratégia de sobrevivência, senão confiar naquele que dele cuida. Assim, na teoria da mídia proposta por Pross, o corpo passa a ser a *mídia primária*. E, ao contrário do que pode parecer à primeira vista, a mídia primária não é mais simples que a secundária ou a terciária pela ausência de aparatos mediadores em seu processo comunicacional. É justamente ela a mais imbricada de todas, senão vejamos:

Experimentamos e somos o palco primeiro de processos de organização espaço-temporais, que delimitam e selecionam algumas possibilidades organizacionais, em detrimento da exclusão de outras possibilidades, por meio de matrizes básicas a partir das quais a genética dialoga com a somática. Vamos então tecendo nossas raças/corpos/textos pessoais dentro de um tecido cultural que, por sua vez, tece-se a partir do megatexto da espécie, numa combinação quase artesanal entre nossa natureza genérica e nossas respostas adaptativas somáticas ao ambiente. (CONTRERA, 2003, p. 143).

A partir dessa reflexão, Contrera afirma que, além do código genético, o ser humano herda também um código cultural, um código imaginário, um código de linguagens, e que esses códigos são indissociáveis entre si. Nessa lógica, o acaso ao qual estamos submetidos e que nos força a criar, a partir dele, o ruído natural dos processos de comunicação que nos leva à busca de alternativas para a efetividade desse processo e a memória que, ao mesmo tempo, marca em nossa pele aquilo que vivemos e projeta no imaginário aquilo que seremos, passam a ser parte importante da criação, manutenção e

fortalecimento dos vínculos que nos permitem viver em sociedade. E viver em sociedade é o que nos faz habitarmos a Terra até os dias de hoje. “Estamos fadados a desaparecer se não nos dermos conta do quão importante é estarmos juntos” (CONTRERA, 2017, anotações em sala de aula).

É Cyrulnik (1995, p. 75) quem diz que “Não pertencer a ninguém é não se tornar ninguém”, afinal, somos seres que, desde sua existência primal, considerando-se sua fragilidade perante os demais predadores do reino animal, vivem em bandos, e todas nossas estratégias de comunicação, dos sinais para a caça aos códigos de etiqueta, foram desenvolvidas para que essa convivência fosse a mais harmoniosa possível. O autor faz consonância a pesquisadores como Edgard Morin e James Hillman que também identificam o vínculo como fundamental para o desenvolvimento da espécie, conforme explica Contrera (2014, p. 142): “Segundo ele (Hillman), essa é uma das condições psicológicas intrínsecas ao ser humano com a qual mais nos debatemos porque, afinal, do vínculo não se pode fugir. Resta-nos então buscar esse vínculo, alimentá-lo, garantir que estejamos enredados em algum sistema de pertencência”. A autora continua explicando que a forma de construção desse sentimento de pertencência depende da compreensão dos ambientes imaginários.

É Baitello Jr. quem dirá claramente que, entre os possíveis ambientes nos quais o sentimento de pertencência é gerado, tem sido cada vez mais central o lugar ocupado pela esfera mediática. Ele vai afirmar a centralidade do vínculo para a comunicação (Baitello Jr., 1997, p. 87), apontando para a dimensão emocional e vinculadora dos processos comunicativos e tratando da reflexão acerca de como o espaço mediático tem – ou não – acolhido as práticas vinculares. (CONTRERA, 2014, p. 142-143).

Assim, Contrera ainda diz:

A centralidade da discussão sobre os processos de vinculação para os estudos da Mídia reside em repensar a noção de relação comunicativa, evitando a concepção de que sejam essas relações meras trocas informativas que se possa equiparar a relações comerciais e instrumentais, e chamando a atenção para a importância dos processos de significação e do compartilhamento de emoções que estão presentes nessa relação. (CONTRERA, 2014, p. 143)

Tendo em vista as ideias apresentadas, faz-se momento de dizer que essa comunicação vinculadora, que leva à sociabilidade, dificilmente está relacionada aos meios eletrônicos de comunicação. Essa sociabilidade não seria possível, no entanto, sem

o corpo, a mídia primária, que com toda sua porosidade¹⁸ e complexidade, conforme já visto, permite a ocorrência dos processos miméticos¹⁹.

Para os autores,

Através dos atos miméticos de uma pessoa para outra, esta é levada a comportar-se também de forma mimética em relação às ações dirigidas a ela. A mimese social provoca mudanças nos homens que se relacionam com outros mimeticamente, e não raramente como consequência, também provoca mudanças naqueles que no início são pontos de referência da mimese social. (GEBAUER; WULF, 2004, p. 121).

Assim, ao afirmar que a mimese “desempenha um papel central na constituição do sujeito”, Gebauer e Wulf (2004, p. 139) chamam a atenção para esse processo na criação, manutenção e fortalecimento dos vínculos, estando assim a mimese diretamente relacionada à comunicação e ao corpo.

De caráter inter-relacional [...], as práticas miméticas são território concreto das emoções – e por isso necessariamente corporais – [...]. Ou seja, onde não há possibilidade de exercício pleno da consciência, contamos com a sabedoria arcaica do corpo, da espécie, daquilo que por um lado antecede o indivíduo, mas por outro lado o transcende. (CONTRERA, 2014, p. 146).

Para que os processos miméticos ocorram, Contrera ressalta a importância da empatia, “emoção básica que nos faz conscientes de que, em que pese todas as diferenças, fazemos parte da mesma espécie, humana, demasiadamente humana” (CONTRERA, 2014, p.143). No entanto, enquanto a empatia se estabelece nas relações interpessoais, a autora diferencia essa emoção da simpatia, relacionada à projeção de sentimentos, algo comum ao simulacro apresentado por Morin (1997) ao se referir à cultura de massa, espírito do nosso tempo.

Essa relação fica bastante clara quando pensamos em uma das diferenças básicas que separam o ritual do espetáculo: enquanto o ritual envolve a ação presente e integral do humano, como fator determinante da dinâmica geracional de sua própria legitimidade, o espetáculo prescinde da presença corporal e, centrado nas trocas audiovisuais (sentidos à distância), propõe todo um jogo de projeção e identificação a partir da ação meramente mental, ou seja, virtual, do espectador. No ambiente do espetáculo, toda a ação do espectador pode existir apenas na esfera de uma virtualidade incorpórea ou de uma relação à distância. (CONTRERA, 2014, p. 147).

¹⁸ O termo poroso se refere ao que também Cyrulnik (1999) aponta como a condição humana de se relacionar física, sensorial e verbalmente com outros seres e elementos ao seu redor. Para o autor, o indivíduo constantemente se deixa tomar por aquilo que o cerca, assimilando, na medida correta, suas características e sentimentos, dando origem então ao processo conhecido como empatia, base para a coexistência em sociedade.

¹⁹ Mimese deriva do grego *mímēsis* e significa imitação ou representação da realidade.

A autora continua:

O jogo de forças existente entre o homem e o ritual é um jogo de forças entre o indivíduo, a comunidade e seus deuses (entidades noosféricas) enquanto no espetáculo esse jogo impõe já de início o modelo de distribuição de forças que está em ação: mais força para seus deuses (entidades mediosféricas) [...]. No espetáculo, toda a carga simbólica das divindades celestes presente na eletricidade (raios, trovões) se apresenta no formato de mediação massiva (um para todos). [...] Não há “acordos sociais” racionais ou razoáveis possíveis onde a ordem simbólico-mítica age pré-conscientemente, motivando o estabelecimento do vínculo por meio da adesão simpática. (CONTRERA, 2014, p. 147-148).

A partir do que foi exposto e considerando que a tensão no espetáculo é verticalizada dos *deuses* para os homens, a reflexão que se faz é a de que a única forma de assimilar os conteúdos nele apresentados é pela simpatia radical ou pela cópia, não havendo possibilidade para o comportamento mimético anteriormente comentado, apenas a imitação pura e simples. Dessa forma, “O sentimento de pertença comunitário que se constitui por meio dos jogos projetivos e das simpatias promovidas pela sociedade mediática não é capaz de gerar ou fazer permanecer a sensação de pertencimento necessária para dotar de sentido as experiências comuns. No vazio da comunidade, as conexões se multiplicam, mas dessas conexões quase nunca surge o vínculo” (CONTRERA, 2014, p. 148). Nesse contexto, reflete-se sobre a reprodução indiscriminada de comportamentos sociais a partir daquilo que é exposto pelos media, estando a *gordofobia*, tema desta tese, entre esses comportamentos. Sem a profundidade dos vínculos permitidos a partir da mimese, essa reprodução indiscriminada de comportamentos acarreta em uma série de violências que vão do simbólico ao concreto, conforme veremos a seguir.

3.2 Noosfera e mediosfera: a imagem de um corpo

Ao serem, conforme já exposto, considerados eles sozinhos sinônimo de comunicação, os media passam a demonstrar que conquistaram com maestria o projeto de dominação do imaginário. A esse espaço conseguido pelos media em nossas referências mais arcaicas, ancestrais, fundantes de nossa cultura, Contrera (2010) denomina mediosfera. O termo faz alusão à noosfera, ou seja, a esfera do pensamento humano, constituído pelas coisas do espírito “productos culturales, lenguajes, nociones, teorías, y también los conocimientos científicos. De hecho, se trata de una noosfera, según

el término que Teilhard de Chadin forjara en los años 20” (MORIN, 1992, p. 112)²⁰. Trata-se, a noosfera, de um mundo que adquire vida própria, agindo e retroagindo no mundo das coisas materiais externas, e no mundo das experiências vividas.

Com base nesse conceito, Contrera apresenta a mediosfera, no entanto, como um núcleo da noosfera que em suas palavras “cresceu e inflou titanicamente de modo a vampirizar aos poucos a energia dos outros conteúdos da Noosfera, pressionando os limites da primeira por dentro. A analogia com um tumor pode ser de mau gosto, mas parece bem real” (CONTRERA, 2010, p. 57). Para a autora, os meios de comunicação de massa passaram a criar uma versão própria do imaginário cultural que é ancestral (milênar) e arquetípico; a versão dos media passa pelo processo de seleção, edição, composição e recontextualização desses conteúdos no simulacro principalmente dos meios eletrônicos. O êxito do processo se dá ao passo em que as imagens midiáticas que alimentam a noosfera estão, na verdade, se alimentando da energia vital que desprendemos ao consumi-las e adorá-las, naquilo que Baitello Jr. Apresentou em *A era da iconofagia*. “Como o alimento das imagens é o olhar, e como o olhar é um gesto do corpo, transformamos o corpo em alimento do mundo das imagens” (BAITELLO Jr., 2005, p. 86).

Sobre as imagens, cabe ressaltar, que são de extrema importância no processo comunicacional, sendo elas as primeiras formas de representação simbólica a partir da tomada de consciência do ser humano. (MORIN, 2002). Indissociável da consciência, a imagem passou a fazer parte do mundo perceptível, “fundamental para organizar um sistema de significação pessoal a partir do qual as imagens exógenas possam ser percebidas e assimiladas num sistema complexo de significados” (CONTRERA; BAITELLO, 2006, p. 123). Assim, o problema surge quando a vida simbólica interior, responsável pelas imagens endógenas, está subnutrida, transformando o corpo em mero consumidor de imagens exógenas “extraíndo delas apenas os seus significados funcionais, e não os demais significados mais complexos que elas poderiam evocar” (idem).

Os autores explicam que tanto as imagens endógenas, quanto as imagens exógenas²¹, são mediadoras de sentido. No entanto, com o passar dos anos, a dissociação

²⁰ Tradução livre: produtos culturais, linguagens, noções, teorias e também conhecimentos científicos. Na verdade na verdade, é uma noosfera, segundo o termo que Teilhard de Chadin forjou nos anos 20,

²¹ As imagens geradas pelo universo interior, que o alimentam e movimentam, trazidas à consciência e partilhadas pelos diferentes sistemas de tradução, constituem as chamadas imagens endógenas. Dentre elas sempre se destacaram como campo de atenção do ser humano aquelas produzidas involuntariamente pelo

entre ambas aumentou a ponto de o processo de simbolização ficar limitado apenas ao universo das imagens exógenas, com seus sentidos esvaziados pela mediosfera. E é nesta seara que as reflexões de Kamper são de especial interesse para esta tese.

Essa posição mutável entre uma ordem mágica pela presença na qual a imagem é idêntica àquilo que mostra e uma ordem da representação que tende ao vazio, no qual, no melhor dos casos, é semelhante (uma impressão, um espelho, uma semelhança...), nunca se perdeu de todo.

Costuma-se admitir, porém, uma passagem histórica e biográfica da magia à representação, do “realismo da imagem” que compreende a realidade com um “ser na imagem”, à moderna doutrina dos sinais, que percebe enfim apenas nexos de “reenvio” (e a isso se refere a passagem de Hölderlin); todavia, resistem obstinadamente mesmo em tempos iluminados, restos mágicos, como por exemplo, a tradição dos ícones da igreja oriental, o sacrifício da missa católica, algumas ocorrências da poesia e da arte figurativa mais recente. (KAMPER, 2002, p. 2-3).

Consoante com Morin (1979), Kamper explica que foi a partir do medo da morte que surgiram as primeiras imagens. “Tem o objetivo de cobrir a ferida da qual provêm os homens” (KAMPER, 2002, p. 10). Assim, “o segundo capítulo na superação do medo se chama reprodução. A imagem deve se perder nas imagens [...]. Fazer uma imagem do corpo humano significa torná-lo imortal, significa alinhá-lo na falange dos mortos vivos, dos espectros e fantasmas” (KAMPER, 2002, p. 10-11).

Para o autor, a imagem tem, de acordo com o seu significado, pelo menos três funções com múltiplas intersecções e superposições:

- Presença mágica
- Representação artística
- Simulação técnica

sono paradoxal (já presente nos animais superiores a partir da homeotermia), as imagens oníricas. Independentes da vontade e da consciência e voluntariosamente enigmáticas e cifradas, tais imagens sempre motivaram tentativas de sistemas interpretativos que buscam correspondências exteriores. Sua natureza de imagem interior inaugura por assim dizer uma maneira própria de codificação, com uma sintaxe própria, com um sistema semântico de peculiar complexidade e um repertório ou “vocabulário” indissociáveis da história e das histórias pessoais, ou seja, vivência cultural do sonhador.

Já aquelas imagens criadas para transitar pelo universo exterior, sobre suportes materiais fixos ou móveis, constituiriam as chamadas imagens exógenas. Seu percurso histórico e seu papel social se confundem e se mesclam com a história humana de registrar suas imagens, desde as primeiras representações paleolíticas conhecidas, passando pela criação de figuras de culto, pelas transformações pictográficas que darão origem à escrita, pelos diversos sistemas de escrita e pelas recentes formas da imagem mediática. Indispensável relembrar aqui a importante passagem do valor de culto para o valor de exposição, assinalada por Walter Benjamin, demarcando a era da reprodutibilidade técnica como o início da proliferação das imagens exógenas. (CONTRERA; BAITELLO Jr., 2006, p. 120-121)

No contexto da simulação técnica, “Se difunde uma condição do tipo “morto-vivo”, “vida morta”. Essa impossibilidade de decidir se se está ainda vivo ou morto adere às imagens pelo menos no momento da sua pura simulação sem referência” (KAMPER, 2002, P. 7). É o que o autor chama de imaginário midiático, “aquele querer esquecer que recorda e aquele querer recordar que esquece” (KAMPER, 2002, p. 11). Nele, quanto menos imagens, melhor a lembrança e quanto mais imagens, menor a memória. Desta forma, para sair dessa caverna que está se fechando, nas palavras do próprio autor, é necessário, então imaginar, ou seja, recorrer às imagens endógenas: “Contra o imaginário (mediático) ajuda apenas a imaginação” (KAMPER, 2002, p. 9).

Falamos aqui do contexto contemporâneo da comunicação, vazia de sentido, com sua máxima vinculadora transportada para os contatos da mídia eletrônica. Nesse ideário surge o pensamento de Kamper ao falar sobre as máquinas de imagem e as máquinas de olhar. “Elas apareceram, desde o princípio, não como instrumentos e ferramentas, mas como projetos de mundo com ambições totalitárias” (KAMPER, 2000, p. 6). O autor continua:

[...] obrigou-se e obriga-se o homem à posição sentada sem a menor consideração. [...] O olhar controlador, agora onipresente, obriga as pessoas a se transformarem em uma imagem que não transborde para fora das molduras previstas e que satisfaça às exigências de uma visibilidade em ascensão. Tudo o que não for visível tem que ser descartado como objeto sem valor, antes mesmo de entrar no jogo. Em compensação, toda imagem conformável ao olhar pode ser configurada atrativamente, apresentada e representada em encenações repetidas uma vida inteira, inclusive com a participação de pessoas que se colocam sob os olhares controladores. (idem)

Kamper está falando a respeito da doutrinação no corpo. Para ele,

A coerção – de transformar em imagem tudo o que existe, por força do olhar – está algemada a uma estranha voluntariedade que borra e apaga inapelavelmente as velhas fronteiras, frentes de batalha e limites. Essa “coerção voluntária” desdobra-se e revela-se atualmente em imponentes efeitos especiais, e com uma eficácia irrefutável. E, para aqueles que, voluntária ou involuntariamente, colocam a visibilidade como condição da própria pertencência social, ela não deixa a menor chance de escapar. Abre-se aí um círculo vicioso: para participar no processo da visibilidade em ascensão, as pessoas suportam a perda da própria vida em sua corporalidade pluridimensional. Elas condenam a si mesmas a existir e a viver apenas na superfície da imagem. E isto acontece com uma crueldade absolutamente internalizada. (KAMPER, 2000, p. 7) (grifo meu).

O grifo na citação começa a nos levar a perceber que o processo de mediatização da vida tem trazido consequências com as quais estamos acostumados erroneamente a lidar. Ao invés de, com nossos instintos, lutarmos contra o apagamento das nossas experiências concretas, normalizamos/internalizamos esse processo e seguimos em frente

como fantasmas à serviço da mediosfera, produzindo e nos alimentando cada vez mais de imagens de coisas que não existem, contribuindo para a febre contemporânea da representação sem significação. Nesta tese, uma das hipóteses é a de que a *gordofobia* é um dos sintomas dessa febre.

Desta maneira, a reflexão de Kamper sobre o corpo no contexto dos media destaca que “No mainstream estão apenas imagens de corpos ou máquinas, imagens – no melhor dos casos – de imagens” (KAMPER, S/D, p. 4). Assim, “Se se considera uma característica básica da terceira revolução mundial (após a “abstração do corpo” da Idade Média e a “abstração do valor de uso” da sociedade burguesa), não daria para evitar de condenar o desaparecimento – sem deixar vestígios – do significado de “materialidade” das coisas” (idem). Percebe-se, claramente, a constatação de que, na sociedade que considera os media como sinônimo de comunicação, ignorando todo seu aspecto vinculador, o corpo concreto não tem tanto valor quanto o corpo-imagem. A questão é: que imagem é esta? Segundo o autor, há uma distância entre o corpo e a imagem do corpo que, invariavelmente, não se comunicam.

A tese correspondente é a seguinte: o projeto de grande técnica, no qual os novos meios de comunicação são apenas determinados fatores entre outros, levou sempre a fazer do mundo material um mundo de imagens, um mundo energético, que perde sua grande materialidade e pode deixá-la para trás. Mediatização, virtualização e telematização são “purificações”, uma limpeza da sujeira do material, uma consequência dos trabalhos com paciência de anjo, momentos ainda de um projeto religioso, que apenas esqueceu sua origem a partir da Ascensão de Cristo. Se se fosse recordar então disso, os novos meios poderiam diretamente oferecer a chance de tornar novamente consciente o processo que transcorreu sem consciência ou sempre despercebido. Poder-se-ia seguir as pegadas - até a “Vortodstellung” (B. Brock), ‘situação pré-morte’ - e, tirar consequências dos maus trabalhos da força imaginativa na direção que tomou o “mundo-tornando-se-imagem” até em suas últimas ramificações. Assim poder-se-ia chegar possivelmente perto do caráter imagético das imagens, posto de observação para arquivos, monumentos sepulcrais auráticos de vidas passadas, rituais de morte... Assim seria certamente uma retrospectiva, um tipo de caminhar de caranguejo, não seria nenhum trabalho para frente, como se quer ainda fazer crer aos homens com tanta ideologia de progresso. (KAMPER, 1994, p. 6).

Fica claro que, a partir da sociedade mediatizada, é o corpo que padece. Como ainda afirma o autor, “[...] os meios e o processar humano com eles são avessos ao corpo, sendo que a aversão inclui algumas suposições de escalonado/gradualizado rigor. A hipótese geral é a de que os media são fatores de descorporificação. O corpo humano ou é transformado em prótese ou tendencialmente substituído, sendo que no melhor dos casos sobra um resto incomodante” (KAMPER, 1994, p. 2). Para o autor, “a supervalorização de imagens e signos leva, necessariamente, ao desprezo das coisas”

(KAMPER, 1997, p. 1). “Fazer imagens acaba sendo uma matança dos corpos – um crime perfeito. A questão mais importante é essa: o que será feito dos cadáveres (Vilém Flusser)? A corporeidade descartada assume a qualidade torturante do refugo e do lixo que acaba sendo um estorvo permanente” (KAMPER, 1994, p. 2).

Reflete-se, assim, a respeito da relação entre a *gordofobia* com o fenômeno da mediatização, da transformação de corpos em imagem, deixando claro que, nesse contexto, tudo aquilo que não serve para as telas deve ser descartado. Aos olhos dos media, o corpo gordo não serve e, conseqüentemente, precisa ser eliminado. É o lixo, o estorvo permanente, e isso é feito pelos media das mais diversas formas; das mais sutis às mais agressivas. Os modelos mediáticos apresentados para essas pessoas cumprem alguns propósitos, como por exemplo, entre outras representações:

- a. Servir de alívio cômico à história, utilizando suas características físicas como ponto de humor, como Amy Gorda, personagem de Rebel Wilson em *A Escolha Perfeita* (imagem 3). Tal apresentação se torna ainda mais grave quando atores e atrizes originalmente magros recebem caracterizações que exageram as formas físicas da pessoa gorda para ser servir de piada, como Martin Lawrence em *Vovó... Zona* (imagem 4) ou de Vera Holtz como a Dona Redonda, de *Saramandaia* (imagem 5).
- b. Servir de estepe para o personagem principal, como conselheiro, melhor amigo, aliado, como Dorota, personagem de Zuzanna Szadkowski, de *Gossip Girl* (imagem 6). Trata-se de uma espécie de cota de inclusão, uma vez que não é aceitável a pessoa gorda ser personagem principal e de sucesso, ela pode ser vista como divertida e amável, mas sempre dando apoio para que o protagonista, sempre magro, alcance seus objetivos.
- c. Ser apresentado como feio, repulsivo, patético, como a personagem de Gwyneth Paltrow em *O Amor É Cego* (imagem 7). Nesse caso, a atriz também é magra e teve que receber a caracterização exagerada de gorda.

Imagem 3 – Amy Gorda, de A Escolha Perfeita



Fonte: Whitehead, 2016.

Imagem 4 – Martin Lawrence e sua caracterização em Vovó... Zona



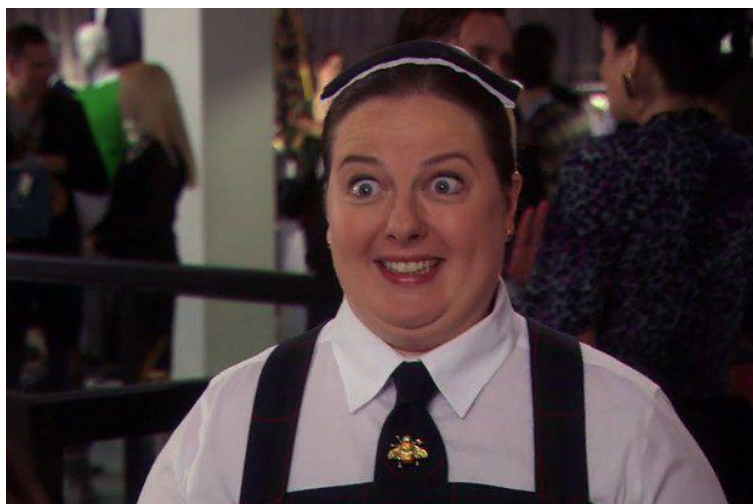
Fonte: ADOROCINEMA, 2017.

Imagem 5 – A atriz Vera Holtz recebendo sua maquiagem de gorda em para interpretar Dona Redonda na novela Saramandaia



Fonte: Astuto, 2013.

Imagem 6 – Dorota, a criada simpática e fiel escudeira da protagonista, a magra, rica e bem-sucedida, Blair Waldorf, de *Gossip Girl*



Fonte: Lowry, 2015.

Imagem 7 – Gwyneth Paltrow interpreta uma mulher gorda que é rejeitada no amor por sua forma física. Seus hábitos alimentares, suas roupas e seus comportamentos são sempre apresentados como repulsivos



Fonte: Globo.com, 2017.

Conforme apontado anteriormente no exemplo de Mônica Geller, tradicionalmente na concepção dos media, uma personagem gorda precisa passar por uma transformação, que inclui o emagrecimento, para ser aceita. A transformação também muda o brilho da pele, o corte de cabelo, a forma como a pessoa se veste, porque obviamente nesse universo paralelo a pessoa, quando gorda, não é dotada de nenhuma noção ou senso de estilo. Mais de 20 anos depois do caso de Mônica Geller, esse enredo

continua sendo repetido à exaustão. Um caso recente é o da série *Isatiabile* (Insaciável, em tradução livre), oferecida no catálogo por *streaming* da Netflix, conforme imagem a seguir:

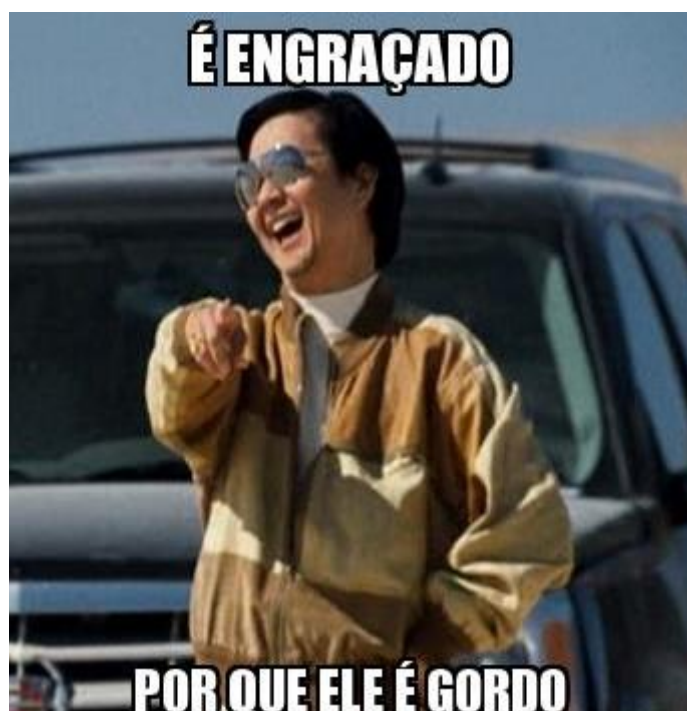
Imagem 8 – Debby Ryan é Patty, uma garota que sofre com *gordofobia* durante o ensino médio. Após ter a mandíbula quebrada, ela precisa rever sua dieta e emagrece



Fonte: BBC, 2018.

Perceptível quando escancarada conforme os exemplos apresentados, a *gordofobia* que vem dos media, muitas vezes, nem é tão sutil assim. Em cena de filme de sucesso estrondoso de bilheteria, *Se Beber Não Case*, de 2009, o fato de ser uma pessoa gorda foi o tempo lembrado ora como motivo de riso, ora como de desconforto, com a presença do personagem Alan, de Zach Galifianakis.

Imagem 9 – Meme retirado a partir de cena do filme Se Beber Não Case



Fonte: Gerador Memes, 2017.

E se, como mencionado anteriormente, os processos de comunicação se dão pela mimese, essa mimese sendo substituída pelo simulacro a partir do esvaziamento de conteúdo simbólico promovido pelos media, o comportamento *gordofóbico* passa a retroagir no contexto social contemporâneo. A tirinha a seguir ilustra a diferença nas reações do grupo direcionadas a duas pessoas com o mesmo comportamento, sendo uma delas magra e a outra gorda.

Imagem 10 – Quadrinho ilustra o tratamento diferente dado a pessoas consideradas magras e a pessoas consideradas gordas quando ambas mantêm o mesmo comportamento



Fonte: Angelou, 2017.

A tirinha chama a atenção para a hostilização, que é concreta, sentida diariamente por homens e mulheres, em especial, por jovens mulheres. Dielly Santos, uma jovem paraense de 17 anos, foi apenas mais uma vítima da *gordofobia* criada, incentivada e mantida pelos media. “A estudante foi encontrada morta no banheiro. “Enforcamento”, apontam os laudos policiais. De acordo com a família da jovem, Dielly era vítima de bullying e *gordofobia*, e, constantemente, chamada de “lixo” e “porca imunda” pelos colegas, que gargalhavam após proferir tais ofensas” (OTTO, 2019). Dielly é só mais uma das tantas vítimas desse preconceito. No capítulo a seguir, veremos detalhes dos requintes de crueldade que ele é capaz de atingir.

4 AUTOETNOGRAFIA DA *GORDOFOBIA*

4.1 Sobre as escolhas metodológicas

Ser uma mulher gorda marca a vida desde muito cedo, principalmente, quando a sociedade exige das garotas um amadurecimento precoce. E é verdade que as crianças podem ser muito cruéis umas com as outras, em vários aspectos, e a *gordofobia* está presente no rol de ofensas que, desde pequenos, muitos são capazes de proferir uns contra os outros. No Brasil, os versos “Gorda baleia, saco de areia, comeu banana podre e morreu de caganeira” são entoados pelos meninos e meninas, em coro, direcionados àqueles que, eles já perceberam, apresentam o corpo em alguma medida maior que o deles. Trata-se de um ritual público de crueldade e humilhação, independente do gênero. Entretanto, é quando se percebe na menina, a futura mulher, que o processo de treinamento para a vida social dentro dos moldes patriarcal, heteronormativo e colonial, começa.

Para Greer,

O corpo da mulher é o campo de batalha onde ela combate pela libertação. A opressão age sobretudo sobre o seu corpo, retificando-a, sexualizando-a, vitimando-a, incapacitando-a. A sua fiscalidade é um instrumento de outrem; a sua função é a de agir como cobaia dos outros, sujeitando o corpo às ministrações prescritas e aplicando nele os tratamentos ordenados. Caso não se sujeite, caso se recuse a aceitar os tratamentos, será julgada pelo seu mau comportamento. (GREER, 1999, p. 130)

Nesse momento da infância, ser gorda passa a ser mais um empecilho para essa doutrinação do corpo feminino que agora deve começar a ser preparado para se encaixar nos moldes daquilo que é esperado para ele em uma cultura patriarcal, machista e heteronormativa. Unhas feitas e esmaltadas, cabelos sempre alinhados, seios firmes, porém nunca expostos, pelos inexistentes, em nenhuma parte do corpo, e claro, não se fala em menstruação. Não bastasse isso tudo, há ainda a pressão para ser magra, padrão contemporâneo de beleza. Essa pressão é agravada pela *gordofobia* que, por sua vez, é agravada pelos media. E, se ser uma pessoa magra é imperativo no contexto atual, ser uma mulher magra vai determinar seu sucesso no modelo de vida traçado para ela. Nesse sentido, a mulher magra, heterossexual, em uma família tradicional cristã, atinge o objetivo de vida traçado para ela. Essa predestinação toda faz com que a menina-mulher gorda passe por uma rotina que alterna privações e provações com o próprio corpo, em uma relação complexa consigo mesma e com o mundo.

A fase mencionada permeia o período por volta dos 7, 8 anos de idade, quando muito embora ainda criança, as características do corpo feminino começam a despontar. Foi assim comigo, hoje com 34 anos de vida, somando então mais de 25 anos de vivências como vítima e, estruturalmente, algumas vezes como algoz da *gordofobia* ora comigo mesma, ora com outras mulheres que, como eu, tiveram que lidar com seus corpos não por questões naturais, mas sim impostas pela sociedade mediatizada. E embora se saiba que as idiossincrasias nos levem a resultados de vida diferentes em relação aos fenômenos experimentados, o que não se nega é a existência desses fenômenos, conforme todo o levantamento realizado e anteriormente apresentado. Nesse contexto, assumo o papel de pesquisadora que também é sujeita e objeto da própria pesquisa, tornando a autoetnografia um caminho sem volta como forma de sistematizar a autorreflexão como terreno fértil da produção de conhecimento.

4.1.2 Uma questão de gênero

Ao se trazer para a pesquisa a autoetnografia, certas particularidades da minha vivência devem ser compreendidas como pontos de partida das discussões que dela irão derivar. Nesse contexto, o corpo feminino ganha protagonismo, uma vez que sou uma mulher cisgênero, ou seja, identifico-me com o gênero que me foi atribuído logo que nasci. Delimita-se então o local de fala dentro desta investigação que se dá com, para e a partir do corpo de uma mulher²². Ou seja, muito embora se saiba que a *gordofobia* não é um preconceito vivenciado apenas pelas pessoas do gênero feminino, por uma série de razões são as mulheres as mais afetadas por ela, estando esse público entre o maior número de vítimas de transtornos alimentares (AMBULIM, 2018). São também as mulheres as principais consumidoras do mercado de beleza e dos procedimentos estéticos, incluindo cirurgias plásticas (LAUS, 2012).

Para Greer (1999, p. 31), toda essa questão se deve porque “Uma tal insegurança foi instalada nas mulheres ao longo de várias gerações [...]”; insegurança essa que persiste até a contemporaneidade, não permitindo em nenhum momento que a mulher apenas exista, seja. Em uma realidade perversa, ela precisa, a todo tempo, submeter-se a

²² Cabe ressaltar que é uma perspectiva de uma mulher branca, ocidental, com formação superior, classe média alta, heterossexual. E que embora essas questões não serão trabalhadas especificamente na tese, elas perpassam todas as experiências de vida, interpretações e análises, acreditando-se, assim, que mulheres diferentes tenham percepções diferentes a respeito dos fenômenos aqui apresentados.

alguma situação que, em muitos casos, pode ser associada à tortura e sofrimento, inclusive autoimposto, para ser aceita em sociedade.

Aquilo que num homem é comportamento patológico é exigido de uma mulher. Um homem calvo que use peruca é uma figura ridícula; a mulher calva que se recuse a usar peruca está a ser obstinada e rebelde. As mulheres com pêlos “a mais” (i. e. quaisquer pêlos) devem lidar diaramente com todo o tipo de produtos de depilação para parecer que não têm pêlos. Oxigenar bigodes, pôr cera nas pernas e arrancar as sobrancelhas são actividades que absorvem centenas das horas das mulheres [...]. Ninguém diria que a mulher que se sujeita à agonizante provação de arrancar os pêlos das virilhas com cera quente sofre de Perturbação Dismórfica Corporal. [...]. (idem)

Como consequência do policiamento de raízes ideológicas em relação ao corpo feminino tem-se um comportamento de controvérsias, de negação, de subtração e, em muitos casos, de mutilação do próprio corpo e do corpo de outrem por parte das mulheres. Dentro da comunidade feminina, há uma série de truques, segredos de beleza, formas de prender o cabelo, levantar os seios, esconder a barriga, eliminar celulite, que as mulheres confidenciam umas com as outras sem qualquer pudor, como se o cumprimento da função estética do corpo feminino em sociedade autorizasse a invasão verbal, física e psicológica de o tempo todo ser abordada por alguém para dizer que o seu corpo, de alguma forma, é inadequado. Salvos casos em que procedimentos estéticos possam atenuar ou corrigir más formações congênicas ou deficiências incapacitantes, sejam elas quais forem, todo o resto pode ser considerado supérfluo, sendo que, de acordo com Greer (1999; p. 131), “A maioria das coisas feitas às mulheres em nome da saúde não têm qualquer razão de ser”.

Ressalta-se, no entanto, que em um caminho tão perverso quanto o de estar na rota da submissão estética corporal, é o da culpabilização da mulher que se encontra nesse sistema. Na maioria das vezes, a mulher não percebe que todo esse espetáculo não se trata de algo natural, mas sim de algo que foi histórica e socialmente imposto a ela. Essa imposição se dá a partir de uma organização que não apenas se moldou na contraposição do masculino versus feminino, como também valorou essa contraposição de modo ao homem ser visto como superior e a mulher como inferior. Hatty e Hatty (1999) explicam como essa valoração foi avalizada pelos grupos religiosos, médicos e comunitários, com objetivo de garantir ao homem a posição dominante nas estruturas sociais, inclusive, etimologicamente falando.

The very language in which men and women, and their anatomies were discussed powerfully reinforce the perceptions inherent in the gender divide. The latin word for man (*vir*) is derived from *vis*, meaning strength, force and vigor, whereas woman (*mulier*) is etymologically related to *mollitia*, denoting characteristics of pliability and softness. It is also has figurative connotations of weakness, irresolution voluptuousness, and even wantonness. Clearly, from

an early time, language provide a formidable tool for constantly asserting that man was the complete being, superior in all ways, and woman was weak, subject to man's will, and sexually voracious. (HATTY; HATTY, 1999, p. 35)²³

Além do privilégio dos homens sobre as mulheres, o grupo feminino ainda foi dividido entre aquelas que se submetiam à dominação masculina e aquelas que não se submetiam. “The dualism of the masculine/feminine gender has been complicated by a further polarization of gender identities – that defines two types of woman. One is represented by the conforming docile body of the “good” woman, the other by the dangerous, sexualized body, the “bad” woman” (idem)²⁴. Ou seja, da dualidade surge a polaridade, com consequente valoração de um ponto em relação ao outro²⁵. A tentativa de equilibrar os polos com valores diferentes, nesse caso, dá-se pela submissão da mulher aos procedimentos desejados ao seu corpo. Aquela que não se submete é, então, considerada má, perigosa.

4.1.3 O corpo perigoso

A dualidade homem-mulher e a consequente relação de superioridade do masculino sobre o feminino é um dos aspectos que podem ser considerados como raiz da patrulha ao nosso corpo. Essa questão, no entanto, ganha força com outro fator de importância, e já brevemente mencionado, diretamente relacionado à demonização do corpo humano como um todo, promovida pelo cristianismo e, posteriormente, adotada pelo pensamento burguês da Idade Média ocidental; ou seja, em um primeiro momento, o corpo passou a ser morada de todo o pecado, assim como dos prazeres terrenos, concretos. A supressão de tudo aquilo que estivesse relacionado ao físico era almejada e, com o propósito de alcançar o celestial, era praticado. Com o surgimento da burguesia, a

²³ Tradução livre: A própria linguagem em que homens e mulheres e suas anatomias foram discutidos reforçam poderosamente as percepções inerentes à divisão de gênero. A palavra latina para o homem (vir) é derivada de vis, que significa força e vigor, enquanto a mulher (mulier) é etimologicamente relacionada à mollitia, denotando características de flexibilidade e suavidade. E também tem conotações figurativas de fraqueza, irresponsabilidade irresponsável e até mesmo devassidão. Claramente, desde cedo, a linguagem fornece uma ferramenta formidável para afirmar constantemente que o homem era o ser completo, superior em todos os aspectos, e a mulher era fraca, sujeita à vontade do homem e sexualmente voraz.

²⁴ Tradução livre: O dualismo do gênero masculino / feminino foi complicado por uma polarização posterior das identidades de gênero - que define dois tipos de mulher. Um é representado pelo corpo dócil e conformado da mulher "boa", o outro pelo corpo perigoso e sexualizado, a mulher "má".

²⁵ Bystrina (1990) explica que as dualidades são, de alguma forma, balizadoras da cultura humana, que para lidar com elas, em seus sistemas, desenvolveram polarizações e valorizações, assim como compensações a essas valorações. A partir de determinados eixos, o que é positivo e o que é negativo pode variar; o que não muda é o fato de que sempre haverá um desequilíbrio entre os polos.

noção de privacidade se fortalece e, entre outras questões, surge uma preocupação, acompanhada pela vergonha, com as funções naturais do corpo que, então, tornam-se tabu, entre elas a menstruação.

An important characteristic of the “grotesque body” is its lack of closure, overwhelmingly viewed as an innate condition of the female body. Inevitably, the normal female body, with its “open” periods of birth and menstruation, became identified with the “grotesque body” and its potential to pollute. And because women are held to be intrinsically uncontained, they are frequently subjected to more constraint in their activities in the public sphere than are men. (HATTY; HATTY, 1999, p. 19-20)²⁶

Assim, toda essa preocupação com a ameaça do grotesco representado pelo corpo feminino o colocou ainda mais sob os holofotes do masculino, neste momento, já polarizado como dominante. Dessa forma, ao longo dos anos, dos séculos, desenvolveram-se uma série de ideais aos quais o corpo da mulher deveria corresponder para ser aceita no convívio social. “Anything that deviates from this is deemed to *unsightly*” (HATTY; HATTY, 1999, p. 21)²⁷. Essa lógica fez da mulher vítima e algoz de si própria em todos os procedimentos aos quais se submete, tendo a sociedade contemporânea, e mediática, encontrado seu trunfo para essa doutrinação. Ressalta-se, no entanto, que embora intensificado na Idade Média, o medo das potencialidades representadas pelo corpo feminino aparece, historicamente, também em algumas tradições tribais nas quais a menstruação era vista como contaminação e/ou possessão, assim como na tradição judaica.

These various factors, taken together, proved immensely powerful in denigrating woman and relegating them to an inferior position in community and religious affairs. They also legitimated the regulation of women’s bodies and the imposition of controls on their sexuality. [...] This twofold definition of Woman focused on her corporeality, and posited her as a submissive body in the order of nature and ‘revolting’ body in the disorder of sin. [...] Beyond all of these issues, Woman was perceived as the archetypal “disordered” body. (HATTY; HATTY, 1999, p. 36-37)²⁸

²⁶ Tradução livre: Uma característica importante do “corpo grotesco” é sua falta de fechamento, vista de modo esmagador como uma condição inata do corpo feminino. Inevitavelmente, o corpo feminino normal, com períodos “abertos” de nascimento e menstruação, foi identificado com o “corpo grotesco” e seu potencial para poluir. E porque as mulheres são consideradas intrinsecamente não contidas, elas são frequentemente sujeitas a mais restrições em suas atividades na esfera pública do que os homens.

²⁷ Tradução livre: Tudo o que desvia disso é considerado não visto.

²⁸ Tradução livre: Esses vários fatores, considerados em conjunto, mostraram-se imensamente poderosos em denegrir a mulher e relegá-la a uma posição inferior nos assuntos comunitários e religiosos. Eles também legitimaram a regulação dos corpos das mulheres e a imposição de controles sobre sua sexualidade. [...] Essa dupla definição de mulher se concentrava em sua corporeidade, e a colocava como um corpo submisso na ordem da natureza e “revoltando” o corpo na desordem do pecado. [...] Além de todas essas questões, a Mulher era percebida como o corpo arquetípico “desordenado”.

Da Antiguidade e da Idade Média e Moderna para os tempos contemporâneos, enfim, pouca coisa mudou em relação à percepção de que o corpo feminino, aos olhos do masculino, é um corpo desordenado. Hoje, no entanto, ao invés de ser compulsoriamente segregada da vida social por seus pais, seus maridos, pela igreja ou pela própria comunidade, como em outros tempos, fosse por causa das suas funções biológicas ou por qualquer outro motivo, a preocupação estética faz com que a mulher, de alguma forma, segregue a si própria, somente se sentindo apta a se apresentar em sociedade, se seu corpo atender ao que, para ela, foi estipulado como aceitável. Com a chancela dos media (NICOLOSI, 2018), não há mais espaço para a naturalidade do corpo feminino. Toda e qualquer parte da mulher pode ser cirurgicamente modificada, esteticamente aprimorada, tecnologicamente modelada, da unha do pé ao couro cabeludo. Se antes a questão era manter ou não pelos onde eles sempre estiveram, agora deve-se cogitar, até mesmo, submeter-se a uma vaginoplastia, cirurgia plástica que promete deixar os lábios vaginais com um aspecto perfeito, seja lá o que isso queira dizer.

Much of the consumer culture promotion material is directed at them, urging them to diet, improve hairstyles and present their bodies according to the male stereotype of femininity. Therein lies the triumph of the thin woman over the fat woman. The success of such disinformation is evident all too frequently in instances of anorexia nervosa, bulimia, and in recourse to cosmetic surgery. (HATTY; HATTY, 1999, p. 23)²⁹

As preocupações estéticas, no entanto, podem não surtir o menor efeito se à base de unhas perfeitas e de cabelos brilhantes e sedosos estiver uma mulher socialmente considerada gorda. Na contemporaneidade, o impacto visual causado pela gordura é tão intenso, que impede a aproximação de outras pessoas. O contrário também é válido; para se proteger de ataques *gordofóbicos*, que podem ser sutis ou descarados, a pessoa socialmente considerada gorda também se retrai, e minimiza suas chances de socialização. Dessa forma, antes de mais nada, a mulher deve se preocupar com os possíveis quilos a mais, cabendo inclusive a toda sociedade se certificar de que ela está, de fato, preocupando-se com isso. A *gordofobia* manifesta, balizada pelo mediático (e vice-versa), comprova a tese. O apagamento circunstancial de corpo da pessoa socialmente considerada gorda, ou seja, de seu primordial agente comunicativo, torna-a

²⁹ Tradução livre: Grande parte do material de promoção da cultura de consumo é direcionado a elas, incentivando-as a fazer dieta, melhorar os penteados e apresentar seus corpos de acordo com o estereótipo masculino da feminilidade. Aí reside o triunfo da mulher magra sobre a mulher gorda. O sucesso de tal desinformação é evidente com demasiada frequência em casos de anorexia nervosa, bulimia e em recorrer à cirurgia estética.

alguém sem voz e sem expressão, alterando significativamente suas potencialidades interacionais, seja no íntimo, consigo mesma, ou na esfera social.

Esse silenciamento ocorre porque nossa postura perante o mundo é balizada a partir da postura que o meio tem conosco. Na primeira infância, por exemplo, não temos percepções de nós mesmos, apenas reagimos ao que nos dizem sobre nós. É o que explica Woodman (1980, p. 28):

A criança absorve as atitudes que as outras pessoas têm com relação ao seu corpo. Se essas atitudes não correspondem à imagem socialmente aceitável, a criança fica submetida a uma enorme pressão. A dimensão do seu corpo pode resultar de distúrbios, não apenas em termos da percepção da fome, como também em termos de outras sensações corporais. Ela deve tentar compreender como sua relação com o próprio corpo reflete as atitudes de pessoas significativas da sua experiência e, o que é ainda mais vital, sua atitude com relação à sua própria vida.

Com a *gordofobia* tão intrinsecamente estabelecida em nossas relações sociais, ela começa a ser praticada contra a criança dentro do próprio núcleo familiar, depois na escola e depois nos ambientes de convívio social. Na mulher, o impacto desse preconceito é gravíssimo. “[...] Quando é gorda desde a infância, a mulher provavelmente teve de si a experiência de uma marginal social desde o começo e o desenvolvimento de seu ego pode estar seriamente comprometido” (WOODMAN, 1980, p. 36). Para a autora, trata-se de um resquício do doutrinamento histórico do corpo ao qual às mulheres têm sido submetidas, negando seu feminino, inclusive, nas próprias formas. Segundo ela, “a maneira pela qual percebemos o nosso corpo é “um conceito configurador construído a partir de todas as nossas experiências sensoriais e psíquicas, sendo constantemente integrada com o sistema nervoso central”. Na mulher obesa, a imagem do corpo é distorcida” (WOODMAN, 1980, p. 27). Há aí uma faca de dois gumes: a esfera psíquica interfere em seu corpo e vice-versa. Isso porque “[...] temos na mulher obesa a imagem do corpo como uma jaula construída a partir das projeções alheias, enquanto seu próprio vazio interior é preenchido com comida [...]” (WOODMAN, 1980, p. 43), em um círculo vicioso sem fim e intimamente relacionado com a sociedade mediática.

4.2 Gordofobia na pele: a história de uma vida

Foram muitas as situações de *gordofobia* que vivenciei ao longo de toda minha vida e, por isso, torna-se humanamente impossível lembrar de todas elas. Penso que algumas devam, inclusive, ter sido propositalmente apagadas da memória, em um

movimento inconsciente de autopreservação. Outras experiências, no entanto, foram sem dúvida mais marcantes durante esses anos todos em que existi como mulher gorda em uma sociedade *gordofóbica* como a que vivemos. Guardadas na memória ou não, todas essas experiências deixaram rastro em minha vida, alterando, ora de maneira sutil, ora de maneira nítida, a forma com a qual eu vejo e me relaciono com o mundo ao meu redor.

Nas próximas páginas, no entanto, e por questões óbvias, virão as histórias das quais consigo me recordar. As histórias que serão narradas, especificamente as que ocorrem a partir da fase da (pré)adolescência, também foram escolhidas por estarem relacionadas com minha condição como mulher, ou seja, abordam a *gordofobia* em relação ao corpo feminino. Ciente, no entanto, da construção subjetiva da memória, o compromisso com a objetividade dos fatos não pode ser oferecido. Por compensação, há a garantia da transparência e da honestidade, sem meias palavras com aquilo que, conscientemente, remete-me o fato narrado.

Com todas as circunstâncias já postas, é o que abertamente tenho condições de oferecer para, em um momento posterior, nomeadamente o próximo capítulo, cruzar essas histórias com os casos de media selecionados para a tese, cumprindo com os objetivos tidos para esta pesquisa, relacionados em um primeiro momento à inserção da temática da *gordofobia* dentro do campo das Ciências da Comunicação e, posteriormente, não só à apresentação da íntima relação desse preconceito com o imaginário mediático (CONTRERA, 2018), bem como com a reflexão acerca das implicações da *gordofobia* na comunicação complexa (mídia primária).

4.2.1 Da infância

Dei-me conta de que era tratada de forma diferente por conta do meu tamanho, quando eu tinha sete anos. Foi no caminho para a escola, que eu fazia diariamente com outros dois coleguinhas de turma. Eles eram irmãos, um menino, de quem eu queria ser namoradinha, e uma menina, com quem eu brincava durante os intervalos e depois das aulas. Um dia, eles me contaram que, entre a turma, meu apelido era “galera” porque meu tamanho valia por muitas crianças. Se eu forçar minhas lembranças, acho que nem era chamada assim pois, na escola, ninguém nunca se dirigiu a mim dessa maneira. Ao contar, eles fizeram um gesto, abrindo e girando os braços ao redor do corpo, e riram. Eu ri também, sem ter consciência do que aquilo significava ao certo, mas percebendo o tom pejorativo e jocoso da fala daqueles dois. Eu não tinha nenhum mecanismo de defesa para

me posicionar naquele momento; apenas absorvi o insulto, que veio em forma de piada, e segui o caminho, ainda com eles, apesar do nó na garganta. Ali houve um despertar, e tudo o que veio depois passou a ser medido pela régua do preconceito, que foi vivenciado em silêncio até recentemente, há dois ou três anos, quando uma série de fatores me fizeram ter a consciência de que meu corpo não é, nem nunca foi, inadequado. No entanto, por não ser um corpo magro, parece que está autorizado a ser invadido e rechaçado publicamente.

Eu lembro que fiquei bastante tempo pensando no que tinha acontecido comigo, mas não contei para ninguém a história ao chegar em casa. Não falei com a minha mãe, nem com meu pai, e não há clareza sobre o porquê de eu ter agido dessa forma, uma vez que foi somente na pré-adolescência que os dois disseram que ser uma pessoa gorda era ruim. Na infância, aparentemente era uma coisa boa. Minha avó paterna, com quem eu sempre me pareci e com quem eu tenho memórias agradáveis, durante essa época da minha vida, sempre fez questão de dizer o quanto admirava a neta rechonchuda em quase todas as ocasiões em que nos encontrávamos, mas não havia um tratamento diferenciado por esse motivo. Entretanto, palavras como *forte* ou *fortinha*, no diminutivo, eram usadas no lugar de *gorda*, que parecia ser uma palavra proibida. E embora elogiada pela minha avó, minha forma física começou a ser pontuada por outros parentes, aparentemente sem juízo de valor. A lucidez adquirida ao longo dos anos, no entanto, não permite que eu acredite nessa isenção.

Nessa fase meu sonho de menina era ser bailarina. Gostava de dançar, fazia aulas e queria ser uma Paqueta, nome dado às assistentes de palco da Xuxa, apresentadora de televisão infantil que, àquela altura, era um sucesso internacional entre as crianças³⁰. A exemplo da apresentadora Xuxa, as Paquetas eram loiras e tinham olhos claros, mas apesar disso eu não me via de nenhuma forma diferente delas. Tinha certeza que conseguiria realizar esse sonho, afinal todo e qualquer lugar era um lugar de praticar os passos de dança e eu sempre organizava performances para serem apresentadas aos meus pais, tios e tias. Admirava a tia Matina, que me levava aos sábados para vê-la em seus ensaios de dança contemporânea. Imitava seus passos no cantinho do estúdio e em casa também, achava lindo. Um dia, no entanto, a televisão estava exibindo *Fantasia*, a animação dos

³⁰ *Xou da Xuxa* foi um programa de auditório apresentado por Xuxa Meneghel, na Rede Globo de televisão, entre 1986 e 1992, as paquetas eram as assistentes de palco da apresentadora que ingressaram na atração em 1987. A partir de 1991 o programa ganhou uma versão em espanhol transmitida em 17 países da América Latina e, em 1993, nos Estados Unidos. (MEMÓRIA GLOBO, 2018, online).

estúdios Disney³¹; em um determinado momento, alguém de quem não consigo me lembrar apontou para a tela e disse: “olha você lá!”. O que eu vi na TV, numa percepção contemporânea, foi a primeira desconstrução dos sonhos que eu nutria, a revelação de que não, eu não era igual a uma Paqueta e, por isso, nunca seria uma. Na tela estavam os hipopótamos dançantes da sequência de *A Dança das Horas*, e em mim a ficha tinha caído e eu era, então, uma coisa repulsiva e risível.

Um hipopótamo, um grande e gordo hipopótamo, um desajeitado e sempre úmido hipopótamo, de patas grossas e vestido de tutu, parecia tão inadequado ser posto para dançar balé, e gerava tanto conflito estético quanto uma porca ser a grande protagonista feminina, vaidosa e idolatrada, de um grupo de amigos, como representado nos *Muppets* pela Miss Piggy³². Nesse momento, o contexto histórico e social faz toda a diferença. Hoje, quando as pautas identitárias, que tratam sobre a diversidade e a representatividade se fazem tão presentes nos mais variados campos de discussão, tais personagens poderiam até ser vistos de forma positiva, mas naquele momento, eram dados ao riso, de forma que quando meu pai me dizia que eu era a Miss Piggy, eu chorava de raiva e me escondia no quarto, querendo nunca mais ter que ver um episódio dos *Muppets* na vida.

4.2.2 (Pré)Adolescência

Toda aquela efervescência hormonal, natural e esperada, para o período da adolescência, em mim, demorou a acontecer. Se eu me concentrar bem nas lembranças, na verdade, sou capaz de dizer que ela não passou nem de perto pela minha existência, mas não sou capaz de afirmar isso com a certeza de quem sabe o que está falando, uma vez que muitos dos sentimentos dessa época foram reprimidos por mim. Talvez seja por isso que eu tenha mais dificuldade para organizar linearmente minhas experiências/lembranças em uma narrativa a partir do que é proposto com esta autoetnografia, mas é justamente por isso que se faz importante essa contextualização, já que ela deixou sequelas para as etapas de vida que viriam a seguir. O período mencionado compreende a fase entre os 10 e 17 anos de vida, momento no qual acontece a transição efetiva do corpo da menina para o da mulher. Entretanto, sem a experiência da

³¹ Considerada uma das mais primorosas animações da Disney ainda hoje, o longa-metragem foi lançado em 1940 e é narrado a partir de peças de música clássica.

³² Criados na década de 70, os *Muppets* eram marionetes que se apresentavam em um programa de humor. Também havia desenho animado e filmes, que se produzem até os dias de hoje pelos estúdios Disney. (MACHADO, 2011).

feminilidade em sua integralidade, a relação com o corpo ganha ares de repressão, potencializando os ocorridos na fase anterior e incubando uma série de ressentimentos para a próxima fase, particularidade de minha história.

Em meados dos anos 90 eu tinha acabado de ter minha primeira menstruação. Aprendi o que era na escola e com a minha mãe, que me ensinou também a usar o absorvente íntimo e a como manter a higiene nesses dias, é importante destacar que, quando havia sido sua vez, ela – que veio de uma cidade minúscula do sul de Minas Ferais, não tinha essa relação com sua mãe. “Eu fiquei assustada, fui até minha mãe e disse que estava sangrando. Ela me deu um paninho, uma toalhinha cortada, falou que era para eu colocar aquilo na calcinha e que eu não deveria dizer nada para ninguém. Foi horrível! A pior parte, no entanto, era ter que lavar e colocar para secar – escondido – aqueles paninhos todos cheios de sangue”, disse-me ela, em algum momento, que não me recordo ao certo qual foi, e reforçando ainda que, por alguma superstição popular de seu círculo, durante o período menstrual a mulher também não podia lavar os cabelos. “Não gosto nem de lembrar!”, frisou, compartilhando comigo o mal-estar de ser mulher, que ela ainda carregava àquela altura e que eu, instantaneamente, passei a carregar também.

Nessa época as mudanças não eram apenas internas, mas também externas. Tinha acabado de me mudar com a minha família, por questões econômicas, do interior para o litoral de São Paulo. Havia muito com o que me adaptar: cidade nova, escola nova, costumes novos, novas relações e dinâmicas sociais e familiares. Assim, aquele incômodo com o feminino – e com o corpo que, como apresentado, dele é tão característico – tomou força. Foram tempos de poucos recursos e de poucas vaidades também... Na hora de se vestir, na hora de se arrumar, na hora de sair de casa... E por mais que eu tente, não consigo me lembrar de um momento sequer de contemplação diante do espelho, tão natural para as mocinhas³³, grupo do qual teoricamente eu começava a fazer parte. Tão logo eu comecei a perceber isso, contudo, passei com a minha família por mais uma mudança de cidade, dessa vez para Caraguatatuba, município vizinho ao que estávamos, também no litoral norte de São Paulo. Apesar da proximidade geográfica, mais uma vez me via em uma nova escola, tendo que lidar com novos amigos e mimetizar novos costumes. Não houve tempo nem espaço para aprender a ser mulher.

Se essa relação não me dava retornos positivos nem no núcleo familiar, nem no social, busquei desenvolver novas estratégias para me integrar aos grupos, e logo que

³³ Expressão utilizada para designar as meninas que passaram recentemente pela menarca.

cheguei na nova escola fui eleita representante de turma. Organizava eventos e gincanas e participava ativamente das feiras de ciências, das nações e o que mais o grupo de pais e mestres pudesse inventar para manter os alunos ocupados... Mas quando me envolvi na produção do jornal da escola, primeiro impresso, depois televisionado, foi que definitivamente deixei de lado aquilo que o restante da turma estava fazendo, ou seja, vivendo a vida adolescente entre festas, namoricos e estudos, para me tornar uma jovem profissional de sucesso, admirada pelos adultos, que faziam sempre questão de frisar o quanto eu era determinada, envolvida, dedicada. Eles gostavam ainda de destacar meu “espírito de liderança”, mas nunca se deram conta de como eu era, naquele momento, mais do que nunca, completamente apartada dos colegas da mesma idade. Ali, aos 15 anos, foi quando eu comecei a ganhar muito peso.

Lembro que foi a primeira vez em que meus pais demonstraram real preocupação com meu peso e resolveram me levar ao médico, um endocrinologista famoso na cidade onde morávamos. Uma consulta com ele demorava meses para ser agendada e, quando chegou o dia, eu não sabia nem o que fazer, tamanha humilhação que ele me fez passar. Aparentemente, esse era o método dele, chamar a pessoa de feia, horrorosa, para talvez, assim levá-la a ter força de vontade suficiente para decidir emagrecer com o choque ela resolvesse ter força de vontade o suficiente para resolver emagrecer. Força de vontade, aliás, foi a expressão-chave dessa fase da minha vida, quando todas as amigas também estavam na onda das dietas. Uma delas passava dias tomando apenas suco de laranja, outra, sopa. Quando a terceira me perguntou qual remédio o médico tinha me receitado e eu disse que nenhum - porque eu não queria correr os riscos dos efeitos colaterais - ela respondeu: “Sua boba, pegava e dava para mim!”. Eu me senti idiota na época, hoje, eu sinto pela minha amiga, que continua se entupindo de medicamentos tarja preta para se sentir aceita em sociedade.

Foi nessa época também que comecei realmente a me interessar pelos rapazes. Já havia dado um beijinho ou outro, mas nada muito sério; nada que estimulasse a pulsão erótica que veio nessa fase. O problema é que eu já estava, além de emocionalmente distantes dos colegas, fisicamente não atraente para os padrões sociais exigidos. Era gorda, e embora vez ou outra eu saísse com alguém, ao final da noite, invariavelmente, sempre ouvia frases como: “Este será o nosso segredo; ninguém precisa saber”. Havia um padrão: os meninos tinham vergonha de admitir que tiveram qualquer coisa comigo. Uma vez, um deles disse a todos enfaticamente que só havia feito o que fez porque estava muito, muito bêbado. Claro que era mentira, porém a conversa repercutiu muito na escola

onde eu estudava. Ao saber dessa história, outro garoto fez questão de dizer, para quem quisesse ouvir, que se para ficar comigo o amigo dele teve que se embriagar, ele - que era popular e desejado pelas outras garotas e poderia escolher ou desdenhar de quem fosse - teria que estar drogado. E assim foi construída minha percepção das relações amorosas com o sexo oposto.

4.2.3 Vida (jovem) adulta

À medida que os reforços negativos do social em relação ao meu corpo aumentavam, aumentava também a dedicação extrema e o êxito nos estudos, agora na faculdade de Jornalismo, para a qual me conduzi naturalmente depois de terminado o ensino médio. Essa característica também passou a me acompanhar no trabalho e a essa altura eu já havia incorporado a postura austera, de comando e de impetuosidade que, inclusive, me acompanhou até recentemente. Tornei-me o clichê da *gorda inteligente/competente*, uma das muitas compensações que tornam a presença da pessoa gorda aceitável em determinados ambientes. Entre tantas outras, só para mencionar algumas, há ainda a compensação da *gorda engraçada*, da *gorda carinhosa*, da *gorda agradável* e, sem falar, da *gorda sensual*, como se a sua existência não bastasse por si mesma, tendo sempre que estar atrelada a alguma característica. Num exercício de compreensão desse modelo, basta dizer que se uma pessoa é considerada magra, raramente essa característica vem acompanhada de alguma outra, exceto quando essa característica realmente se destaca na pessoa.

No entanto, mesmo me tornando a *gorda competente*, meu tamanho também interferiu em minha vida profissional. Durante a faculdade de jornalismo, por exemplo, as atividades que envolviam aparecer em vídeo nas aulas de televisão nunca me foram designadas. Sempre ficava na produção, na edição, no roteiro... E eu pensava: “tudo bem, eu sou melhor nisso mesmo”. Oras, como eu poderia saber se nunca foi me dada a oportunidade de ser repórter de vídeo ou apresentadora, por exemplo? Já formada, participei de uma entrevista na emissora afiliada da Globo na minha região. A editora chefe na época, hoje gerente de jornalismo no mesmo local, além de me lançar um olhar julgador, me questionou: “Mas o que você acha que pode fazer aqui na TV? Porque para o vídeo você não tem o padrão!”. Jamais me esquecerei daquelas palavras e de como eu pude, por tanto tempo, acreditar que a minha imagem não era adequada para certas atividades, a partir do preconceito de outras pessoas introjetado em mim mesma.

Às vezes, querendo ajudar, as pessoas pioravam a situação. Isso aconteceu, por exemplo, com uma das colegas que dividia a casa comigo na república de estudantes. Enquanto nos arrumávamos para sair, ela olhou para mim e disse: “Eu acho que você se veste super bem, sabia? Estava para te dizer isso faz tempo! Quero dizer, suas roupas, a maneira como você combina elas... Disfarça bem a sua forma”. Sim. Ela disse exatamente essas palavras, sem o menor pudor. Falou comigo e continuou a se maquiar e a escovar aqueles longos e negros fios de cabelo que ela ostentava com tanto orgulho. Era como se eu tivesse recebido o maior dos elogios do mundo, afinal, ela era “A” bonita da casa. Àquela altura, até eu tinha entendido desse jeito, percebendo somente muito tempo depois que esses são os requintes de crueldade da *gordofobia*, que se dão de forma subliminar, nas entrelinhas, no subentendido.

Isso aconteceu de novo, por exemplo, quando um ex-namorado proferiu: “Eu sei que a maioria dos homens não gosta de mulheres com o seu corpo, mas eu não ligo”... E eu achava aquilo o máximo! Porém, hoje eu sei que era como se ele estivesse me fazendo um favor. Afinal, se eu já havia ouvido de um menino que, para ficar comigo, ele teria que estar bêbado ou drogado, quem mais poderia querer estar ao lado de uma figura tão repugnante?! Nesse caso, eu deveria ser agradecida ao jovem que, inclusive, demonstrava seu amor por mim ao me perseguir durante a noite para saber se eu, realmente, estava indo para casa quando nos despedíamos, além de me proibir de ir a lugares em que ele não estivesse ou de falar com pessoas que ele não conhecesse. Ele tinha me escolhido para fazer a sua caridade. O irônico da história, no entanto, é que embora dizendo que não ligasse para a minha forma física, foi esse mesmo rapaz quem me deu a minha primeira cápsula de anfepramona para tomar, um medicamento anorexígeno com poder estimulante similar ao da anfetamina, conseguido na ilegalidade, e que eu tomei até o final de nosso namoro.

Foi uma traição dele que nos levou à separação, mas por muito tempo eu pensei que nunca mais na vida fosse arrumar um namorado e que meu destino seria ficar para sempre sozinha. Eu tinha 22 anos. Recém-formada e de volta à casa dos meus pais, fui encontrar a sensação de pertença em um novo grupo, dessa vez, de esportistas. Passei a me dedicar quase que exclusivamente aos treinos de Kung Fu e, para poder competir na modalidade de combate, iniciei a mais inadequada de todas as dietas que fiz ao longo da vida, depois do consumo de medicamentos tarja preta, adquiridos em um mercado paralelo, sem receita médica, mas com muita facilidade a partir do contato de um amigo com um farmacêutico. A dieta em questão consistia em fazer dois treinos de duas horas

todos os dias, com várias camadas de roupa para produzir muito suor, e ingerir praticamente nenhum alimento. Houve dias em que minha alimentação consistia em uma cabeça de brócolis cozida no vapor, sem poder temperar com azeite sequer e com pouquíssimo sal. Em outros, pegava um biscoito tipo cracker, mastigava e, antes de engolir, cuspi no lixo, sem dar tempo nem de ser bulímica. Próximo à data da competição, nem alface eu conseguia engolir. Emagreci 12 quilos em 15 dias, depois mais 15 no mês seguinte, depois mais três. Foram 30 quilos em dois meses e a famosa frase “a saúde em primeiro lugar, não é mesmo?” não era mais dita para mim. Afinal, só me viam como doente quando eu era gorda e, magra, aos olhos dos outros, eu era saudável.

A ironia disso tudo é que, obviamente, com hábitos tão extremos quanto os que eu havia desenvolvido, eu não estava nada saudável. Fiquei fraca, anêmica, com unhas quebradiças e cabelos caindo. Desenvolvi também o Transtorno Dismórfico Corporal (TDC) e embora tivesse perdido um terço do meu peso total, não reconhecia a minha imagem refletida no espelho, tamanha a velocidade desse emagrecimento. Mesmo assim, durante esse período, só o que eu ouvi das pessoas foram frases como “Nossa, como você está bonita”, “Parabéns” ou “Continue assim”. As mesmas pessoas que antes se diziam preocupadas com a minha saúde, agora assumiam que eu estava saudável porque me viam magra e, mesmo eu estando com uma série de problemas físicos e psicológicos, não mais me abordavam por esse motivo. A preocupação delas, definitivamente, não era com a minha saúde, mas sim com a minha imagem, que obviamente as incomodava.

Embora por conta do TDC eu não me reconhecesse magra, uma das experiências mais marcantes dessa fase foi a de poder escolher as roupas que eu queria vestir e não apenas usar aquilo que me servia. Nas lojas, as vendedoras adoravam me atender. Diziam que eu era estilosa, que eu tinha um excelente gosto e me enchiam de elogios e atenção. Foi a primeira vez na vida que fiz parte desse contexto, senti-me integrada, pertencente ao grupo dos escolhidos pelo consumo. Assim, comprei roupas, usei vestidos curtos, coloquei para fora os braços que eu tanto odiava em blusas sem alças e até ousei nos micro biquínis durante as idas à praia e à piscina, mas apesar de magra, como eu nunca havia sido, inclusive com olhos afundados em um globo seco e triste. Porém outro relacionamento me colocou de volta ao lugar da vergonha corporal, quando o então namorado - que eu admirava por ser um talentoso diretor de criação publicitária e por também praticar artes marciais em um momento no qual aquilo fazia muito sentido para mim - criticava a minha forma física O TEMPO TODO.

Sim, eu estava magra como eu nunca havia sido, mas mesmo assim não era o suficiente para aquele homem que eu tentava agradar. Em seus discursos feitos para me colocar para baixo, ele se dizia surpreso por se perceber atraído por uma pessoa como eu, com o meu corpo, com o meu peso. Em um momento de descontração, quando aproveitávamos uma tarde de sol na piscina da casa onde ele morava, disse: “Você precisa se cuidar mais... está quase em forma, mas ainda não chegou lá”. Eu estava de costas para ele naquele momento e consigo me lembrar de ter fechado os olhos por uns segundos, sentindo dentro de mim o aperto causado por aquelas palavras. Foi como um soco no estômago, sentido forte e lentamente, que me deixou sem ar e sem reação. Mal nos falamos mais naquele dia e, algumas semanas depois desse acontecimento, ele me dispensou, pela internet.

4.2.4 Tempos contemporâneos

Aos 25 anos eu era uma filha que orgulhava meus pais, uma jornalista competente, uma professora universitária com mestrado e que havia acabado de receber uma excelente proposta de emprego em uma grande cidade do Estado; proposta essa que aceitei sem pestanejar. Era uma mulher de sucesso e, aparentemente, *empoderada*, como se começava a dizer, e eu era admirada por isso, por essa casca que todo mundo podia ver. Por dentro, no entanto, eu estava estilhaçada; quebrada em milhares de minúsculos pedacinhos, tão difíceis de serem juntados, e que somados ao excesso de trabalho no novo emprego, à mudança brusca de rotina e a – mais um – relacionamento disfuncional, conduziram-me novamente ao aumento de peso. Dessa vez, o maior que já experimentei em toda a minha vida: cheguei aos 130 quilos num piscar de olhos, evitando espelhos e, cada vez mais, amargurando os olhares condenatórios direcionados a mim. Sentia-me tão errada no mundo que, mais uma vez, agarrei-me a uma oportunidade de não ficar sozinha e me casei, de papel passado e tudo, com meu então namorado. No fundo, eu sempre soube que não daria certo e que, eventualmente, terminaríamos... Só não tinha coragem de dizer isso à época, então fui adiante com tudo, inclusive com uma cerimônia festiva para 250 convidados.

Vi-me em uma situação inédita, a da noiva, observada e admirada por sua beleza naquele dia tão especial, então, fui atrás de um vestido de noiva. E embora o amor romântico e todas as situações dele derivadas e a ele associadas nunca tivessem sido parte dos meus sonhos, quando me vi organizando uma cerimônia de casamento, mesmo

fugindo das normativas tradicionais, acabei fazendo algumas concessões, entre as quais usar um lindo vestido para que pudesse fazer minha entrada triunfal perante os convidados, presentes ali para celebrar aquele momento comigo. Assim, na companhia de duas das cinco madrinhas e de muita paciência, resolvi que encontraria o meu vestido ideal na Rua São Caetano, em São Paulo, também conhecida como “Rua das Noivas”.

Cabe ressaltar que para quem sonha a vida inteira em chegar à igreja em uma Limusine, vestida de branco, ao som da marcha nupcial e tudo o que uma cerimônia tradicional pede, a tal rua é conhecida como o local ideal para encontrar e encomendar esse tipo de serviço. São metros e mais metros de lojas com tudo o que uma noiva pode querer, dos sapatos às lembrancinhas, da roupa do noivo à banda que vai tocar na festa. Ao entrar nas lojas, as noivas recebem tratamento VIP. Os estilistas estão lá de plantão, escolhem as peças, de acordo com o pedido da noiva mas também, de acordo com o que eles acham que ficaria bom nela; fazem a noiva experimentar, arrumam seu cabelo, colocam o buquê na mão dela, dizem que ela está linda-maravilhosa e, assim, com o vestido dos sonhos no corpo, ela se senta à mesinha da gerente para calcular o preço do sonho, que hoje com uma estimativa otimista deve custar a partir dos R\$ 5 mil.

Eu procurava por um vestido curto, simples. Meu casamento seria no quintal da casa da minha irmã, para amigos íntimos e queridos, sem nenhuma pompa. Entretanto, o tratamento VIP descrito acima me foi oferecido por apenas uma das dezenas de lojas que embora não tivesse os vestidos mais incríveis, não se recusou em atender a uma noiva tamanho grande. Quem lê esta tese pode pensar que estou exagerando ou que me equivoquei, já que hoje os tempos são outros e as pessoas estão mudando... Mas não; e minhas duas madrinhas estavam lá para comprovar todos os olhares tortos e matadores dos atendentes para as minhas curvas e para ouvir comigo todos os “Para você? Não, para você não tem nada aqui”. Porque gorda, na verdade, não pode sequer ser noiva, tal constatação levou-me a procurar novamente os remédios para emagrecer.

Dessa vez, eu fui ao médico que, sem solicitar nenhum exame, receitou uma combinação manipulada de estimulantes com inibidores de apetite. Sem nunca ter comentado com ninguém, nem com o próprio médico, lidei com crises de ansiedade causadas pela medicação, além de ter tido durante aqueles meses, pelo menos, uma taquicardia por dia, quando eu acreditava que morreria. Entretanto, apareci magra nas fotos. A magreza, por sua vez, não me ajudou durante os três anos de relacionamento infeliz, de total subversão de papéis sociais e emocionais dentro da lógica do casal,

suportados mais uma vez por aquela velha ideia de que, caso eu o dispensasse, ficaria sozinha para o resto da vida.

Ideia essa reforçada por experiências que tive, como a de um quase atropelamento na faixa pedestre. Havia terminado uma caminhada e voltava para casa, suada e feliz comigo mesma por ter completado a atividade física que tanto me faz sentir bem. Quando um motorista imprudente em um carro estilo *pick-up*, com seus amigos carregados na carroceria, passou por mim em alta velocidade e soltou o grito, o berro, o xingamento: “tinha que ser uma gorda, mesmo!”. Meu coração acelerou, eu não sabia o que fazer. Ele estava acima do limite de velocidade permitido pela rodovia, carregava seus passageiros irregularmente na caçamba do veículo, e quem estava errada era eu, por ser gorda. Fui direto para casa sentindo o gelo na espinha e nó na garganta. Ao chegar em casa, naquele fim de tarde em que eu me programava para sair e encontrar com amigos, tranquei-me no quarto e chorei até dormir, sem falar com ninguém. Que mundo é esse no qual ser socialmente considerada uma pessoa gorda é pior que matar alguém atropelado?! Ainda hoje, continuo a me questionar.

Contudo essa última história me despertou para o quão prejudicial a *gordofobia* é nas nossas vidas nos mais diversos níveis, pois ao verbalizá-la, depois de algum tempo, percebi o preconceito agindo e retroagindo em minhas atitudes e pensamentos. Naquele dia eu propositalmente não saí de casa, mas quantas outras coisas eu não havia deixado de fazer, sem que eu sequer me desse conta, porque estava com medo de ser hostilizada por causa do meu tamanho? Com quantas pessoas não deixei de conversar, quantas experiências eu me impedi de ter? Essas foram perguntas que eu me fiz, quando me vi descrevendo essa passagem, após um caso notório de *gordofobia*, que teve grande repercussão. Esse fato ocorreu na cidade onde eu vivo e trabalho atualmente, Mogi das Cruzes, no Alto Tietê Paulista.

Trata-se do caso da professora de inglês que foi ofendida em um bar por ser gorda e que foi parar nos mídia por ter mobilizado a irmandade feminista da cidade em ações de protesto. Aquela mulher, que até então eu nem conhecia, fez com que eu me visse como eu nunca havia me visto antes, e a luta dela se tornou a minha também, percebendo e denunciando os requintes de crueldade contidos em nas situações *gordofóbicas*. Apesar de libertador, ainda é um exercício de conflitos, uma vez que contando tudo isso para as pessoas hoje em dia, a maioria delas, diz coisas como “ah, mas eu teria reagido!”, “teria xingado”, “mas você não fez nada?”, colocando a pessoa socialmente considerada gorda como culpada, dessa vez, pela apatia que lhe permitiu suportar tantos maltratos durante

tanto tempo. No entanto, a luta é promissora. O caso da professora está transitando em julgado e ela saiu como vencedora do processo que moveu contra o agressor.

Embora tenha tido o despertar da violência real que é a *gordofobia*, bem como iniciado o fabuloso processo de aceitação corporal pelo seu resgate e ressignificação de seu contexto social e nos media, não parei obviamente de ser vítima desse preconceito. Na ginecologista, por exemplo, após ter feito uma bateria de exames de sangue, pressão, hormônios, entre outros, que é importante que seja dito, não apresentaram nenhuma alteração, dei-me conta da institucionalização da opressão. A médica já havia me dispensado das formalidades; conversávamos já sobre amenidades referentes ao meu trabalho como professora ou algo assim, e eu estava pronta para me despedir, despedi-me, levantei da cadeira e fui em direção à porta. Eu já havia quase saído da sala, estava assim, metade dentro, metade fora, quando ela gritou: “mas precisa perder peso, hein?”, e eu não entendi nada do que estava acontecendo. Pois não foi ela que tinha acabado de me dizer que todos os meus exames estavam em ordem, sem alterações, saúde perfeita? Oras! Que besteira era aquela, então? Afinal, se ela tivesse alguma preocupação real com a minha saúde por conta do meu peso ela que, durante a consulta, fizesse o encaminhamento a um profissional endocrinologista, e não gritasse na minha saída de seu consultório uma advertência dessas, que ela não aguentou e fez, motivada pela ideia de que ser uma pessoa gorda é errado. Eu não olhei para trás e segui meu caminho, certa de que a exposição dessa crueldade precisava ser amplamente feita e enfim, com esta tese, é o que se busca, vencendo os próprios medos e amadurecendo agora intimamente, a caminho da liberdade do corpo e do espírito.

5 O PESO E A MÍDIA

Conforme já apresentado, esta tese foi concebida a partir do conceito de complexidade proposto por Morin (2005), uma vez que se busca compreender as imbricadas relações da *gordofobia* com os media manifestadas em situações do cotidiano concreto da comunicação em mídia primária, ou seja, com o corpo. Assim, são as categorias metodológicas sugeridas pelo autor que irão guiar a justaposição das histórias por mim vividas e narradas no capítulo anterior, com exemplos de produções veiculadas em meios hegemônicos. Essa justaposição busca tensionar de forma comparativa, analítica e crítica os três princípios do método complexo, ou seja, os princípios Dialógico, Recursivo e Hologramático, entre os media e o corpo. Nesse sentido, para as narrativas biográficas da autoetnografia que estão divididas em quatro etapas: Da infância, (Pré) adolescência, Vida (jovem) adulta e Tempos contemporâneos, serão apresentados quatro exemplos de produtos mediáticos, na seguinte ordem: a novela mexicana *Carrossel*, com enfoque na personagem Laura, o filme *Nunca Fui Beijada*, estabelece uma relação não somente com o enredo do filme, mas também com a imagem de sua protagonista à época, a atriz Drew Barrymore, o seriado *Friends* e o tratamento dado à personagem Mônica Geller e a notícia publicada em um portal brasileiro sobre o emagrecimento da atriz Guta Stresser.

A seleção desses exemplos de conteúdo de meio hegemônico para uso na pesquisa segue a subjetividade permitida pela autoetnografia, método escolhido como a espinha dorsal desta tese. Porém, eles representam uma variedade de formatos que possibilitam que a análise a ser feita atinja um resultado aprofundado justamente pela diversidade de casos apresentados. Nesse sentido, cada um dos exemplos anteriormente mencionados será apresentado a partir dos preceitos da análise de conteúdo, método essencialmente relacionado à análise das mensagens, cumprindo com os requisitos da sistematicidade e da confiabilidade (FONSECA JUNIOR, 2010). As ferramentas disponibilizadas por esse método foram escolhidas por permitirem o trabalho com materiais diversos, não somente escritos/impressos, como também audiovisuais, abrangendo assim a variedade de formatos escolhidos para o comparativo da tese. Assim, são marcos de referência para a análise de conteúdo os dados tais como se apresentam, o contexto no qual esses dados estão inseridos, o conhecimento do pesquisador sobre o tema investigado, o objetivo que se tem com a análise de conteúdo, a inferência como tarefa intelectual básica e a validação

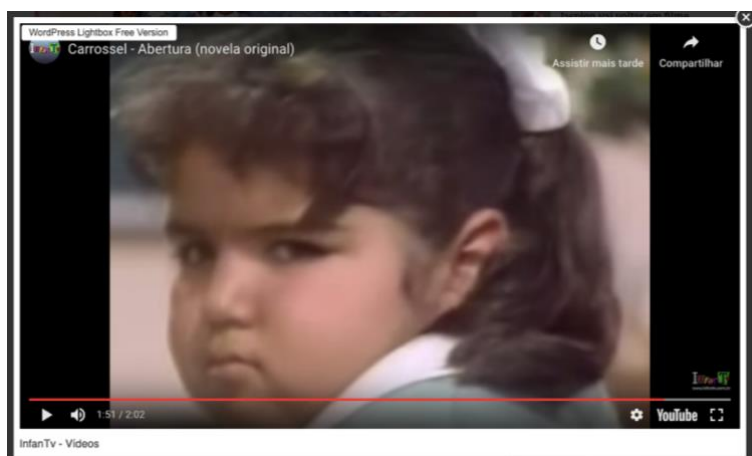
como critério de sucesso para a análise dos dados (KRIPPENDORF, 1990 apud. FONSECA JUNIOR, 2010). Cabe ressaltar, contudo, que o objetivo não é fazer a análise de conteúdo dos exemplos midiáticos selecionados, mas sim, com as ferramentas desse método, sistematizar o que será apresentado desses exemplos para a posterior interpolação junto às narrativas autobiográficas do capítulo anterior. Dessa forma, considerando os cinco passos da análise de conteúdo propostos por Bardin (1988): organização, codificação, categorização, inferência e tratamento, nesta tese optou-se por trabalhar apenas com as três primeiras que são a organização, a codificação e a categorização.

A partir daquilo que Krippendorf (1990 apud. FONSECA JUNIOR, 2010) aponta como as categorias para a análise de conteúdo, na fase da organização serão levantados possíveis sistemas, normas, índices e sintomas, representações, comunicações e processos dentro dos exemplos escolhidos para o trabalho, sendo aplicadas para a amostra as regras da representatividade e da pertinência para pontuar o que de cada caso será trazido à tona. Na codificação será feito o recorte, a partir das unidades de registro com as quais se pretende trabalhar, a enumeração, considerando-se a frequência, o equilíbrio e a tendência em relação aos casos de *gordofobia* nos media, a classificação e a agregação pelo critério expressivo. Para a fidelidade da análise, outra característica já apontada, mas que deve ser ressaltada é a de que os casos de mídia hegemônica aqui apresentados devem ter se sido lançados, veiculados, exibidos ou reexibidos no mesmo intervalo temporal de cada fase das narrativas autobiográficas. Nesse sentido, para “Da Infância”, que se passa entre 1984 e 1991, tem-se a novela mexicana *Carrossel*, exibida no Brasil pelo SBT de 16 de janeiro de 1989 a 1 de junho de 1990. A fase “(Pré)Adolescência” se dá entre os anos de 1992 e 1999 e será entreposta pelo filme *Nunca Fui Beijada*, produção de Hollywood lançada no Brasil em 28 de maio de 1999. Para a “Vida Jovem/Adulta”, cuja narrativa compreende os anos de 2000 a 2006, será trabalhado o tratamento dado à personagem Mônica Geller, do seriado americano *Friends*, que foi ao ar como estreia entre 22 de setembro de 1994 a maio de 2004. Por fim, para “Tempos Contemporâneos”, que se dão de 2007 até os dias de hoje, será trabalhada a notícia de emagrecimento da atriz brasileira Guta Stresser, publicada no portal de notícias R7 em 15 de maio de 2017.

5.1 Laura: a ‘gulosa e romântica’ de Carrossel

A telenovela mexicana Carrossel, produzida pela Televisa, foi ao ar no Brasil pelo SBT de 1989 a 1 de junho de 1990. De enorme sucesso, Carrossel levou sua emissora dos 6 para os 24 pontos de audiência durante seu período de exibição. Os capítulos tinham 30 minutos cada e contavam a história de uma turma do 2º ano do ensino fundamental da Escola Mundial. Laura era uma das alunas dessa turma, seu bordão na versão brasileira era a exclamação “Que romântico!” (INFANTV, 2019). Laura era interpretada pela atriz mirim Hilda Chávez, que durante toda a novelinha foi hostilizada por ser gorda. As ‘brincadeiras’ com Laura apareciam logo no início dos episódios, quando após a abertura, já na sala de aula, a professora Helena fazia a chamada dos estudantes. Após ser a única a responder “Presente, minha querida mestre”, e não apenas “presente”, como faziam as outras crianças, ela tinha o corpo acertado por um projétil lançado a partir de uma pequena zarabatana por um de seus colegas. A parte do corpo acertada é justamente o bumbum da garota, que mal cabia na tela quando era mostrado. Ela se vira, de cara fechada, mas seu rosto continua em *superclose*, ou seja, ocupando a maior parte da tela, dando a impressão de ser ainda maior do que é. Essa chamada era padrão e exibida em todos os episódios.

Imagem 11 – Logo na abertura do programa, Laura sofre com as brincadeiras dos colegas



Fonte: INFANTV, 2019.

Laura era retratada como romântica e sonhadora, além de boa aluna. Essa imagem pode ser confirmada ainda hoje, no que restou de seus vídeos disponíveis na internet. Isso porque não há opção por *streaming*, nem de compra de DVD, da versão antiga da

novela³⁴. Quem se lembra e quem conhece a Laura da primeira versão de Carrossel, nos dias de hoje, encontra 4 resultados distribuídos entre as três primeiras páginas da busca por vídeos no Google com os verbetes entre aspas “Laura” e “Carrossel”³⁵. A partir da quarta página eles já não aparecem mais. Dos 4 resultados, o último deles, hospedado no site vimore.org, não está mais disponível. Assim, serão trabalhados, na ordem em que aparecem, os 3 resultados disponíveis:

- **Carrossel - momento dramático com Laura e música triste**

- Link para o vídeo: <https://www.youtube.com/watch?v=0YFbJeVaHMI>
- Descrição (conforme consta no YouTube): Momento dramático da novela Carrossel, embalado pela clássica música da novela.
- Duração: 1’53”
- Publicação: 16 mar. 2017
- Visualizações: 364.587

O vídeo mostra três crianças sentadas em um banco. Laura está ao centro, cabisbaixa, sendo consolada por seus dois colegas, com o seguinte diálogo:

Ator 1 – Não fica assim, Laura.

Valéria – Já passou tudo.

Laura – Não passou tudo, não... Porque eu continuo gorda.

Um novo colega chega e diz:

- Laura, nós meninos também estamos solidários com você.

Laura se ergue e agradece. O menino continua:

- E não se preocupe com o Paulo e com o Jaime porque eles vão ter o que merece.

O rosto de Laura novamente aparece em *superclose* e ela revela ao público o motivo da tristeza: uma peça pregada pelos meninos, Paulo e Jaime, que brincaram com os sentimentos da menina.

³⁴ A novela ganhou uma nova versão, desta vez brasileira, produzida e veiculada também pelo SBT. O *remake* foi ao ar entre 21 de maio de 2012 a 26 de julho de 2013. Para essa versão, há um canal no YouTube com todos os episódios disponíveis sob o endereço <https://www.youtube.com/channel/UC62chqw1TwkDI93iS8RzT1g/videos>.

³⁵ Busca realizada em 3 de abril de 2019.

- Eu estava iludida só porque eu ia ter um namorado, mas já vi que nunca ninguém vai me querer. Nunca terei um namorado.

Os colegas não contestam Laura, apenas a afagam enquanto a trilha triste aumenta. Ela é interrompida por Valéria:

- Laura, *gordinha*, não chore. Nunca se deve chorar por um namorado.

O vídeo termina com a chegada de um adulto, que as crianças chamam de campeão. Elas explicam a ele o motivo da tristeza de Laura e ele diz, para tentar animar a garota, que se tivesse conhecido Laura quando criança, namoraria com ela.

Imagem 12 – A recorrência do *superclose* no rosto de Laura é um elemento que se deve levar em consideração na análise



Fonte: YouTube, 2019.

- **Carrossel 1991 – Momento Jorge e Laura**

- Link para o vídeo: <https://www.youtube.com/watch?v=QQElh0kOEvM>
- Descrição (conforme consta no YouTube): Jaime e Paulo vão até Laura e comentam que tem um colega na classe que é maluco por ela, “Jorge”. Laura fica feliz, diz que é um candidato maravilhoso. Jaime afirma que Jorge é tímido e tradicional. Jaime e Paulo afirmam que vão fazer o papel de cupido. Laura vai falar com Jorge, que é grosso, pede para ela deixá-lo em paz. Laura afirma que Jaime e Paulo mentiram para ela. Paulo diz que Laura tem razão, Jorge não quer mesmo nada com ela, pois ela é gorda, feia e ridícula, ninguém

quer namorar com ela. Laura fica extremamente magoada. SBT world 2013 Forever.

- Duração: 4'23"
- Publicação: 26 mar. 2017
- Visualizações: 15.906

Embora a descrição do vídeo forneça um roteiro, o que se vê na tela não é exatamente igual ao que está escrito. Assim, o vídeo inicia com uma montagem feita com elementos da versão recente de Carrossel: logotipo, a atriz Benelli, que interpretou Laura na edição contemporânea, e a boneca de Laura que foi comercializada como ação de *merchandising* da novela atual. Aos 33" há uma fusão para a Laura da versão antiga da novela. A primeira cena da novela antiga, então, é a de Laura esparramada no sofá, segurando um picolé com uma mão e um guardanapo com outra, que a menina usa para limpar a boca. O corpo de Laura é percorrido em um *travelling* em *zoom in* de baixo para cima, recurso utilizado justamente para que algo pareça maior do que realmente é. Mais uma vez o rosto de Laura é mostrado em *superclose*. Ela diz para si mesma, suspirando:

- Quando eu for a namorada do Jorge, serei a menina mais feliz e mais apaixonada do universo inteiro.

Jaime e Paulo observam escondido e riem da garota. Eles também observam a abordagem de Laura a Jorge e a maneira grosseira como o menino a trata. Depois de pedir para ser deixado em paz por ela, Laura é mostrada mais uma vez triste e mastigando. Os meninos Jaime e Paulo são mostrados mais uma vez conversando e rindo do que aconteceu com Laura³⁶. Quando Laura chega e vai tirar satisfação com os garotos, desenrola-se o seguinte diálogo:

Laura – Paulo e Jaime! Vocês mentiram para mim.

Os meninos – Nós dois?

Paulo – Como pode dizer isso?

Jaime – Somos seus melhores amigos do peito.

³⁶ Cabe ressaltar que Jaime também é gordo e que ele também sofre *gordofobia* ao longo da novela. Nesta cena, por exemplo, ele aparece entre as mastigadas em um sanduíche que sempre carregava consigo. No entanto, como a delimitação deste trabalho está relacionada ao corpo feminino, o enfoque será em Laura apenas.

Laura – Sim, senhor, vocês mentiram! Porque disseram que o Jorge queria ser meu namorado. Eu passei na frente dele piscando os olhos e ele me disse para deixar ele em paz.

Os meninos continuam sustentando a história contada para a garota.

Paulo – Ah, ele disse isso só para disfarçar.

Jaime – É, ele é muito tímido, Laura.

Laura – Eu não me conformo com o que vocês me dizem. Eu preciso ouvir dele mesmo.

Nisso os meninos começam a agir de forma agressiva com Laura.

Paulo – Olha aqui, você já está me ofendendo com essa desconfiança toda, mas temos uma maneira de convencer você de que não estamos te enganando.

Laura – Que maneira? Vamos, falem!

A edição corta para Laura, sentada em sua cama e abraçada a um urso de pelúcia, despetalando uma margarida na brincadeira do bem-me-quer, confiando à sorte o amor de Jorge por ela. Na legenda aparece escrito: a romântica Laurinha. O resultado é o mal-me-quer. Ela joga o talo da planta fora e diz:

- Que margarida tão pouco sentimental.

Na próxima cena Laura aparece escrevendo. A cena em preto e branco denuncia que a menina está fantasiando. A fantasia de Laura a coloca em uma torre, vestida de princesa, e Jorge, seu príncipe, declarando todo seu amor a ela. Da fantasia corta o vídeo para o rosto de Laura, que novamente ocupa a tela toda. A garota suspira e diz:

- Que sonho mais romântico!

Imagem 13 – Era muito comum ver Laura comendo. Esta cena, no entanto, destaca-se pela forma como ela foi filmada, em *zoom in* dado de baixo para cima, um recurso conhecido por fazer as coisas parecerem maiores do que elas já são.



Fonte: YouTube, 2019b.

Imagem 14 – Nessa sequência do mesmo vídeo, Laura aparece confortando sua tristeza entre uma mordida e outra



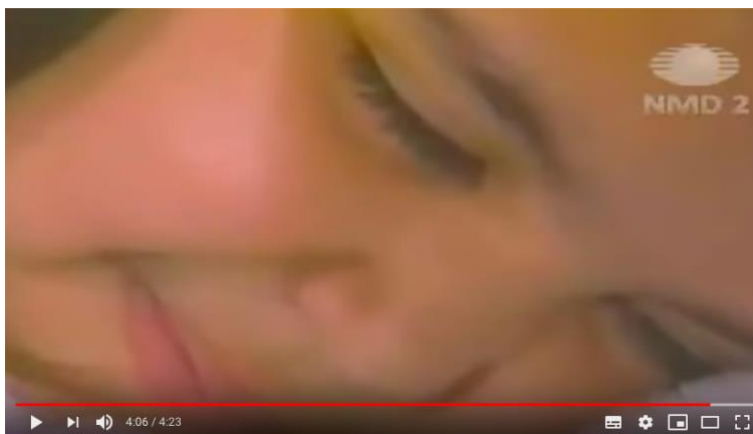
Fonte: YouTube, 2019b.

Imagem 15 – A cena em preto e branco indica que se trata de um sonho, de uma fantasia da menina Laura. Só assim ela poderia estar com seu amado



Fonte: YouTube, 2019b.

Imagem 16 – Novamente Laura aparece triste... E em *superclose*



Fonte: YouTube, 2019b.

- **Novela “Carrossel” (Televisa – 1989 / SBT – 1991) – Valéria esconde os sapatos de Laura**
 - Link para o vídeo: <https://www.youtube.com/watch?v=YDcG8q2QxLg>
 - Descrição (conforme consta no YouTube): Uma inspetora vai à escola no momento em que a Professora Helena (Gabriela Rivero) passa para os alunos a lição de uma redação onde eles falem sobre suas travessuras. Porém, minutos antes da inspetora entrar na sala, Valéria (Krystel Klithbo) esconde os sapatos de Laura (Hilda Chávez). Então, a pobre gordinha passa vergonha na frente da inspetora, Valéria acaba ficando de castigo, e é aí que acontece a clássica passagem onde a Professora Helena não quer mais a amizade de Valéria.
 - Duração: 5’22”

- Publicação: 7 fev. 2017
- Visualizações: 4.644

Os primeiros três minutos e cinquenta segundos do vídeo mostram a escola se preparando para receber uma autoridade na área, bem como a professora Helena explicando uma atividade de redação para os alunos, a menina Laura descalçando os sapatos e Valéria os escondendo. Quando a inspetora entra na sala ela pede para ouvir algumas das redações e chama Laura para se apresentar. A criança procura o sapato e não encontra, no que Valéria diz:

- Olha o sapato da gorda!

Laura fica visivelmente constrangida e em silêncio, a postura da menina é exigida pela professora e pela diretora da escola, também presente na sala. Laura diz que não pode se apresentar porque está descalça. Todas as crianças riem. A cena corta e passa para a diretora repreendendo a professora Helena e, depois, para Maria Joaquina parabenizando Valéria pela peça pregada em Laura.

5.2 Josy Nojenta: a jornalista ‘CDF’ de Nunca Fui Beijada

Nunca Fui Beijada é mais uma comédia romântica destinada ao público (pré) adolescente feminino, um formato de muito sucesso. Seu trunfo, no entanto, está no elenco. Ao contrário da maior parte dos filmes do gênero, nos quais o grupo é composto por atores e atrizes iniciantes, prestes a despontar para a fama, Nunca Fui Beijada tem como protagonista a atriz Drew Barrymore e nomes como os de David Arquette, Molly Shannon, Jon C. Reilly, Jessica Alba, James Franco e Octavia Spencer figuram entre os coadjuvantes. Embora jovens, todos já acumulavam trabalhos conhecidos em Hollywood. O filme estreou em 28 de maio de 1999, tem 1h47 min de duração, e foi produzido e distribuído pelos estúdios da 20th Century Fox. Hoje, além de ser possível comprar a versão do filme em DVD, ele também está disponível em serviços de *streaming* como Netflix e Claro Vídeo³⁷.

O filme conta a história da jovem Josy que, apesar de ter apenas 25 anos, já é uma das editoras do Chicago Sun Times. Josy é a típica garota prodígio, que sempre se dedicou

³⁷ Consulta realizada em 3 de abril de 2019.

aos estudos e conquistou postos de destaque em sua vida profissional. No entanto, lamenta-se por sua impopularidade nos tempos de colégio não ter permitido que ela se divertisse como qualquer outra adolescente. Com sua vida voltada para o trabalho, aos 25 anos, a personagem nunca havia beijado ninguém, mote do filme. Todo esse sentimento volta à tona quando Josy é escalada para fazer uma matéria disfarçada de aluna do ensino médio. Em um primeiro momento, ela pensa conseguir superar o sentimento, uma vez que já é crescida, amadurecida. No entanto, ao ver como os colegas tratam uns aos outros, ela novamente se vê como integrante do grupo dos indesejáveis de se ter por perto.

Na época de escola, Josy tinha um apelido, *grosy*, que em tradução livre significa “nojenta”, a personagem sofria todo tipo de *bullying*. O ápice dessa prática ocorre quando o garoto por quem ela se interessava a convida para ir ao baile com o único propósito de rejeitá-la, exibindo para ela a outra acompanhante, magra. Embora a Josy atual seja vista como esquisita, é outra a garota alvo maior da violência dos colegas. Josy se solidariza com a ela- e ambas se tornam amigas. No entanto, a *gordofobia* aparece nos detalhes, como na cena em que, no refeitório, Josy coloca um x-burger em seu prato e as garotas magras – e populares – da escola conversam sobre a quantidade de calorias que estão ingerindo em suas refeições.

O interesse amoroso de Josy fica dividido entre o garoto mais popular da escola, que a faz se lembrar de sua experiência na adolescência, e o professor de literatura, que não sabe que ela não é uma estudante e a perspectiva do relacionamento entre ambos levanta todo um debate sobre o envolvimento romântico entre alunos e professores. O desenrolar dos acontecimentos não é promissor para Josy até que seu irmão Rob, interpretado por David Arquette, resolve também voltar disfarçado para a escola. Ele, que sempre foi popular, alcança o posto com facilidade no seu segundo ingresso ao ensino médio e, por influência dele, Josy passa a ser vista com outros olhos pelos demais colegas. Entre as histórias que Rob inventou para que Josy fosse popular, está a de que o pai dela detém a patente de um famoso remédio para emagrecer. Assim, Josy vai ao baile com o garoto de seus sonhos, mas já apaixonada pelo professor. Ela mesma revela toda a história do disfarce, após flagrar os meninos e as meninas da escola tramando uma maldade com a sua colega *nerd*. Ela sai da escola e conta toda a história no seu jornal, marcando um ponto de encontro público, em um importante jogo de baseball, para que o professor fosse encontrá-la e, finalmente, lhe desse seu primeiro beijo, o que acaba acontecendo.

Imagem 17 – Drew Barrymore interpreta Josy Nojenta em *Nunca Fui Beijada*. Porque, aparentemente, ser gorda significa que também não se vestir bem, não lavar os cabelos, não usar maquiagem ou cuidar de si mesma



Fonte: *Nunca fui beijada*, 1999.

Imagens 18 e 19: No refeitório, Josy, que é impopular entre os alunos, escolhe livremente o x-burger, enquanto as garotas populares e magras falam com preocupação sobre as calorias de suas refeições



Fonte: *Nunca fui beijada*, 1999.

5.3 A Mônica gorda de *Friends*

Já faz mais de 15 anos que foi ao ar o último episódio original de *Friends*, mas ainda assim o seriado continua batendo recordes de audiência. Em 2018, por exemplo, foi a série mais maratonada, ou seja, assistida com episódios na sequência, do serviço de *streaming* Netflix (ZANETTI, 2018). Esse tipo de produção é comum em atrações muito populares e que deixaram muitos fãs; e esse é o caso de *Friends*. A *sitcom* ficou 10 anos no ar, de 22 de setembro de 1994 a 6 de maio de 2004, num total de 236 episódios. Seu elenco principal era composto por Jennifer Aniston, Courtney Cox, Lisa Kudrow, Matt

Le Blanc, Matthew Perry e David Schwimmer, à época ilustres desconhecidos, mas ainda hoje identificados como Rachel, Monica, Phoebe, Joey, Chandler e Ross, os seis amigos que, depois de formados e já com algumas decepções na vida e nos amores, tentam sobreviver em Manhattan, cada um com seus defeitos, virtudes e particularidades

Nesse enredo, Courtney Cox interpretava Monica, a irmã mais nova de Ross. A Monica adulta é chef de cozinha, e entre outros adjetivos que podem caracterizá-la nessa fase seriam: detalhista, maníaca por organização e limpeza, competitiva, ansiosa, ciumenta, possessiva e, em muitos casos, até mesquinha. Contudo, mesmo com o esse perfil, ela era a anfitriã-mór dos amigos, que dividiam o tempo em seu apartamento e no café que ficava abaixo do prédio onde ela vivia. Entretanto, Monica nem sempre havia sido essa pessoa. Em sua infância e adolescência ela era gorda, e toda vez que a série, em forma de *flash back* ou de projeção imaginativa dos personagens retrata a Monica gorda, ela aparece como uma pessoa doce e amável, por vezes, até inocente e ingênua. A Monica gorda também faz tudo para agradar seus amigos que, porém, não parecem estar muito interessados em manter a amizade com ela.

São quatro os episódios em que a Monica gorda aparece diretamente, cada um tem uma duração média de 25 minutos, segue uma lista em tradução livre:

- **Temporada 2, episódio 14: Aquele com o vídeo da formatura**
 - Aqui o foco da história está em Rachel e Ross, que formam um casal, mas Monica, que sempre foi melhor amiga de Rachel, aparece de relance em um antigo vídeo da formatura das duas. Na primeira cena, ela aparece vestida para o baile, segurando e comendo um sanduíche. Ela inclusive fala de boca cheia e derruba maionese no ombro de Rachel.
- **Temporada 5, episódio 8: Aquele com todas as Ações de Graças**
 - Este episódio em *flash back* faz os amigos lembrarem as piores situações que viveram durante o feriado de Ações de Graças. Para Monica, a lembrança é a de quando conheceu Chandler, que já era amigo de seu irmão na época de faculdade. Monica se interessou por ele e foi gentil a noite toda, mas o ouviu chamando-a de gorducha, sem que o rapaz soubesse. Tal comentário levou Monica a rejeitar a comida do jantar de Ação de Graças. No episódio, Monica gorda aparece bufona e espalhafatosa, ao contrário da melhor amiga Rachel, toda arrumada e segura de si. No ano seguinte, no entanto, eles se reencontram, e Monica já está incrivelmente magra. Nesse momento, Chandler se interessa por ela e passa a investir na garota, que sem saber como agir, acaba

acidentalmente acertando o pé do rapaz com uma faca. Cabe ressaltar, que nesse episódio da 5ª temporada, Monica e Chandler eram um casal.

- **Temporada 6, episódios 15 e 16: Aquele que poderia ter acontecido (1 e 2)**

- Nesses episódios os amigos imaginam quão diferentes seriam suas vidas se tivessem seguido caminhos diferentes, Monica se pergunta como ela seria se ainda estivesse gorda. Ela comenta que Chandler jamais namoraria com ela, mas ele rebate, sendo contradito por todos os outros amigos. As projeções começam e Monica volta a ser apresentada como uma pessoa bufona e espalhafatosa, além de uma comedora compulsiva. No entanto, ela é muito mais gentil com os amigos do que em sua versão magra. Não há nenhuma menção ao seu trabalho como chef de cozinha. A principal revelação sobre sua vida é a de que ela teria chegado aos 30 anos sem ter feito sexo. A cena final da primeira parte é um clássico do seriado: Monica gorda dançando e comendo rosquinhas. Já na segunda parte ela tenta fazer sexo com seu namorado e os planos não saem como o esperado. Ela se lamenta com Chandler. Os dois acabam transando e terminam o episódio juntos, seguindo o argumento de todos os amigos que acabam tendo finais parecidos com os de suas vidas no presente, independente das escolhas do passado.

- **Temporada 10, episódio 11: Aquele em que a *stripper* chora**

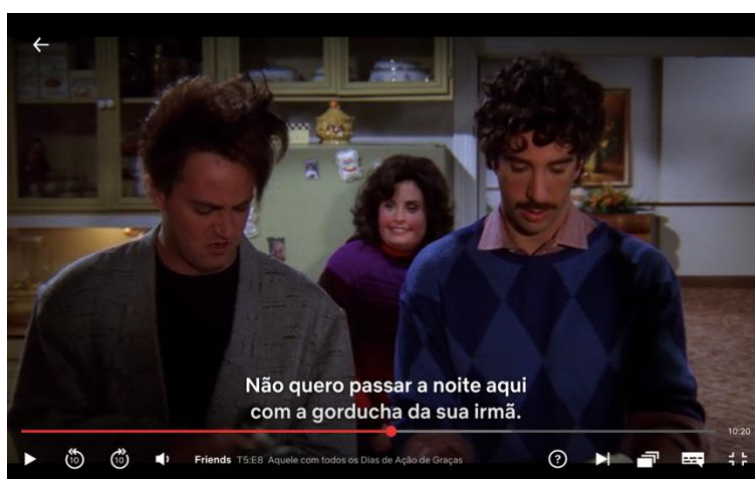
- Este também é um episódio de *flash back* a partir de uma reunião da turma de faculdade de Chandler e Ross. Monica gorda aparece de relance em uma festa da qual os dois amigos estão se lembrando. Chandler, no entanto, investe em Rachel. Monica, além de espalhafatosa, é a pessoa que pediu para entregarem, no meio da festa, uma pizza para ela comer sozinha. O episódio termina da mesma forma que no episódio 15 da 6ª temporada: com Monica gorda dançando... e comendo. Ao fundo há risadas.

Imagem 20 – Monica gorda é sempre retratada como bobalhona e atrapalhada



Fonte: Aquele com o vídeo de formatura, 1996.

Imagem 21 – A possibilidade de passar a noite com Monica é insuportável para Chandler, apenas pelo motivo de ela ser gorda



Fonte: Aquele com o vídeo de formatura, 1996.

Imagem 22 – Ao elogiar o emagrecimento de Monica, Chandler usa a palavra linda, associando então a magreza à beleza



Fonte: Aquele com todas as Ações de Graças, 1998.

Imagem 23 – Ao pensarem no quão diferentes seriam suas vidas caso tivessem seguidos outros caminhos, o fato significativo considerado para a vida de Monica é o emagrecimento



Fonte: Aquele que poderia ter acontecido – Parte 1, 2000.

Imagens 24 e 25 – Na imaginação de uma vida diferente, os colegas seguem seus roteiros, enquanto Monica gorda aparece como coadjuvante, sempre comendo



Fonte: Aquele que poderia ter acontecido – Parte 1, 2000.

Imagem 26 – Uma vez gorda, o principal foco de Monica seria então ter sua primeira relação sexual



Fonte: Aquele que poderia ter acontecido – Parte 2, 2000.

Imagem 27: Reforçando o estereótipo de bobalhona e espalhafatosa, com muitas risadas ao fundo, Monica gorda aparece dançando e comendo



Fonte: Aquele que poderia ter acontecido – Parte 2, 2000.

Imagem 28 – Mesmo não sendo parte do enredo principal do episódio, a cena final é a mesma do capítulo anterior em que Monica gorda aparece: comendo e dançando



Fonte: Aquele em que a stripper chora, 2004.

5.4 Guta Stresser: deprimida, porém gata

Guta Stresser é uma atriz brasileira de 46 anos que ficou conhecida a partir de sua personagem Bebel, em *A Grande Família*, produzido e exibido pela Rede Globo de 29 de março de 2001 a 11 de setembro de 2014. Trata-se de um *remake* do seriado original de 1972. Com o sucesso de público e de crítica da série, Guta se tornou uma celebridade e, com isso, pauta recorrente dos portais especializados em cobrir a vida dos artistas. São os chamados portais de fofoca, que são os que mais especulam e noticiam informações sobre

a vida particular das celebridades. Entre as notícias, a manchete original de uma publicada em 15 de maio de 2017, no portal R7, seção de KTV, assinada por Keila Jimenez, é de especial interesse para esta pesquisa. Em destaque estava escrito: Após perder o pai e o emprego, atriz emagrece 15 quilos e fica gata. Seguida de uma montagem com o antes e o depois da atriz, o texto continua:

Quando entrou em "A Grande Família" (Globo), em 2001, como a doce Bebel, Guta Stresser era um fiapo de tão magrinha.

Ao longo dos quase 14 anos do seriado, a mulher de Agostinho Carrara (Pedro Cardoso) veio ganhando peso, ganhando peso, e mudou completamente o seu corpo.

Guta Stresser revela que estava "bem gorducha" quando a atração chegou ao fim, em 2014 e que teve de correr atrás do prejuízo para recuperar a antiga forma física.

A atriz levou na época duas pancadas seguidas. Um pouco antes de "A Grande Família" acabar, o pai da atriz faleceu. Um tempo depois, Guta perdeu o seu contrato fixo com a Globo, após anos integrando o cast do canal.

Mas a atriz não se abalou. Encontrou forças para ter um novo foco e resolveu se cuidar.

Guta contratou um personal trainer e começou a praticar lutas como Muay Thai e a encarar corridas diárias. Ela também foi atrás de uma nutricionista e mudou completamente sua alimentação.

Enlatados, congelados, embutidos, fast food.... Tudo isso foi deixado para trás. A atriz adotou uma alimentação natureba e já perdeu mais de 15 quilos. Está se sentindo gata.

Foram oito quilos logo no começo, e os outros se foram depois, com a rotina mais saudável.

O resultado da mudança pode ser visto no filme "Ninguém entra ninguém sai", lançamento que traz Guta Stresser no elenco. (KTV, 2017).

O texto gerou repercussão à época e a manchete foi alterada para “Após perder o pai e o emprego, atriz emagrece 15 quilos e resultado impressiona”. No rodapé da matéria foi adicionado o seguinte parágrafo: “Gente, em tempo: a Guta sempre foi gata. Ficou mais gata ainda depois dessa repaginada. Ela mesma disse isso” (idem). A manchete original, no entanto, pode ser vista no *print* publicado no blog Prosa Livre, em texto de Artur Fracischi:

Imagem 29 – Print recuperado da postagem original do site KTV

Às vezes, o Jornalismo dá muito errado, né?
Foca nesse título. #SHAME

**Após perder o pai e o
emprego, atriz
emagrece 15 quilos e
fica gata**

Fonte: FRANCISCHI, 2017.

5.5 Um olhar complexo para a *gordofobia*

A racionalidade, a lógica, a imparcialidade, a assertividade e o controle, entre outros elementos relacionados, foram privilegiados pela ciência ocidental moderna e contemporânea, fundamentada no paradigma cartesiano e no Iluminismo do séc. XVII. A partir dessa lógica, implementada com sucesso nas universidades, o corpo humano em toda sua essência foi dividido em partes. Dissecado pela medicina, fragmentado em razão e emoção, dividido em áreas de conhecimento, o ser humano perdeu aquilo que Morin (2005) chama de complexidade, ou seja, a íntima relação entre os elementos biológicos, psicológicos e sociais. “Vivemos sob o império dos princípios de *disjunção*, de *redução* e de *abstração*, cujo conjunto constitui o que chamo de o “paradigma da simplificação” (MORIN, 2005, p. 11). Nesse paradigma, unidade e multiplicidade não se inter-relacionam entre si. “Ou ele unifica abstratamente ao anular a diversidade, ou, ao contrário, justapõe a diversidade sem conceber a unidade” (MORIN, 2005, p. 12). Para o autor, esse processo produz então um obscurantismo crescente, principalmente em relação à geração de sentidos. “[...] já que não há mais associação entre os elementos disjuntos do saber, não há possibilidade de registrá-los e de refleti-los” (MORIN, 2005, p. 12).

As consequências do paradigma da simplificação foram desastrosas, ainda mais considerando o contexto social, político e econômico no Brasil contemporâneo, apenas para citar com exemplo. Essas consequências estão associadas, principalmente, à

manipulação social derivada do controle das informações por sistemas aparentemente invisíveis, como os estados e, no caso deste trabalho, dos media. Nesse sentido, Morin fala da necessidade do pensamento complexo, que busca reunificar esses elementos nos processos de concepção, produção, registro, análise e discussão do conhecimento. Na complexidade, ordem e desordem (outrora refutada pelo conhecimento científico ocidental) andam de mãos dadas, sendo impossível dissociar o ser bio-psico-social na análise dos fenômenos.

O sujeito emerge ao mesmo tempo que o mundo. Ele emerge desde o ponto de partida sistêmico e cibernético, lá onde certo número de traços próprios aos sujeitos humanos [...] são incluídos no objeto máquina. Ele emerge, sobretudo, a partir da auto-organização, onde autonomia, individualidade, complexidade, incerteza, ambiguidade tornam-se caracteres próprios ao objeto. Onde, sobretudo, o termo “auto” traz em si a raiz da subjetividade. (MORIN, 2005, p. 38)

Nesse sentido, o desafio seria então “[...] enfrentar o emaranhado, o jogo infinito das inter-retroações, a solidariedade dos fenômenos entre eles, a bruma, a incerteza, a contradição” (MORIN, 2005, p. 14), que estão relacionadas à complexidade. No entanto, sem a percepção complexa dos fenômenos, continuaríamos fadados ao reducionismo limitador que nos coloca manipuláveis aos sistemas. Dessa maneira, o autor apresenta três princípios-guia para a compreensão dos fenômenos a partir do pensamento complexo, observando, antes de qualquer outro elemento, as relações presentes na própria natureza humana. O primeiro dos princípios é o dialógico, que considera uma complementaridade em elementos aparentemente opostos. O autor exemplifica o princípio dialógico a partir do nascimento das organizações vivas, possível a partir

[...] do encontro entre dois tipos de entidades químico-físicas, um tipo estável que pode se reproduzir e cuja estabilidade pode trazer em si uma memória tornando-se hereditária: o DNA, e de outro lado, aminoácidos, que formam proteínas de múltiplas formas, extremamente instáveis, que se degradam, mas se reconstituem sem cessar a partir de mensagens que emanam o DNA (MORIN, 2005, p. 73).

Não se trata de uma justaposição, mas de uma interdependência entre esses elementos, sendo possível manter a dualidade, que inclusive é considerada por Bystrina (1995) como uma das raízes da cultura humana, no seio da unidade que está sendo analisada. A dialogia, então, permite a associação de termos que a primeira vista podem ser vistos como contraditórios, mas que, na verdade, são complementares.

Nesta tese, o princípio dialógico pode ser observado na materialidade do que entendemos por mídia, uma vez que na autoetnografia da *gordofobia* trabalhamos com

elementos de mídia primária, ou seja, o corpo que dá testemunhos concretos de sua existência, que ri, que chora, que muda de temperatura, que exala odores, que treme, que se arrepia. Todos esses elementos, por mais que tentemos controlá-los, seja com treinamento e disciplina, seja com perfumes e o que mais for, são sinais de um rompante da natureza que nos dá vida; natureza essa que os elementos de mídia terciária, caso dos exemplos apresentados neste capítulo, por mais que tentem com toda sua artificialidade tecnológica, não conseguem (re) produzir. A mídia terciária está no nível da virtualidade dos sinais elétricos que não conseguimos ver, nem tocar, dos *píxeis* da imagem técnica da qual fala Flusser em sua escalada da abstração (2008).

Os termos mídia primária e mídia terciária são os propostos na teoria de Pross (1972 apud BAITELLO, 1998), que considera o corpo como mídia primária, uma vez que para se comunicar com o corpo, a princípio, não é necessário nenhum aparato adicional no processo de codificação/decodificação da mensagem senão ele próprio. A adição desses aparatos, no entanto, transforma a mídia primária em mídia secundária quando se faz necessário um adicional no processo de codificação. A palavra escrita, por exemplo, é codificada em um suporte, seja ela papel, pedra, barro, areia do mar, e para ser decodificada, precisa apenas de um outro corpo, que conheça aqueles sinais, é verdade, mas não mais que um corpo. A mídia secundária inaugura a virtualidade na transmissão da mensagem. O corpo não é mais o meio, ele não se faz mais presente. A mensagem perdura no tempo e no espaço, porém, perde em complexidade justamente pelo fato de a troca entre os corpos não ser mais possível. Na mídia terciária, além do aparato codificador, é necessário um aparato decodificador no processo. Trata-se do processo da mídia eletrônica de uma maneira geral. Para se comunicar, a mensagem é codificada em um aparato, um celular por exemplo, e decodificada em outro. A mensagem jamais será acessada sem a existência desse outro aparato. Ao distanciar ainda mais os corpos, na mídia terciária, a *descomplexificação* ou abstração é intensificada. No entanto, mídia primária (concreta) e mídia terciária (virtual) são opostos que se complementam no sistema e nos processos de comunicação.

O segundo princípio que nos auxilia na compreensão dos fenômenos complexos como são é o princípio da recursão organizacional, e mesmo se eu tivesse sido comparada ou chamada de “Laura do Carrossel” somente uma vez na vida (o que não fui), esse princípio se comprovaria por si só. Isso porque no pensamento complexo a recursividade rompe com “[...] a ideia linear de causa/efeito, de produto/produtor, de estrutura/superestrutura, já que o que é produzido volta-se sobre o que o produz num ciclo

ele mesmo autoconstitutivo, auto-organizador e autoprodutor” (MORIN, 2005, p. 74). Trata-se da ideia de que, em um processo, causa e efeito são duas faces da mesma moeda. Ainda buscando exemplificar sua teoria a partir de fenômenos da própria natureza humana, o autor traz o seguinte:

Temos o exemplo do indivíduo, da espécie e da reprodução. Nós, indivíduos, somos os produtores de um processo de reprodução que é anterior a nós. Mas uma vez que somos produtos, nos tornamos produtores do processo que vai continuar. Essa ideia é válida também sociologicamente. A sociedade é produzida pelas interações entre indivíduos, mas a sociedade, uma vez produzida, retroage sobre os indivíduos e os produz. Se não houvesse sociedade e cultura, uma linguagem, um saber adquirido, não seríamos indivíduos humanos. (MORIN, 2005, p. 74).

Nesse sentido, talvez seja então o princípio recursivo o mais simples de exemplificar no contexto desta tese. Afinal, como a Laura, da novela Carrossel, também fui hostilizada por colegas e desiludida dos meus sonhos. Como Josy, do filme Nunca Fui Beijada, também me privei dos cuidados básicos da vaidade, dediquei-me intensamente aos estudos e até me encaminhei para o jornalismo, além de ter sofrido humilhações públicas no que diz respeito ao relacionamento com o sexo oposto. Como Monica Geller, também passei por um processo intenso de emagrecimento que me fez sentir acolhida por pessoas e ambientes que outrora nunca haviam me dado abertura. Por fim, assim como Guta Stresser, no momento em que me vi sob os holofotes, emagrecer parecia uma questão de ordem, e foi o que fiz, mesmos com a saúde deteriorada por conta dos medicamentos. Estar magra, e gata, era mais importante que tudo isso. Assim, se os media nos entregam a *gordofobia* porque somos *gordofóbicos* ou a *gordofobia* dos media nos faz ser *gordofóbicos* é um dilema ao do “ovo ou a galinha” que fica a partir do princípio recursivo.

Por fim, tem-se o princípio hologramático. A inspiração para o nome vem do holograma físico, no qual mesmo “[...] o menor ponto da imagem do holograma contém a quase totalidade da informação do objeto representado” (MORIN, 2005, p. 74). No princípio hologramático, considera-se o todo na parte e a parte no todo, conceito que, de acordo com o autor, também pode ser aplicado na biologia, uma vez que as células de um organismo, individualmente, carregam consigo a totalidade da informação genética daquele mesmo organismo. Nesse contexto, no que diz respeito aos processos de produção do conhecimento, o princípio hologramático nos permite olhar para os fenômenos individuais e deles compreender elementos de sua totalidade, e vice-versa. Ou

seja, “[...] pode-se enriquecer o conhecimento das partes pelo todo e do todo pelas partes, num mesmo movimento produtor de conhecimentos” (MORIN, 2005, p. 75).

Nesse sentido, não bastasse a metalinguagem presente na própria concepção desta tese, que considera casos individuais de minha narrativa autobiográfica, bem como casos de mídia terciária para compreender um fenômeno maior que é o da *gordofobia*, o princípio hologramático também aparece em outro nível desta investigação, dessa vez, na relação entre *gordofobia* e comunicação. Em um primeiro momento, olha-se para o fenômeno *gordofobia* dentro dos processos de comunicação, considerando mídia primária e mídia terciária na ocorrência e na recorrência desse fenômeno. Em um segundo momento, percebe-se a comunicação dentro da própria *gordofobia*, uma vez que se considera comunicação como um processo de criação, manutenção e fortalecimento de vínculos a partir da mimese, essa explicada de forma aprofundada no segundo capítulo. Assim, pode-se observar esses três processos no fenômeno da *gordofobia*, mesmo que pelo ódio e pela violência do preconceito, ao ser estabelecida a relação entre vítima e algoz, ao ser praticada a *gordofobia* em processos miméticos na mídia primária ou de simulacro da mídia terciária, e que, por sua vez, ao serem (re)produzidos se fortalecem. O princípio hologramático leva então ao recursivo, que por sua vez leva ao dialógico. A *gordofobia* feminina e os media são, finalmente, duas faces da mesma moeda.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Caminhos para a resignificação

Eu estava no *Neues Museum*, em Berlim, quando desavisadamente me deparei com o busto de Nefertiti em exposição. Uma escultura de calcário com cerca de 3400 anos, retratando a esposa do faraó Akenaton, que reinou no Egito entre 1352 a 1336 a.C. Foi impactante. Passei alguns bons minutos observando aquela peça preservada quase que intacta. Nefertiti significa, literalmente, “a bela chegou”, e seu rosto delicado, maquiado, sobrancelhas delineadas em olhos insinuantes, bochechas avermelhadas, nariz fino, boca cerrada e queixo levemente proeminente, tudo equilibrado em um pescoço fino e adornado com joias, povoa nosso imaginário no que diz respeito à beleza feminina desde que foi descoberta, em 1912 (NEUES MUSEUM, 2019). Já com a cabeça treinada para essas questões, encarando aquele busto passei então a refletir acerca da representação da mulher na arte, depois pelos media, e de como essas representações nos influenciam em nossos gostos e comportamentos para além do artístico e do mediático, ou seja, exatamente o processo desta tese. Foi quando subitamente percebi que eu poderia estar a apenas alguns poucos quilômetros da representação original da mulher, a Vênus de Willendorf, e mal pude controlar a minha ansiedade. Ali no museu em Berlim mesmo procurei na internet e descobri que a pequena estatueta hoje é exibida no *Naturhistorisches Museum*, na Áustria, para onde eu iria em alguns dias.

A viagem passou a transcorrer em função da futura visita à estátua da Vênus, e quando o encontro ocorreu, percebi que ali estava toda a minha história; era ela que estava me acompanhando por todo esse tempo, dentro e fora de mim. Era sexta-feira, o Museu de História Natural de Viena estava repleto de turistas, crianças em excursões escolares... Uma confusão! No entanto, na sala dedicada à imagem de cerca de 29 mil anos feita em oólito, coberta por ocre e famosa por suas formas opulentas do corpo feminino, não havia ninguém. Vênus estava lá para mim, no centro de uma sala oval e escura, sobre um totem de madeira e um quase impercetível suporte de ferro. Ela parecia flutuar. A única luz iluminava apenas a estátua, protegida por uma redoma de vidro e mais nada. Frente a frente com ela, meu corpo inteiro se arrepiou, dos pés à cabeça, e foi impossível controlar o choro. Fiquei por uma hora a encarando em todos os seus 10,45 centímetros e ricos detalhes: cabeça coberta por tranças (ou uma espécie de gorro, ou vários olhos, não se

sabe ao certo), bracinhos e mãozinhas finas repousadas sobre os grandes seios, não maiores que seu estômago, cujo umbigo marca-lhe o centro, a vulva à vista, coxas grossas, joelhos para dentro, pernas curtas... Sem pés.

De costas a Vênus de Willendorf é igualmente encantadora. Deparar-me com aquela anca grande com a bundinha esculpida sobre as coxas também com muitas curvas me causou algo que eu nunca tinha experimentado na vida: identificação. Eu me vi numa imagem que não necessariamente era a minha refletida em um espelho. Eu me vi em algo que eu nunca imaginei que eu pudesse ser: padrão, representado nas esculturas das deusas vênus do paleolítico. A Vênus de Willendorf e as outras do mesmo período que a acompanham, algumas também expostas no Museu de História Natural de Viena, entretanto, por terem tão explícitas as características físicas do corpo feminino, são consideradas impudicas, em contraste com as pudicas, ou seja, aquelas imagens que aparecem com a púbis coberta (ROSSETI, 2016, online). A descoberta das imagens das deusas vênus do paleolítico também data de meados do século XX, e em uma sociedade heteronormativa, moralista cristã e patriarcal, ser impudica é considerado quase como um crime, conforme explicado e demonstrado no capítulo 3. E assim foi por muito tempo. Contudo, a força primitiva que a vênus desperta tem sido irrompida individual e coletivamente.

Imagem 30 – Três perspectivas da Vênus de Willendorf



Fonte: Ativando os Neurônios, 2019.

Talvez um dos movimentos pque mais represente esse resgate e reapropriação do próprio corpo seja a *Slutwalk*, ou Marcha das Vadias, como é chamada no Brasil. Desde 2011, quando aconteceu pela primeira vez em Toronto, no Canadá, a *Slutwalk* protesta

contra a cultura do estupro e a culpabilização da mulher em casos de violência sexual a partir da roupa que usa – ou deixa de usar (CUNHA, 2015). Ter autonomia sobre o próprio corpo é uma pauta recorrente da quarta e atual onda do feminismo³⁸, que trouxe consigo o anteriormente mencionado neste trabalho, o movimento do *Body Positive*, ou corpo positivo, em tradução livre. O mais interessante é que esse rompante não tem ficado restrito apenas à internet, outra característica da quarta onda feminista. Ele tem ganhado as ruas e os espaços em forma de resistência. O movimento **Vai ter Gorda**, por exemplo, começou em 2016 e consiste na simples, porém considerada afrontosa, presença de mulheres gordas nas praias (G1 BA, 2019). E o que pode ser considerada, aparentemente, uma luta contra a imposição de padrões estéticos, na verdade traz à tona a invisibilidade sofrida por essas pessoas, que anteriormente não frequentavam determinados lugares por seus corpos serem considerados inadequados.

Essa invisibilidade vai além da praia e da piscina, onde as pessoas estão com seus corpos à mostra. No capítulo 3, por exemplo, mencionei como minha carreira no jornalismo seguiu naturalmente o caminho para os meios impressos e para as atividades de bastidor, levaram-me a acreditar que minha aparência não me permitia trabalhar na frente das câmeras. Se eu iria ou não seguir carreira no telejornalismo, essa escolha deveria ter sido exclusivamente minha, desde que eu tivesse, pelo menos, podido experimentar essa atividade em um espaço propício para isso, a universidade. Acreditar que não nasceu para executar algum tipo de atividade, sem nunca ter podido experimentá-la, é uma das violências proporcionadas pelo preconceito, que valentemente homens e mulheres têm escancarado pelas forças de Vênus. No meu caso, essa força foi despertada

³⁸ As fases do movimento feminista são conhecidas por ondas. Há, neste momento, quatro ondas identificadas, além das pré-feministas, precursoras que “viveram de acordo com suas regras e muitas vezes lutaram por outras mulheres” (FURIOSA, 2018, online). A primeira onda está temporalmente localizada entre o fim do século XIX e o início do século XX, é conhecida pela luta por direitos como o voto, a participação na vida pública e política. O movimento das sufragistas retrata essa onda. A segunda onda, por sua vez, vai do início dos anos 1950 até meados dos anos 1990, e está de certa forma associada ao feminismo radical, bem como à identificação de que, apesar das diferenças entre as mulheres, o que as une é a opressão a partir do sexo. Há discussões sobre gênero e lesbianidade, além do início das pautas do feminismo identitário, como o feminismo negro, por exemplo. Já a terceira onda pode ser localizada na segunda metade dos anos 90. Atrelada aos movimentos punks femininos, a onda é anticorporativista. As pautas identitárias foram melhor desenvolvidas e o processo de desconstrução de conceitos e paradigmas acerca das construções sociais a partir de sexo e gênero se fortaleceram. No entanto, houve também um processo de ressignificação de elementos associados ao feminino e à feminilidade, bem como de termos antes considerados machistas e misóginos, como vadia, puta, entre outras. Tansversalismo e lugar de fala também são conceitos que surgem a partir da terceira onda do feminismo. Por fim, a quarta onda é a recente, caracterizada pelo uso massivo das redes sociais na internet para a articulação e disseminação das ideias feministas. “Apesar de não haver uma coesão teórica, são apontadas como pautas frequentes a cultura do estupro, a representação da mulher na mídia, os abusos vivenciados no ambiente de trabalho e nas universidades, e a postura de denúncia e de recusa ao silenciamento. As palavras-chave da quarta onda são “liberdade” e “igualdade”, independentemente do que isso signifique” (QG FEMINISTA, 2018, online).

por uma série de estímulos, que tiveram início em experiências pessoais de questionamento dos padrões e emancipação do corpo, da alma e da mente. A escolha do tema *gordofobia* para a tese marca o início desse processo, que ainda não chegou ao seu fim, e eu imagino que nunca chegará, na verdade, mas sim se aprimorará, e que teve grande desenvolvimento durante o período em que estive no exterior para a realização do meu doutorado sanduíche.

Estimulada pela professora doutora Teresa Cunha, que acompanhou meus seis meses no CES - Centro de Estudos Sociais da Universidade de Coimbra, em Portugal, a prática da autorreflexividade se tornou uma constante. Ela elogiava como eu era aplicada, trabalhava muito e sempre entregava no prazo tudo o que ela me pedia. No entanto, todos os elogios vinham acompanhados do questionamento acerca da ausência de minha opinião sobre os assuntos apresentados. Ela sempre perguntava qual era a minha visão sobre as coisas. “Você não precisa de tanta validação acadêmica assim para dizer o que pensa”, ela alfinetava. “Eu quero saber o que a Agnes tem a dizer a respeito, e não esse bando de homem branco europeu”. Foi assim durante todo meu processo, e eu demorei a entender. Justo eu, que tive toda uma sorte de informalidade na escrita criticada na banca de qualificação deste mesmo trabalho. Para a professora Teresa, no entanto, não era o suficiente. E ainda bem. Foi essa provocação que me levou a escrever a minha história, a falar sobre ela em seus mínimos detalhes... inclusive alguns dos quais eu nunca tinha dito, seja em voz alta na terapia, seja repetindo para mim mesma em meus pensamentos.

Escrita, a história foi contada e recontada, repetida à exaustão, não só à professora Teresa como também às companheiras e aos companheiros de intercâmbio, pessoas que me ajudaram a olhar para essa história de uma forma que fosse além da minha experiência de vida. No branco do papel simulado pelo editor eletrônico de texto, as minhas experiências viraram narrativa, e meu olhar finalmente se transformou no de pesquisadora autônoma no campo da comunicação. Essa autonomia, atrelada à liberdade e à confiança para fazer minhas próprias escolhas, levaram-me a outros dois momentos relacionados à pesquisa: os formais acadêmicos, quando tive a oportunidade de apresentar um seminário e conduzir duas oficinas sob as temáticas corpos e comunicação no próprio CES, e os informais, porém não menos técnicos nem científicos, atrelados à democratização do conteúdo desta investigação em um canal de vídeo no YouTube³⁹. Assim, a princípio, a ideia de exibir a minha cara, o meu corpo, em um ambiente no qual pessoas desconhecidas

³⁹ O canal está no ar sob o domínio www.youtube.com/TamanhoGrande.

poderiam ter acesso a essa minha imagem sempre que quisessem, ou enquanto aquele conteúdo estiver disponível, só não foi mais apavorante do que a ideia de que pessoas conhecidas poderiam fazer a mesma coisa. Mesmo assim, segui em frente, e a sensação que eu tive foi a de finalmente poder experimentar o que me foi negado por toda uma vida.

No dia 7 de dezembro de 2018, então, foi publicado o primeiro vídeo, de apresentação, que eu ensaiei muito para fazer; posso até dizer que ensaiei a minha vida inteira. Nele, falo de mim, falo sobre a tese, sobre meu estágio em Coimbra e sobre as pretensões com o canal, que incluem promover um espaço de troca saudável para outras pessoas que também quisessem contar suas histórias, mandar seus próprios vídeos, debater as temáticas relacionadas à *gordofobia*. E embora meu objetivo não seja libertar as pessoas gordas do mundo das amarras que esse preconceito nos impõe, uma vez que as subjetividades presentes em cada uma das pessoas estão fora de meu controle, todo meu processo reflexivo me levou a entender que, uma vez me permitido o acesso ao conhecimento e tendo descoberto tudo o que eu descobri nessa jornada, naquele momento, não me pareceu em nada prejudicial compartilhar isso com as outras pessoas até para o meu próprio crescimento e fortalecimento. Foram 17 minutos e 24 segundos gravados de uma vez, sem cortes, nem edições e, sem pensar muito, o vídeo estava no ar.

O mais interessante de tudo foi perceber o quanto a honestidade e a transparência expostas naquele vídeo fizeram com que pessoas com as quais eu pouco ou nunca tive contato se sentissem seguras em me abordar e compartilhar comigo as suas próprias experiências de vida, medos, angústias, tristezas e, por que não, formas que encontraram de contornar a *gordofobia* que sofreram toda ou em partes de suas vidas. Eu tinha atingido meu objetivo. Assim, os vídeos que se seguiram trazem a história de diversas pessoas, contando situações de *gordofobia* pelas quais passaram e ainda passam ao longo da vida. Por sua vez, o vídeo mais recente, publicado em 31 de março de 2019, traz uma entrevista com Micheli Diniz, jornalista que foi demitida de uma emissora de televisão por estar gorda. O caso se passou em 2003, mas voltou à tona porque a substituta de Diniz na bancada do telejornal da TV Vanguarda, Michelle Sampaio, foi demitida da emissora no dia 23 de março deste ano pelo mesmo motivo. O que me liga a Micheli Diniz e a Michelle Sampaio é justamente o fato de que a emissora para a qual trabalhavam foi a mesma que me rejeitou em um processo seletivo antes mesmo de eu fazer um teste de câmera ou microfone. Aparentemente, toda minha formação e trabalho, sempre considerados exemplares por meus contratantes, também não eram suficientes nem para as vagas de

produção e redação naquela empresa, que me avaliou única e exclusivamente pela minha aparência, a de mulher gorda.

O canal Tamanho Grande, no entanto, embora em uma plataforma de alcance mundial como o YouTube⁴⁰, está longe, muito longe de ser considerado hegemônico. Atualmente possui 106 inscritos e a média de audiência de cada vídeo é de cerca de 200 visualizações⁴¹. Ele é importante no microuniverso do qual eu faço parte, mas minha ambição com ele, neste momento, não ultrapassa o desejo de continuar a discutir sobre essa pauta com os atuais interlocutores que começaram no processo de despertar em relação à existência da *gordofobia* e suas consequências em suas próprias vidas e contextos. De forma amplificada, por assim dizer, dificilmente esse canal surtiria efeito em curto prazo na inter-relação dos media com a *gordofobia* demonstrada ao longo desta tese. O prognóstico, então, seria todo negativo? A boa notícia é que não. Isso porque da mesma forma que se tornou o fenômeno que é hoje os media e a sociedade começam a ressignificar o corpo gordo.

Se na concretude da mídia primária a quarta onda do feminismo conclama as mulheres a serem livres em relação aos seus corpos independente dos padrões, sejam eles sociais ou midiáticos, na virtualidade dos media esse movimento também dá sinais de acontecer. Recentemente, o caso mais emblemático é do videoclipe da música ‘Jenifer’, o hit do verão brasileiro de 2018-2019. Atualmente com mais de 211 milhões de visualizações no YouTube⁴², o vídeo traz a atriz Mariana Xavier no papel de Jenifer, uma mulher que ganha o coração do cantor após a separação com a ex. Em uma letra que não faz qualquer alusão ao corpo de Jenifer, seria natural, como em tantos outros casos, associar que a protagonista seria vivida por uma atriz magra, padrão de beleza para os media, conforme já explicado. E embora Mariana não se enquadre nesse padrão, além de ser vista como a mulher alegre e desimpedida descrita na letra, ela é bonita e sensual, outras características que, ao longo do processo desta investigação, vimos terem sido negadas às pessoas gordas. Em um vídeo publicado na página Quebrando o Tabu, a própria atriz, que também mantém um canal no YouTube sobre *body positive*,

⁴⁰ São mais de 1 bilhão de usuários em 91 países e 80 idiomas, de acordo com dados da própria plataforma (YOUTUBE PARA IMPRENSA, 2019).

⁴¹ Dados coletados em 7 de abril de 2019.

⁴² Consulta realizada em 7 de abril de 2019.

comportamento e relacionamentos⁴³, pondera o quanto a representatividade causada pelo vídeo é importante.

[...] a Jenifer sou eu e por causa disso ela poderia perfeitamente ser você. Já pararam para pensar o quão emblemático é ter uma mulher gorda no papel da mulher mais famosa e mais falada do Brasil no momento? Principalmente no verão, que é uma estação tão opressora, tão excludente, para quem está fora do tal padrão de beleza? (QUEBRANDO O TABU, 2019)

No vídeo, que tem mais de 4 milhões de visualizações⁴⁴, Mariana comenta sobre as mensagens que tem recebido de mulheres que dizem se identificar e se sentir representadas pela atriz com um corpo próximo ao delas no clipe. O diferencial é que o peso não foi em nenhum momento mencionado. Não há o estigma compensatório da gorda sensual, como exemplificado em momentos anteriores da tese, nem o clássico e também falado “gosto de você desse jeitinho mesmo”, fazendo uma alusão a uma possível concessão feita pelo sexo oposto ao peso que, ele sabe, está aquém do desejado. “A letra não fala de um tipo físico específico. Podiam ter feito o óbvio e colocado uma atriz magra com cara de princesa da Disney, mas não! [...] Representatividade é isso. É botar corpos que normalmente são excluídos, marginalizados, em posição de destaque... E, principalmente, sem precisar grifar isso” (QUEBRANDO O TABU, 2019).

Imagem 31 – Mariana Xavier vive Jenifer

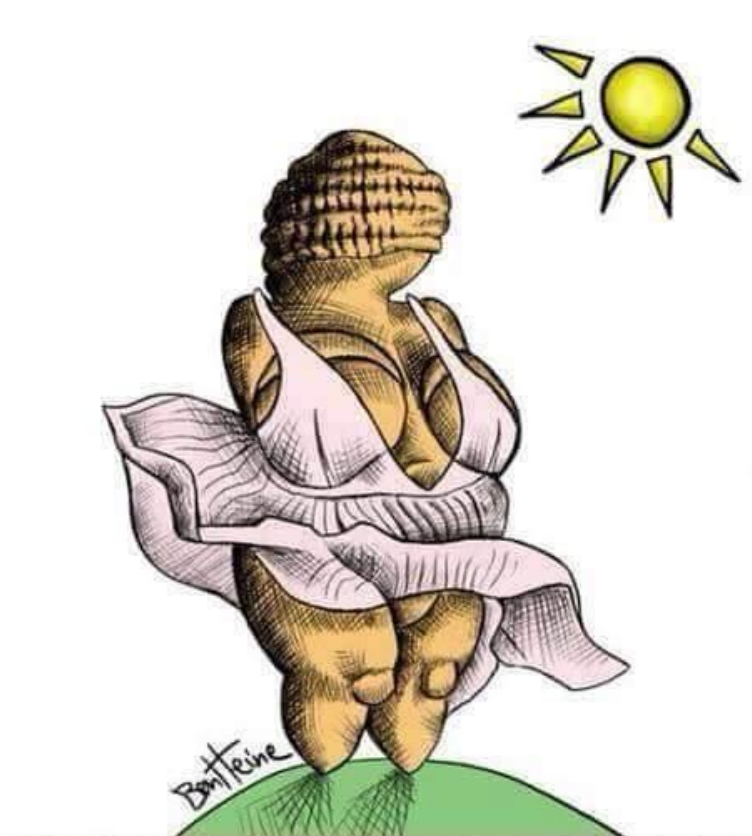


Fonte: YouTube, 2018.

⁴³ O canal de Mariana Xavier se chama Mundo Gordelícia e pode ser acessado pelo seguinte endereço: https://www.youtube.com/results?search_query=mariana+xavier

⁴⁴ Dados coletados em 8 de abril de 2019.

Imagem 32 – Eu tenho o corpo de uma deusa!



Fonte: Stop Gordofobia, 2015.

Eu fui uma das mulheres que se sentiu representada pela Jenifer de Mariana Xavier mesmo que, quando o clipe tenha estourado no Brasil, eu estivesse toda coberta enfrentando o frio europeu. Lá as coisas são diferentes, é verdade. O fato do biotipo das mulheres do leste ser naturalmente maior que o nosso e a grande presença de imigrantes do continente africano, onde o padrão de beleza é diferente do branco e mediático europeu, são duas pistas que podem nos levar a entender essa questão, mas para isso seria necessária outra tese. De toda forma, quando desembarquei no Brasil, o que mais me deu prazer em fazer foi colocar minha blusa de alças finas, saia curta, e sair por aí sem a vergonha do meu corpo que por muito tempo me acompanhou, certa de que a decisão sobre qualquer intervenção que eu precise ou queira fazer em meu corpo cabe exclusivamente a mim, e não a terceiros. Assim, de todo o processo desta tese, depois de tanta pesquisa, análise, conversas, depoimentos, trocas, vídeos, leituras, o que fica é a percepção de que as pessoas gordas podem ser felizes, da forma que quiserem. Melhor, elas podem simplesmente ser.

Em março de 2018, fui convidada pela fotógrafa Lethicia Galo para participar de um ensaio fotográfico para a exposição Catarse. Nela, homens e mulheres foram

convidados a marcar em seus corpos situações de opressão que sofreram no contexto do machismo, do racismo, da heteronormatividade e da homofobia. Já entendendo a *gordofobia* como mais uma forma de controle sobre os corpos femininos pelo machismo e pelo patriarcado, tirei duas fotos; uma de frente outra de costas. De frente, sobre os meus seios, braços e barriga estava a frase: “você já pensou em fazer dieta?”, frase essa que ouvi tantas vezes de pessoas que, muitas vezes, nem me conheciam, mas que achavam que tinham o direito sobre o seu corpo. Sob o pretexto da saúde, essas pessoas sentem que têm a liberdade de abordar quem é gordo com sugestões de cardápio, procedimentos estéticos e exercícios físicos ideias sem conhecer a rotina do outro, conhecer sua história e sua relação com seu corpo. Escondido de boas intenções está o discurso *gordofóbico*, que coloca a pessoa gorda em uma posição de inadequada, desviante, culpada única e simplesmente por não estar em um padrão que, como demonstrado, tem uma íntima relação com o que os media impõem. De costas, por sua vez, estava a frase “tinha que ser uma gorda!”, dita a mim em uma das situações relatadas no capítulo 3. Se à época aquela frase me causou tanta dor e sofrimento, tanto que a registrei em meu corpo como um das formas de opressão vivida, hoje, por outro lado, eu vejo diferente; e essa outra visão só foi possível agora, com o término desta investigação. Em um caminho de resgate do corpo da deusa, de ressignificação do corpo gordo, de *body positive* e feminismos, realmente, para fazer esta tese, TINHA QUE SER UMA GORDA.

Imagens 33 e 34: As fotografias tiradas para a exposição Catarse.



Fonte: Lethicia Galo, acervo pessoal.

REFERÊNCIAS

ABESO, Associação Brasileira para o Estudo da Obesidade e da Síndrome Metabólica. **VIGITEL Brasil 2014.** Disponível em <<http://www.abeso.org.br/uploads/downloads/80/553a243c4b9f3.pdf>>. Acesso em 22 fev. 2017.

ADOROCINEMA. **Vovó... Zona.** Disponível em <<http://www.adorocinema.com/filmes/filme-25478/>>. Acesso em 22 abr. 2017.

AQUELE com o vídeo de formatura (temporada 2, episódio 14). *Friends* [seriado]. Direção: James Burrows. Burbank: Warner Bros. Television, 1996.

AQUELE com todas as Ações de Graças (temporada 5, episódio 8). *Friends* [seriado]. Direção: Kevi S. Bright. Burbank: Warner Bros. Television, 1998.

AQUELE que poderia ter acontecido – Parte 1 (temporada 6, episódio 15). *Friends* [seriado]. Direção: Michael Lembek. Burbank: Warner Bros. Television, 2000.

AQUELE que poderia ter acontecido – Parte 2 (temporada 6, episódio 15). *Friends* [seriado]. Direção: Michael Lembek. Burbank: Warner Bros. Television, 2000.

AQUELE em que a *stripper* chora (temporada 10, episódio 11). *Friends* [seriado]. Direção: Kevin S. Bright. Burbank: Warner Bros. Television, 2004.

AMBULIM, Ambulatório de Bulimia e Transtornos Alimentares do Instituto de Psiquiatria do Hospital das Clínicas da Faculdade de Medicina da Universidade de São Paulo. **Transtornos alimentares: o que são?** Disponível em <<http://www.ambulim.org.br/TranstornosAlimentares/OqueSao>>. Acesso em 13 mar. 2017.

ANGELOU, Fiyah. **I love food.** In Facebook. 18 abr. 2017. Disponível em <<https://www.facebook.com/photo.php?fbid=10156406422384852&set=a.10150685420234852.496033.675994851&type=3&theater>>. Acesso em 22 abr. 2017.

ASTUTO, Bruno. **Liberadas novas fotos de Vera Holtz como Dona Redonda em ‘Saramandaia’.** In Época, 8 jun. 2013. Disponível em <<http://colunas.revistaepoca.globo.com/brunoastuto/2013/06/08/liberadas-novas-fotos-de-vera-holtz-como-dona-redonda-em-saramandaia/>>. Acesso em 3 mai. 2017.

ATIVANDO os neurônios. **Vênus de Willendorf.** Disponível em <<https://ativandoneuronios.com/2017/05/23/venus-de-willendorf/>>. Acesso em 29 abr. 2019.

AURÉLIO, Dicionário Online de Português. **Gordo.** Disponível em <<https://www.dicio.com.br/gordo/>>. Acesso em 28 abr. 2019.

BAITELLO Jr. Norval. **Comunicação, Mídia e Cultura.** In São Paulo em Perspectiva. V. 12, nº 04, Comunicação e Informação, Out-Dez. 1998. Disponível em <http://produtos.seade.gov.br/produtos/spp/v12n04/v12n04_02.pdf>. Acesso em 8 jun. 2015.

_____. **A era da iconofagia: reflexões sobre imagem, comunicação, mídia e cultura.** São Paulo: Hacker Editores, 2005.

BARDIN, Laurence. **Análise de conteúdo.** Lisboa: Edições 70, 1988.

BBC. **'Insatiable': críticas que acusam série da Netflix de gordofobia são justificáveis?**

8 ago. 2018. Disponível em < <https://www.bbc.com/portuguese/geral-45122528>>. Acesso em 15 mar. 2019.

BYSTRINA, Ivan. **Soluções simbólicas para a assimetria dos códigos.** Palestra proferida para o CISC na Pós-graduação em Comunicação e Semiótica da PUC-SP em 1995. Disponível em

<http://www.cisc.org.br/portal/jdownloads/BYSTRINA%20Ivan/solues_simblicas_para_a_assimetria_dos_cdigos_culturais.pdf>. Acesso em 29 abr. 2019.

CONTRERA, Malena. **Mídia e pânico: saturação da informação, violência e crise cultural na mídia.** São Paulo: Annablume, 2002.

_____. Sobre o corpo que nos es(a)colhe: o corpo como mídia primária – acaso, ruído e memória. In GALEANO, Alex; CASTRO, Gustavo de; SILVA, Josimey Costa da. **Complexidade à flor da pele: ensaios sobre ciência, cultura e comunicação.** São Paulo: Cortez, 2003.

_____. **Mediosfera: meios, imaginário e desencantamento do mundo.** São Paulo: Annablume, 2010.

_____. Simpatia e Empatia – Mediosfera e Noosfera. In (BAITELLO Jr, Norval; WULF, Cristoph (orgs). **Emoção e imaginação: os sentidos e as imagens em movimento.** São Paulo: Estação das Letras, 2014.

CONTRERA, Malena Segura; BAITELLO JUNIOR, Norval. Na selva das imagens: Algumas contribuições para uma teoria da imagem na esfera das ciências da comunicação. Significação: **Revista de Cultura Audiovisual**, Brasil, v. 33, n. 25, p. 113-126, june 2006. ISSN 2316-7114. Disponível em: <<http://www.revistas.usp.br/significacao/article/view/65623>>. Acesso em 9 jul. 2017.

CORDÁS, Táki Athanássios; SALZANO, Fábio TAPIA. Aspectos gerais dos transtornos alimentares: características, critérios diagnósticos, epidemiologia e etiologia. In: ALVARENGA, Marle; SCAGLIUSI, Fernanda Baeza; PHILIPPI, Sonia Tucunduva (organizadoras). **Nutrição e Transtornos alimentares: Avaliação e Tratamento.** Barueri, SP: Manoele, 2011.

CORDÁS, Táki Athanássios; WEINBERG, Cybelle. **Do altar às passarelas: Da anorexia santa à anorexia nervosa.** São Paulo: Annablume, 2006.

CUNHA, Maria Aparecida Ladeira da. **Nas ruas e nas redes: ativismo e ecologia da comunicação na Marcha Mundial das Mulheres.** Dissertação de Mestrado apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Comunicação da Universidade Paulista, São Paulo,

2015. Disponível em https://www.unip.br/presencial/ensino/pos_graduacao/strictosensu/comunicacao/download/comunic_mariaaparecidaladeiracunha.pdf. Acesso em 25 mar. 2019.

CYRULNIK, Boris. **Os alimentos do afeto**. São Paulo: Ática, 1995.

_____. **Do 6º sentido – o homem e o encantamento do mundo**. Lisboa; Instituto Piaget, 1999.

DURKHEIM, Émile. **Da divisão do trabalho social**. 2. ed. São Paulo: Martins Fontes, 1999.

EISLER, Raiane. **O cálice e a espada: nosso passado, nosso futuro**. Rio de Janeiro: Imago, 1989.

ELLIS, Carolyn; ADAMS, Tony E.; BOCHNER, Arthur P. Autoethnography: Na Overview. In **Forum Qualitative Sozialforschung / Forum: Qualitative Social Research**, Vol 12, No 1 (2011). Disponível em <http://www.qualitative-research.net/index.php/fqs/article/view/1589/3096>. Acesso em 19 out. 2011.

FLUSSER. Vilém. **O universo das imagens técnicas: elogio da superficialidade**. São Paulo: Annablume, 2008.

FONSECA JUNIOR, Wilson Corrêa da. Análise de conteúdo. In DUARTE, Jorge; BARROS, Antonio. **Métodos e técnicas de pesquisa em comunicação**. 2. ed. São Paulo: Atlas, 2010.

FRAZÃO, Arthur. **Perigos dos medicamentos para emagrecer**. Disponível em <https://www.tuasaude.com/perigos-dos-medicamentos-para-emagrecer/>. Acesso em 22 mar. 2017.

FRANCISCHI, Artur. **Um lembrete: depressão não é dieta**. 16 mai. 2017. Disponível em <http://prosalivre.com/um-lembrete-depressao-nao-e-dieta/>. Acesso em 28 abr. 2019.

GEBAUER, Gunther; WULF, Cristoph. **Mimese na cultura: agir social, rituais e jogos, produções estéticas**. São Paulo: Annablume, 2004.

GERADORMEMES.com. **É engraçado porque ele é gordo**. Disponível em <http://geradormemes.com/meme/9x0akb>. Acesso em 10 mai. 2017.

GLOBO.COM. **Gwyneth Paltrow levava 4 horas para virar a Rosemary de 'O Amor é Cego'**. 7 out. 2011. Disponível em <http://redeglobo.globo.com/novidades/filmes/noticia/2011/10/gwyneth-paltrow-levava-4-horas-para-virar-rosemary-de-o-amor-e-cego.html>. Acesso em 15 mar. 2019.

GREER, Germane. **A mulher total**. Lisboa: Editorial Notícias, 1999.

GSHOW. **Do closet de casa para o mundo! Entenda o que é uma it-girl**. 24 mar. 2013. Disponível em <http://gshow.globo.com/novelas/sangue-bom/Fique-por>

dentro/noticia/2013/04/do-closet-de-casa-para-o-mundo-entenda-o-que-e-uma-it-girl.html>. Acesso em 1 mai. 2017.

GURGEL, Alexandra. **Body positive: o que é o movimento + dicas de como começar a ter uma imagem corporal positiva**. In Ju Romano. 2 ago. 2017. Disponível em <<https://juromano.com/comportamento/body-positive-o-que-e-dicas-de-como-ter-uma-imagem-corporal-positiva>>. Acesso em 24 fev. 2019.

HOLLANDER, Eric; SIMEON, Daphne. **Transtornos de ansiedade**. Porto Alegre: Artmed, 2004.

INFANTV. **Carrossel**. Disponível em < <http://infantv.com.br/infantv/?p=18591>>. Acesso em 28 abr. 2019.

KAMPER, Dietmar. O medial – o virtual – o telemático. O espírito de volta a uma corporeidade transcendental. In: Fassler, M./Halbacj, W. R. (org.). **Cyberspace. Gemeinschaften, virtuelle kolonien, öffentlichkeiten**. Munique, Wilhelm Fink, 1994. p 229-237. Trad. Ciro Marcondes Filho. Disponível em <<http://www.cisc.org.br/portal/biblioteca/medial.pdf>>. Acesso em 1 mai. 2017.

_____. **O trabalho como vida**. São Paulo: Annablume, 1998.

_____. O corpo vivo, o corpo morto. In **Seminário Internacional Imagem e Violência**. 29, 30 e 31 de março e 1 de abril de 2000. CISC – Centro Interdisciplinar de Semiótica da Cultura e da Mídia. SESC Vila Mariana – São Paulo, SP. Disponível em <http://www.cisc.org.br/portal/jdownloads/KAMPER%20Dietmar/o_corpo_vivo_o_corpo_morto.pdf>. Acesso em 1 mai. 2017.

_____. Imagem e violência: sobre o futuro da visibilidade. In **Seminário Internacional Imagem e Violência**. 29, 30 e 31 de março e 1 de abril de 2000a. CISC – Centro Interdisciplinar de Semiótica da Cultura e da Mídia. SESC Vila Mariana – São Paulo, SP. Disponível em <http://www.cisc.org.br/portal/jdownloads/KAMPER%20Dietmar/sobre_o_futuro_da_visibilidade.pdf>. Acesso em 1 mai. 2017.

_____. Corpo. Texto extraído do livro **Cosmo, Corpo, Cultura**. Enciclopédia Antropológica. A cura di Christoph Wulf. Ed. Mondadori. Milano. Italia. 2002. Disponível em <<http://www.cisc.org.br/portal/jdownloads/KAMPER%20Dietmar/corpo.pdf>>. Acesso em 1 mai. 2017.

_____. Imagem. Texto extraído do livro **Cosmo, Corpo, Cultura**. Enciclopédia Antropológica. A cura di Christoph Wulf. Ed. Mondadori. Milano. Italia. 2002a. Disponível em <<http://www.cisc.org.br/portal/jdownloads/KAMPER%20Dietmar/imagem.pdf>>. Acesso em 1 mai. 2017.

KTV. **Após perder o pai e o emprego, atriz emagrece 15 quilos e resultado impressiona**. 15 mai. 2017. Disponível <<http://entretenimento.r7.com/blogs/keila->

jimenez/2017/05/15/apos-perder-o-emprego-atriz-emagrecde-15-quilos-e-fica-gata/>. Acesso em 28 abr. 2019.

LAUS, Maria Fernanda. **Influência do padrão de beleza veiculado pela mídia na satisfação corporal e escolha alimentar de adultos**. 2012. Tese (Doutorado em Psicobiologia) - Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras de Ribeirão Preto, Universidade de São Paulo, Ribeirão Preto, 2013. DOI:10.11606/T.59.2013.tde-26032013-100917. Acesso em 22 fev. 2017.

LOWRY, Candance. **It's about damn time: we recognized Dorota as the best part of "Gossip Girl"**. 14 jan. 2015. Disponível em <https://www.buzzfeed.com/candacelowry/reasons-why-dorota-is-the-most-underrated-chara?utm_term=.whmjjKy1q#.kmAllXVzN>. Acesso em 22 abr. 2017.

MACHADO, Bruno. Os Muppets: veja a história dos personagens em imagens. In **Veja São Paulo**. 5 dez. 2011. Disponível em <<https://vejasp.abril.com.br/cidades/os-muppets-veja-historia-dos-personagens-em-imagens/>>. Acesso em 17 nov. 2018.

MAGOGA, Marco. **Ex-gordos e a "Síndrome de Monica Geller"**. In A Coisa Toda. 28 mai. 2016. Disponível em <<http://acoisatoda.com/2016/05/28/ex-gordos-e-a-sindrome-de-monica-geller/>>. Acesso em 22 abr. 2017.

MARTINS, Márcia Cristina Teixeira et al. **Ortorexia nervosa: reflexões sobre um novo conceito**. Rev. Nutr., Campinas, v. 24, n. 2, p. 345-357, Apr. 2011. Disponível em <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1415-52732011000200015&lng=en&nrm=iso>. Acesso em 22 mar. 2017.

MEIRELES, Marilucia Melo. **Anomia: ruptura civilizatória e sofrimento psíquico**. 2. ed. São Paulo: Casa do Psicólogo, 2004.

MESTRE, Natália. **A sibutramina, remédio pra emagrecer, matou minha irmã, diz publicitária**. 1 mar. 2016. Disponível em <<http://revistaglamour.globo.com/Na-Real/noticia/2016/03/sibutramina-remedio-pra-emagrecer-matou-minha-irma-diz-publicitaria.html>>. Acesso em 22 mar. 2017.

MICHAELLIS. **Preconceito**. Disponível em <<http://michaelis.uol.com.br/busca?r=0&f=0&t=0&palavra=preconceito>>. Acesso em 9 mar. 2017c.

MORIN, Edgar. **O enigma do homem**. Rio de Janeiro: Zahar, 1979.

_____. **El método: Las ideas**. Madrid: Ediciones Cátedra S.A., 1992.

_____. **Introdução ao pensamento complexo**. 3. ed. Porto Alegre: Sulina, 2005.

MORIYAMA, Josy de Souza. **Transtorno Dismórfico Corporal sob a perspectiva da análise do comportamento**. 2003. Dissertação (Mestrado em Psicologia) - Pontifícia Universidade Católica de Campinas, Campinas, 2003.

NACCARATO, Monique de Campos; DE OLIVEIRA LAGO, Eloi Marcos. **Uso dos anorexígenos anfepramona e sibutramina: benefício ou prejuízo à saúde?** In Revista Saúde. 2014, Vol. 8 Issue 1/2, p66-72. 7p.

NEUES MUSEUM. **Antigo Egito**. Disponível em <<https://www.smb.museum/museen-und-einrichtungen/neues-museum/ausstellungen/detail/alt-es-egypten.html>>. Acesso em 24 mar. 2019.

NUNCA fui beijada. Direção Raja Gosnell. Los Angeles: 20th Fox, 1999.

O DIA. **Mais de 60% dos jovens brasileiros dizem estar insatisfeitos com o corpo**. 17 jun. 2012. Disponível em <<http://odia.ig.com.br/portal/cienciaesaude/mais-de-60-dos-jovens-brasileiros-dizem-estar-insatisfeitos-com-o-corpo-1.452942>>. Acesso em 22 mar. 2017.

OMS, Organização Mundial da Saúde. **Global database on bodymass index**. Disponível em <<http://apps.who.int/bmi/>>. Acesso em 8 mar. 2017.

ONU, Organización de las Naciones Unidas para la Alimentación y la Agricultura; PAHO, Organização Pan-Americana da Saúde. **América Latina y el Caribe: Panorama de la seguridad alimentaria y nutricional. Sistemas alimentarios sostenibles para poner fin al hambre y la malnutrición, 2016**. Disponível em <<http://iris.paho.org/xmlui/bitstream/handle/123456789/33680/9789253096084-spa.pdf?sequence=1&isAllowed=y>>. Acesso em 22 fev. 2017.

OTTO, Isabella. **O suicídio da adolescente Dielly Santos e o falso body positive**. In Capricho, 16 jan. 2019. Disponível em <<https://capricho.abril.com.br/vida-real/o-suicidio-da-adolescente-dielly-santos-e-o-falso-body-positivity/>>. Acesso em 15 mar. 2019.

PERASSO, Valéria. **OMS: Suicídio já mata mais jovens que o HIV em todo o mundo**. 22 set. 2015. Disponível em <http://www.bbc.com/portuguese/noticias/2015/09/150922_suicidio_jovens_fd>. Acesso em 20 mar. 2017.

QG Feminista. **O que são as ondas do feminismo**. 8 mar. 2018. Disponível em <<https://medium.com/qg-feminista/o-que-s%C3%A3o-as-ondas-do-feminismo-eeed092dae3a>>. Acesso em 25 mar. 2019.

QUEBRANDO o tabu. **O nome dela é Jenifer**. 30 jan. 2018. Disponível em <<https://www.facebook.com/watch/?v=1137448099766653>>. Acesso em 29 abr. 2019.

RIBEIRO, Djamila. **O que é lugar de fala**. Belo Horizonte: Letramento: Justificando, 2017.

ROMANO, Vicente. **La formación de la mentalidad sumisa**. Madri: Endymion, 1998.

ROSSETTI, Victor. **As deusas Vênus do paleolítico**. In Net Nature. 7 dez. 2016. Disponível em <<https://netnature.wordpress.com/2016/12/07/as-deusas-venus-do-paleolitico/>>. Acesso em 25 mar. 2019.

SANTOS, Boaventura de Sousa. **A gramática do tempo: para uma nova cultura política**. 3. ed. São Paulo: Cortez, 2010.

SBEM, Sociedade Brasileira de Endocrinologia. **O que é a obesidade?** Disponível em <<http://www.endocrino.org.br/o-que-e-obesidade/>>. Acesso em 8 mar. 2017.

_____. **10 coisas que você precisa saber sobre cirurgia bariátrica**. Disponível em <<http://www.endocrino.org.br/10-coisas-que-voce-precisa-saber-sobre-cirurgia-bariatrica/>>. Acesso em 13 mar. 2017b.

SICUTERI, Roberto. **Lilith: a lua negra**. 3. ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1985.

SILVA, Glauber. Cálculo do IMC não é confiável – saiba o porquê e descubra as melhores alternativas para medir seus resultados. In **Mensure.me**, 20 jul. 2016. Disponível em <<https://mensure.me/blog/calculo-do-imc-nao-e-confiavel/>>. Acesso em 8 mar. 2017.

SODRÉ, Muniz. **Antropológica do espelho: uma teoria da comunicação linear e em rede**. Petrópolis, RJ: Vozes, 2002.

STOP Gordofobia. **Sabe? Eu tenho o corpo de uma deusa**. 21 mar. 2015. Disponível em <<https://www.facebook.com/stopgordofobia/photos/a.525580037496066/780604245326976/?type=3&theater>>. Acesso em 29 abr. 2019.

UOL Ciência e Saúde. **Bulimia e anorexia são responsáveis por uma internação a cada 2 dias em SP**. 23 out. 2013. Disponível em <<https://noticias.uol.com.br/saude/ultimas-noticias/redacao/2013/10/23/bulimia-e-anorexia-sao-responsaveis-por-uma-internacao-a-cada-2-dias-em-sp.htm?cmpid=copiaecola>>. Acesso em 22 mar. 2017.

VELHO, Gilberto (organizador). **Desvio e divergência: uma crítica à patologia social**. 5. ed. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1985.

VIGITEL – Sistema de Vigilância de Fatores de Risco e Proteção para Doenças Crônicas por Inquérito Telefônico do Ministério da Saúde. **Hábitos dos brasileiros impactam no crescimento da obesidade e aumenta prevalência de diabetes e hipertensão**. 17 abr. 2017. Disponível em <http://portalarquivos.saude.gov.br/images/pdf/2017/abril/17/Vigitel_17-4-17-final.pdf>. Acesso em 21 abr. 2017.

VÍRGULA, Portal. **Kelly Osbourne ataca de designer para criar coleção de roupas plus size**. In **Moda e Beleza**. 6 set. 2013. Disponível em <<http://virgula.uol.com.br/modaebelleza/kelly-osbourne-vai-lancar-colecao-de-roupas-plus-size/>>. Acesso em 22 abr. 2017.

VOMERO, Maria Fernanda. **Por que uma pessoa se mata?** 31 dez. 2002. Disponível em <<http://super.abril.com.br/comportamento/por-que-uma-pessoa-se-mata/>>. Acesso em 20 mar. 2017.

WHITEHEAD, Mat. **Rebel Wilson absolutely killed as Ursula in “The Little Mermaid” live in concert.** 5 jun. 2016. Disponível em <https://www.buzzfeed.com/matwhitehead/slay-witch?utm_term=.gnMQQVqb9#.jyQll3V2v>. Acesso em 22 abr. 2017.

WOODMAN, Marion. **A coruja era filha do padeiro: obesidade, anorexia nervosa e o feminino reprimido.** São Paulo: Cultrix, 1980.

WULF, Christoph. **Homo pictor: imaginação e aprendizado mimético no mundo globalizado.** São Paulo: Hedra, 2013.

YOUTUBE. **Gabriel Diniz – Jenifer (clipe oficial).** 21 set. 2018. Disponível em <<https://www.youtube.com/watch?v=D2rG7pXd2LY>>. Acesso em 29 abr. 2019.

_____. **Carrossel – momento dramático com Laura e música triste.** Disponível em <<https://www.youtube.com/watch?v=0YFbJeVaHMI>>. Acesso em 28 abr. 2019.

_____. **Carrossel 1991 – Momento Jorge e Laura.** Disponível em <<https://www.youtube.com/watch?v=QQElh0kOEvM>>. Acesso em 28 abr. 2019b.

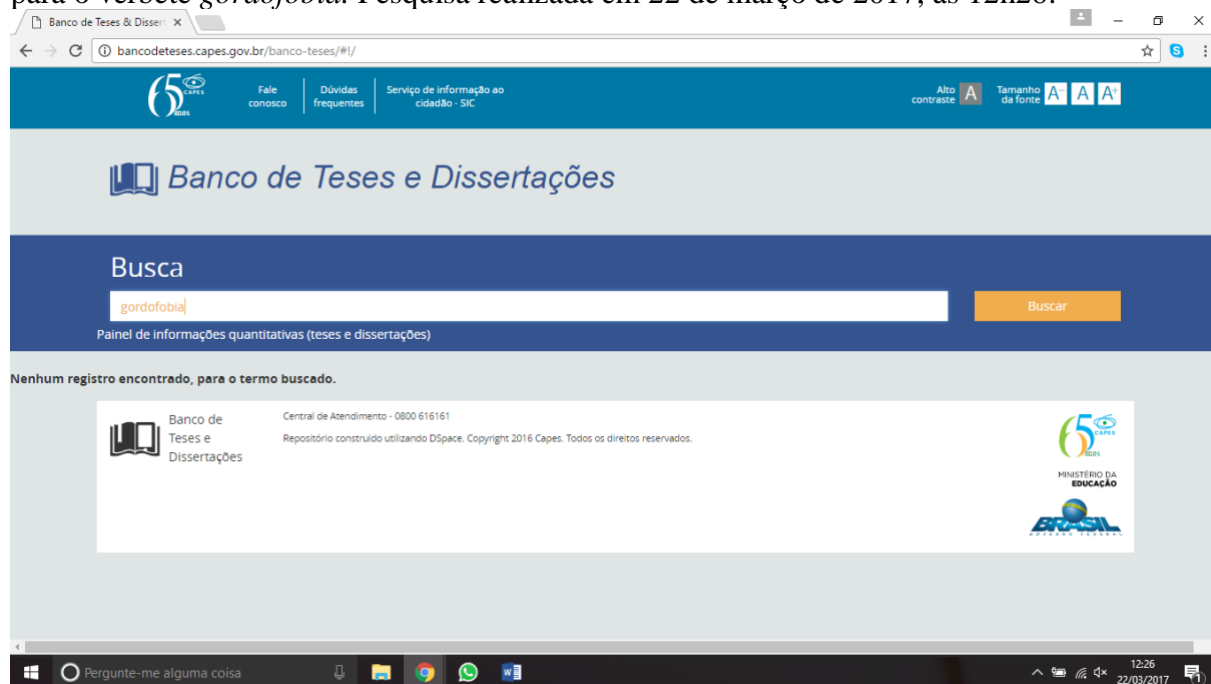
YOUTUBE para imprensa. Disponível em <<https://www.youtube.com/intl/pt-BR/yt/about/press/>>. Acesso em 29 abr. 2019.

ZANETTE, Laysa. ***Friends* e *Gray’s Anatomy* foram as séries mais maratonadas do mundo em 2018.** In **Adorocinema.** 20 dez. 2018. Disponível em <<http://www.adorocinema.com/noticias/series/noticia-145393/>>. Acesso em 28 abr. 2019.

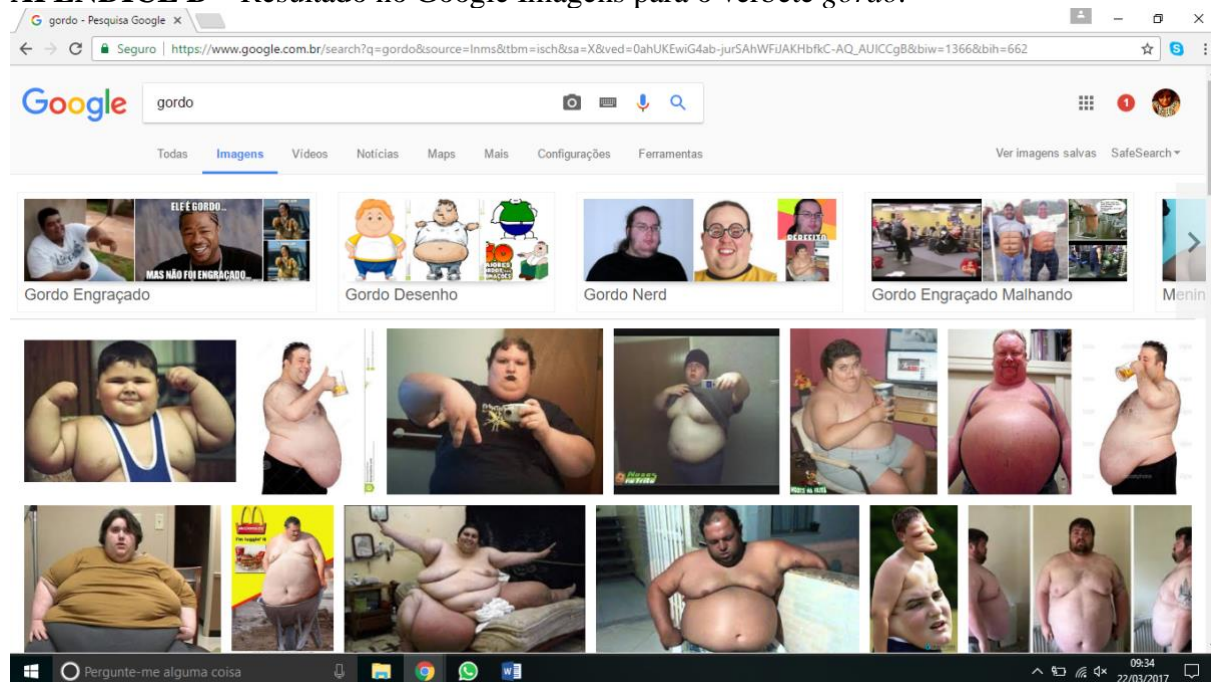
ZANIN, Tatiana. **Entenda o que é anorexia alcoólica.** Disponível em <<https://www.tuasaude.com/anorexia-alcoolica/>>. Acesso em 22 mar. 2017.

APÊNDICES

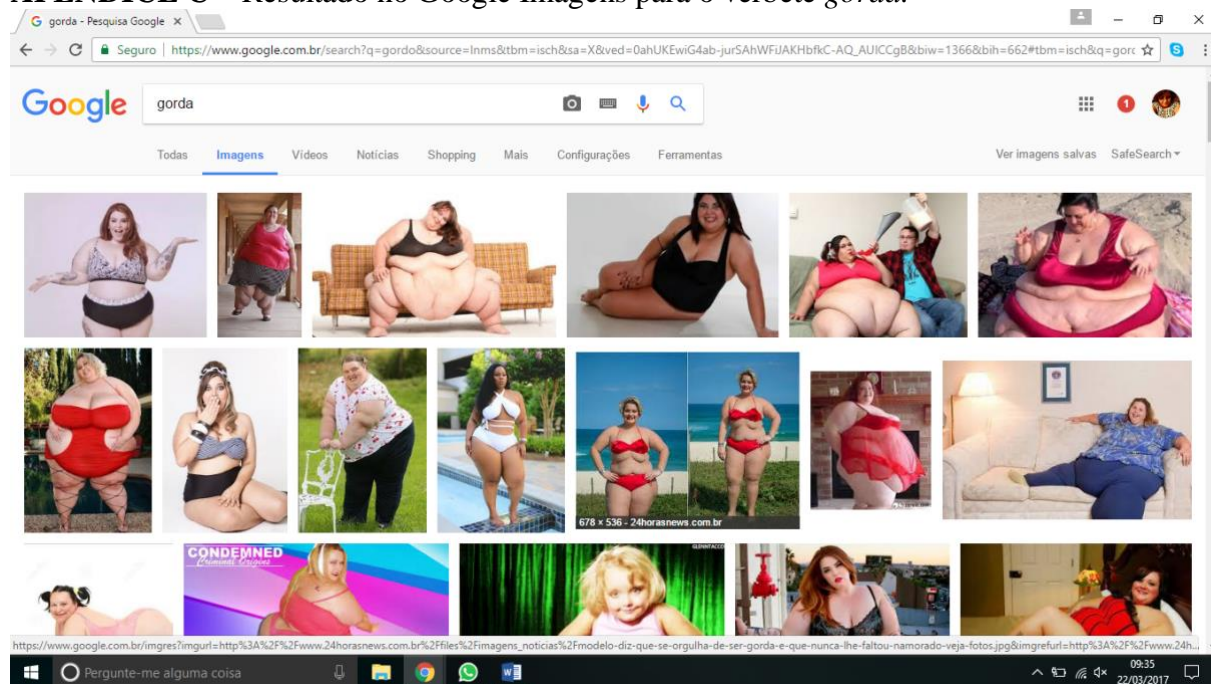
APÊNDICE A – No Banco de Teses & Dissertações da CAPES, não há um resultado para o verbete *gordofobia*. Pesquisa realizada em 22 de março de 2017, às 12h26.



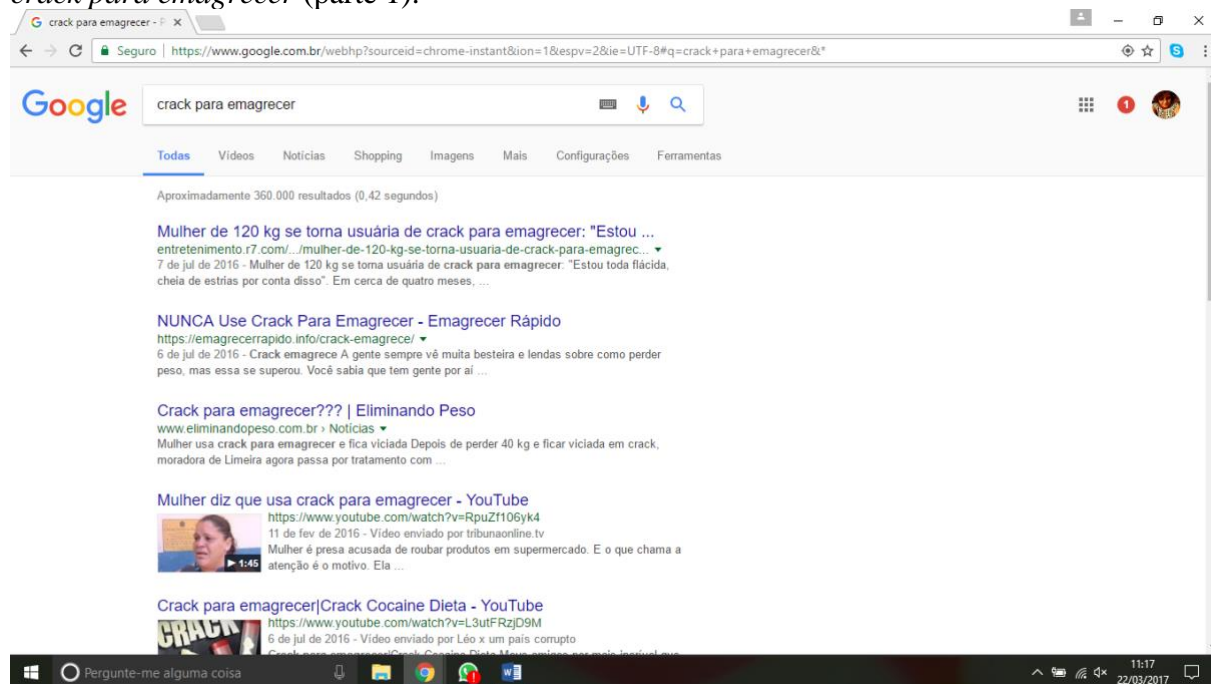
APÊNDICE B – Resultado no Google Imagens para o verbete *gordo*.



APÊNDICE C – Resultado no Google Imagens para o verbete *gorda*.



APÊNDICE D – Resultado no Google Web para a combinação de palavras, sem aspas, *crack para emagrecer* (parte 1).



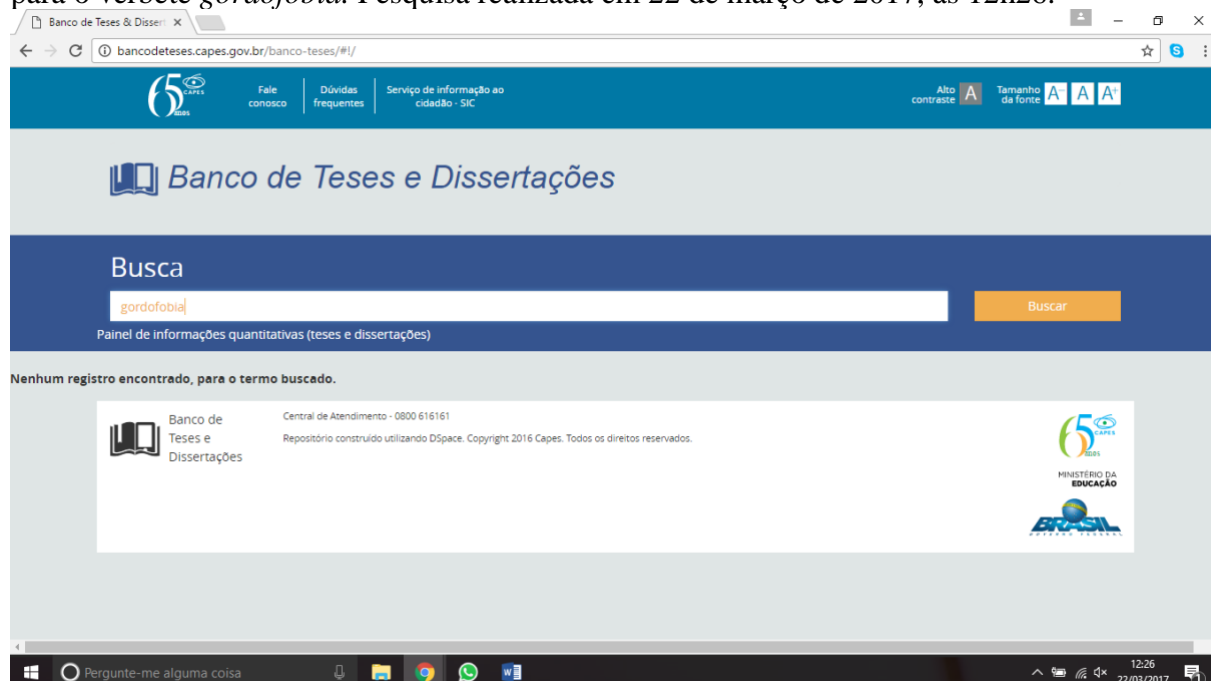
APÊNDICE E – Resultado no Google Web para a combinação de palavras, sem aspas, *crack para emagrecer* (parte 2).

A screenshot of a Google search result for the query "crack para emagrecer". The browser window shows the search results page with several links and snippets. The top result is a video titled "Mulher que pesava 100 kg fuma crack para emagrecer - Vídeos" from tribunadoceara.uol.com.br. Below it is a Yahoo Respostas link titled "Alguém sabe me dizer se Crack emagrece? | Yahoo Respostas". Further down is a link from pioneiro.clicrbs.com.br titled "Por que o crack é devastador - Pioneiro". Another link from www.fmsuper.com.br is titled "Capixaba que alega fumar crack para emagrecer é presa mais uma ...". At the bottom, there are links for "Pesquisas relacionadas a crack para emagrecer" including "usuarios de craque famosos", "usuário de craque sintomas", "tenho 120 kg como emagrecer", "craque droga fotos", "usuário de craque antes e depois", and "efeitos craque". The Windows taskbar at the bottom shows the time as 11:19 on 22/03/2017.

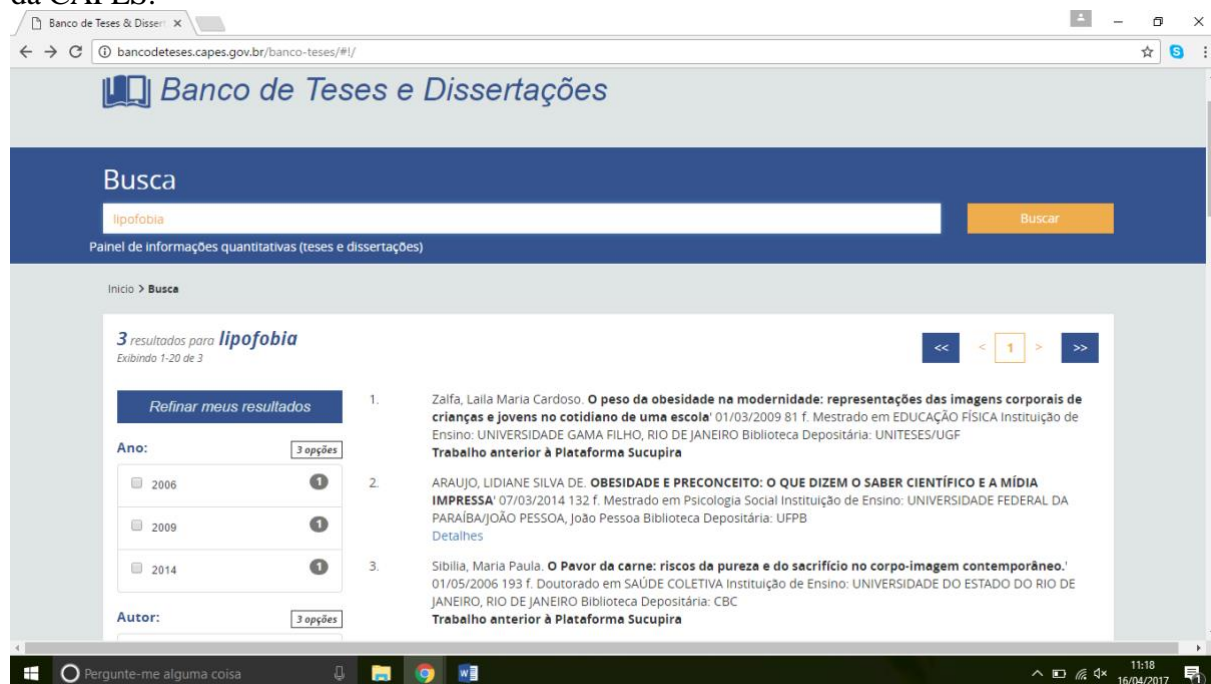
APÊNDICE F – Resultado no Google Web para a combinação de palavras, sem aspas, *cocaína para emagrecer*.

A screenshot of a Google search result for the query "cocaína para emagrecer". The browser window shows the search results page with several links and snippets. The top result is a link from www1.folha.uol.com.br titled "Folha de S.Paulo - Estudo explica como cocaína faz emagrecer - 29 ...". Below it is a link from psicoativo.com titled "Usando cocaína para perder peso: Fotos Antes e Depois * Psicoativo". Further down is a Yahoo Respostas link titled "Por que quem usa cocaína emagrece? | Yahoo Respostas". At the bottom, there is a link from lbgr.org titled "DROGAS. Britânicas apelam para a cocaína e speed para emagrecer.". The Windows taskbar at the bottom shows the time as 10:52 on 10/05/2017.

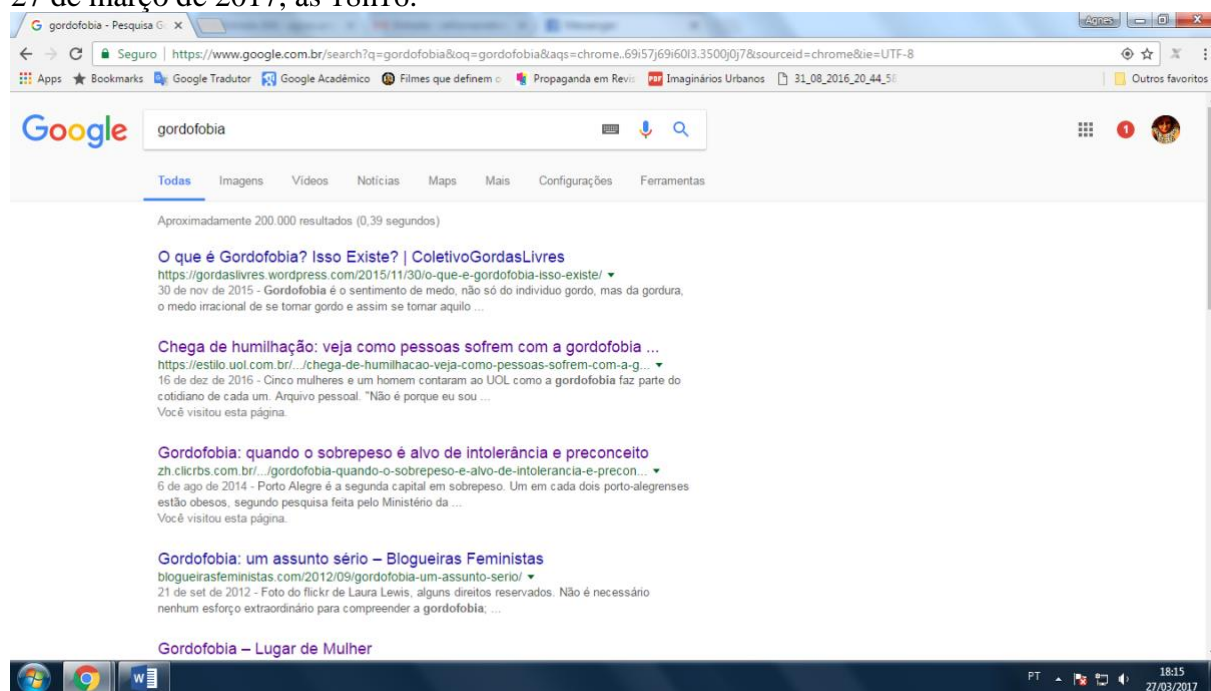
APÊNDICE G – No Banco de Teses & Dissertações da CAPES, não há um resultado para o verbete *gordofobia*. Pesquisa realizada em 22 de março de 2017, às 12h26.



APÊNDICE H – Resultado para o verbete *lipofobia* no Banco de Teses & Dissertações da CAPES.



APÊNDICE I – Resultado para o verbete *gordofobia* no Google. Consulta realizada em 27 de março de 2017, às 18h16.



APÊNDICE J – Resultado para o verbete *lipofobia* no Google. Consulta realizada em 28 de abril de 2019.

